



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**PARA ALÉM DA TUA MOLDURA.
A produção de sentidos sobre famílias por casais
homossexuais**

**Programa de
Pós-graduação em
Psicologia - UFPE**
Centro de Filosofia e
Ciências Humanas, 9º
andar – Recife/PE
Cep: 50670-901
Fone: (81) 2126 8730
www.ufpe.br/pospsicologia

**RECIFE/PE
2016**

ANA PAULA SANTIAGO PIMENTEL

**PARA ALÉM DA TUA MOLDURA.
A produção de sentidos sobre famílias por casais
homossexuais**

Dissertação apresentada pela Mestranda Ana Paula Santiago Pimentel ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca

**Recife/PE
2016**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

P644p Pimentel, Ana Paula Santiago.
Para além da tua moldura : a produção de sentidos sobre famílias por casais homossexuais / Ana Paula Santiago Pimentel. – 2016.
134 f. : 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2016.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Homossexualidade. 3. Família. 4. Sentidos e sensações. I. Fonseca, Jorge Luiz Cardoso Lyra da (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2016-77)

ANA PAULA SANTIAGO PIMENTEL

**PARA ALÉM DA TUA MOLDURA.
A produção de sentidos sobre famílias por casais
homossexuais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 18/02/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Benedito Medrado Dantas
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Anna Paula Uziel
(Examinador Externo)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Ao meu filho Matheus, que ele cresça em um mundo
mais tolerante.*

AGRADECIMENTOS

Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.

O pequeno príncipe – Antoine de Saint-Exupéry.

A Deus, primeiramente e acima de tudo, não só pela vida e por me conceder a oportunidade de me melhorar em cada existência, mas também por guiar minha caminhada em cada pequeno passo das inúmeras jornadas das vidas.

À Espiritualidade amiga, que sempre está ao meu lado, intuindo-me nos momentos de dúvida e me fortalecendo em cada instante de dor e hesitação.

Aos meus pais, Nilson e Gercilda, exemplos do que é amor incondicional, que sempre estiveram e sempre estarão ao meu lado, me apoiando em cada projeto e em todas as escolhas, loucas e sãs, que eu faço. Foram eles, aliás, que me ensinaram a ser tolerante, a respeitar as diferenças e que amor é amor, independente de quem ama e a quem ama. Sem eles, essa dissertação jamais teria se finalizado. Obrigada por me ajudarem a ter tempo para escrevê-la, embalando nos braços, alimentando e cuidando do meu pequeno filho, nas infinitas horas que meus braços não podiam carregá-lo por estarem tentando cumprir os prazos de finalização desse trabalho.

Ao meu companheiro de jornada Ruben e ao meu filho Matheus. Obrigada por estarem ao meu lado, por compreenderem os momentos em que tive que me ausentar das brincadeiras, e adiar as 'saídas', forçando todo mundo a ficar em casa porque eu tinha que escrever. Obrigada também ao meu companheiro por se desdobrar nos finais de semana, para que eu pusesse cumprir meus prazos com esse trabalho e por suportar meu mau humor, que eu sei que não foi pouco, nos últimos meses de conclusão dessa etapa.

À minha avó Rizete Pimentel, que não está mais neste plano físico, por já ter retornado à pátria espiritual, mas que com certeza sempre estará presente em cada conquista minha, porque amor é eterno e transcende os limites do plano físico.

Ao querido professor e orientador Jorge Lyra, que sempre me auxiliou com toda a paciência, atenção e carinho. Nunca me senti só nessa caminhada, porque sabia do seu apoio a todo momento. Obrigada por toda a ajuda e suporte que você me deu nesses dois anos de trabalho; obrigada por tornar leve os momentos de orientação e por ser essa pessoa doce e amável que você é. Te quero muito bem.

O mestrado me trouxe algumas boas surpresas e amizades maravilhosas, e dentre elas, há uma que eu preciso destacar, porque é daquelas amizades muito boas, que acontecem vez ou outra na vida e que deixam os dias da gente bem mais felizes. É claro que essa amizade linda que essa etapa me trouxe, foi você, minha amiga Juliana Gama. Às vezes Deus nos envia, com o nome de amiga, aquela irmã que se esqueceu de vir em nossa família consanguínea. Obrigada por estar comigo nesses dois anos, dividindo as angústias, os risos, os desesperos com os prazos, as mensagens hilárias e as sérias no ‘zap zap’, por ter dividido comigo até aquele quarto, cheio de sapos e baratas em Aldeia, lembra? Obrigada por ser minha confidente e por me deixar ser a sua. Sem você, esse mestrado teria sido muito menos leve. Ah, quase me esqueço, tenho uma coisa pra te contar... mas depois eu te conto. rsrs

Agradeço também ao Gema e ao muito que eu pude aprender e trocar com o grupo. As discussões nos grupos de estudo sempre foram de uma enorme riqueza pra mim. Meu muito obrigada também as flores do gema, amigas e amigos lindos que eu fiz e que tocam meu coração de maneira muito especial: Luiz, Thaíssa (Colibri), Marianna, Ana Luiza e Celestino. Levo vocês guardadinhos aqui comigo. Largo esse afeto mais nunca na vida.

Aos meus amores e amoras da turma do mestrado, porque essas coisas de afinidade e sintonia não precisam ser explicadas, só sentidas.

Meu muito obrigada ao querido Benedito, não apenas pelas disciplinas deliciosas que eu tive o prazer de cursar e aprender muito (sim, confesso, suguei tudo o que eu podia), mas especialmente por ter me alertado sobre tantos entraves em mim. Muito obrigada, teus valiosos conselhos e sugestões foram sempre vistos por mim, com muita seriedade e importância.

Meu muito obrigada também à professora doutora Anna Paula Uziel, não apenas por ter aceitado integrar a banca do meu trabalho, mas também por ter me auxiliado com sugestões tão importantes na qualificação.

Obrigada a querida amiga e eterna orientadora Danielle Sátiro. Dani, você esteve comigo no início, me dando força, dicas, sábias e precisas orientações e ouvindo meus desabafos em vários momentos; claro que não poderia esquecer de você jamais. Gosto de você demais viu.

À equipe do PAPAI, pelas reuniões regadas a muita informação e conhecimento. Elas sempre foram de extrema riqueza para mim.

Aos meus interlocutores, que me mostraram, mais ainda, as infinitas possibilidades de ser feliz e que afetos, desejos, vontades e amor não cabem em nenhuma moldura, porque sempre transbordam; e que bom que é assim.

A CAPES que financiou essa pesquisa, tornando-a possível.

RESUMO

Não há definição possível a ser dada para família, uma vez que engloba uma infinidade de possibilidades de configurações. Hoje, entende-se que família é uma palavra plural, por não traduzir apenas um modelo. As motivações para iniciar uma família; por quem é formada e como se arranja, dentro de uma enorme gama de possibilidades é infinita; não permitindo mais explicações simplistas que de(limitem) esse instituto. Nesse trabalho analisamos a produção de sentidos sobre família, por casais homossexuais masculinos; compreendendo como eles entendem família e como nomeiam suas relações; para isso utilizamo-nos da metodologia qualitativa. Foram entrevistados seis casais através da técnica das narrativas e uma posterior construção e análise dos dados através dos mapas de associação de ideias. De acordo com as narrativas dos interlocutores, e também em referências aos objetivos específicos desse trabalho, encontramos e nos debruçamos sobre quatro eixos temáticos: 1 – primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento; 2 – entender-se homossexual; 3 – questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação e 4 – produção de sentidos sobre família. Através desses quatro eixos temáticos, foram analisadas as produções de sentidos sobre famílias pelos seis casais estudados. Percebemos, na maioria das narrativas, que os casais homossexuais nem sempre têm rompido com o modelo hegemônico de família; tentando, por vezes, se incorporar ao mesmo padrão familiar da dita família tradicional.

Palavras – chave: Famílias. Família Homossexual. Produção de Sentidos. Sexualidade.

ABSTRACT

There is no possible a definition to be given to the term family, since it itself includes a multitude of possible configurations and arrangements. Today, it is understood that family is a word that must be understood in the plural precisely because not only translate just one model. The motivations to start a family; by whom it is formed and how it is arranged within a huge range of possibilities is endless; not allowing more simplistic explanations that tend to (limit) this institute. In this paper we analyze the production of meanings about family, gay male couples; understanding how they understand and call their relationships; for this, we use the qualitative methodology. We interviewed six couples through technical narratives and subsequent construction and analysis through the association maps of ideas. According to the narratives of the interlocutors, and also in reference to the specific objectives of this study, we found and worked with four themes: 1 - first steps of the Union and information on the relationship; 2 – understand himself as homosexual; 3 - questions that are put to difficulties for the experience of relationship and 4 - production of meanings about family. Through these four themes, we analyzed the understanding about families for the six studied couples. We noticed, in the most of the narratives, that gay couples are not always broken with the hegemonic model of family; trying sometimes to incorporate the same familiar pattern of the traditional family.

Keywords: Families. Homosexual family. Senses production. Sexuality

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil sócio demográfico dos interlocutores.....	65
Quadro 2 – Tempo de relacionamento por casal.....	71
Quadro 3 – Grau de escolaridade e condição sócio econômica.....	74
Quadro 4 – Informações sobre o estado conjugal.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Acquired Immunodeficiency Syndrome (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida)

GEMA – Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

RMR – Região Metropolitana do Recife

STF – Supremo Tribunal Federal

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Caminhada pessoal e dissertativa	14
1.2 Apresentando os capítulos.....	19
2. MARCOS CONCEITUAIS – DOS LOCAIS DE POSICIONAMENTOS.....	20
2.1 Sob a óptica do construcionismo social	20
3. GRUPO, COLEGAS, CONHECIDOS? NÃO! FAMÍLIA.	30
2.2 Famílias com ‘S’	32
2.3 Entre amores, afetos e leis.....	40
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
4.1 Aspectos éticos da pesquisa.....	53
4.2 A narrativa em destaque	55
4.3 Práticas discursivas e produção de sentidos.....	60
4.4 Dos detalhes à família: 12 homens e nenhum segredo	64
5. VOLTANDO O OLHAR PARA OS SENTIDOS – RESULTADOS E ANÁLISES.....	70
5.1 Seis casais em foco	70
5.2 Contando histórias que produzem histórias	74
5.2.1 Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento	75
5.2.2 Entender-se homossexual.....	86
5.2.3 Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual	93
5.2.4 Produção de sentidos sobre família.....	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
7. REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	122

1. INTRODUÇÃO

Me deixe em paz. Deixe o meu, o dele e dos outros em paz. Qual é rapaz? Que que você tem com isso?! Porque que se incomoda com o tamanho da minha saia. Se eu sou negra, se eu sou branca. Se como com a mão ou com a colher. Se cadeirante, nordestino, dissonante. Se eu gosto de homem ou de mulher. Se eu não sou como você quer.

Não sei porque que te incomoda a liberdade amorosa dos seres ao seu redor. Não sei porque te ofende mais uma pessoa amada, do que uma pessoa armada. Não sei porque te insulta mais quem de verdade ama, do que quem lhe engana.

Dizem que vemos o que somos, por isso é bom que se investigue o que está por trás do seu espanto, do seu escândalo em ver o romance ardente, como todo mundo, nada demais, só que entre seres iguais. Cada um sabe o que faz com seus membros, prominências, orifícios, seus desejos, seus interstícios. Me deixe em paz, cada um sabe o que faz.

Plante a paz. Essa guerra não se denomina, mas que mata tantos humanos. Esses inteligentes animais. É um verdadeiro terror urbano que ninguém aguenta mais.

Conhece-te a ti mesmo. Esse continua sendo o segredo que não nos trai. Meu conselho: deixa que o sexo alheio seja assunto de cada eu. E pelo amor de Deus, vá cuidar do teu.

(Poemeto do amor ao próximo – Elisa Lucinda)

1.1 Caminhada pessoal e dissertativa

A língua portuguesa é o idioma que possui o maior número de variações da palavra “porque”. Nenhuma outra língua, ainda em uso ou já extinta no mundo, possui tantas formas de se indagar e de se responder.

O porquê remete a questões, indagações, perguntas, problemas e também a respostas; a esse desejo constante de querer sempre saber. Em mim, particularmente, a busca dos porquês sempre se mostrou algo meio que latente; em potencialidade, esperando o momento certo (se é que há um momento que seja ‘certo’) de eclodir.

A graduação acendeu a chama do pavio do desejo de perguntar; querer entender determinados aspectos. Eu sempre fui encantada pelo universo do pessoal, ou da pessoa, mas era extremamente fascinada pelo que a pessoa fazia e construía quando estava em meio aos ‘coletivos’. Foram meus estudos feministas à época, bem como a leitura de Simone de Beauvoir (1967) e sua célebre frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”¹, que faziam crescer em mim o interesse pela formação do ser quando em interação com o outro. Ninguém se faz sozinho ou se compreende sem o olhar de outro sujeito. É o contato social que agrega e passa valores, sejam eles morais ou éticos; de normas construídas ou produzidas de forma societal (numa perspectiva de moral prescritiva) ou de normas manipuladas de maneira social (dentro de um contexto de moral dialógica) como traz Spink (2000) em seu trabalho sobre a ética na pesquisa social. Nascia, dessa maneira, o desejo e o foco na psicologia social e eu comecei então, também a me interessar por pesquisas científicas.

Entrei em um grupo, na faculdade, que pesquisava e estudava sexualidade; e foi assim que me incorporei a uma pequena turma que estava pesquisando a homofobia em ambientes universitários. Envolvi-me com o tema, com os relatos e com a realidade gritante do que pesquisávamos; tive a certeza então, que eu precisava me aprofundar em todos os porquês (sejam eles de perguntas e/ou de respostas) dentro de alguma temática que atravessasse a discussão LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais. Travestis, Transexuais e Trânsgeros), mas o quê? Qual tema dentro dessa enorme seara?

O grupo de pesquisa se extinguiu, mas minhas reflexões acadêmicas e pessoais continuaram. Iniciei um estágio, que depois virou emprego, em um órgão público que trabalha

¹ A escritora, filósofa e feminista francesa, Simone de Beauvoir, inaugura o segundo volume de sua famosa obra (O segundo sexo), com essa frase.

com Direitos Humanos no estado de Pernambuco e, meus horizontes reflexivos, assim como meus embasamentos teóricos, se ampliaram enormemente. À época (era o ano de 2009), não havia um órgão ou setor específico para receber as demandas do público LGBT (em nível público/estatal); então éramos nós que recebíamos os casos. Era o ano também que fora promulgada a Lei 12.010/2009 que versa sobre o Direito à Convivência Familiar e Comunitária de Crianças e Adolescentes; e quando comecei a ter maior contato com textos de autoras como Anna Paula Uziel, Elizabeth Zambrano, Maria Berenice Dias entre outras (os) que discutiam famílias, famílias formadas por casais de homens, homoparentalidade etc.

Comecei então a me deparar (e encantar) com as discussões sobre as diversas configurações familiares. Fui pesquisar bibliografias, filmografias e tudo que pudesse trazer um referencial e um embasamento teórico para fortalecer e esclarecer em mim, esse tema que me atravessava e me mobilizava fortemente. As de(limitações) que se impunham sobre os afetos me tocavam de alguma maneira em especial, por razões que eu não entendia à época e talvez não entenda muito bem ainda hoje; mas, o fato, é que os estudos sobre família mexiam comigo e me impulsionavam, não apenas por uma questão acadêmica, de pesquisa, mas, especialmente, por questões muito íntimas minhas, pessoais. Havia, então, encontrado minha coluna de sustentação, meu norte; e reencontrado o sentido dos meus desejos, tanto pessoais quanto acadêmicos, e todos meus infinitos “porquês”. A discussão da sexualidade deixou de ser figura, passando a ser um de meus marcos teóricos; e a discussão de famílias formadas por um casal de homens tomou as rédeas dos meus impulsos de pesquisadora.

Em meu trabalho de conclusão de curso, na graduação, pesquisei a adoção de crianças por casais homossexuais. Discuti, então, como se deu a evolução das leis sobre a adoção no Brasil, bem como apresentei como estava a legislação (à época de 2009) e a visão psicossocial a respeito da adoção por casais homossexuais. Mas ainda havia muito a ser discutido, e na especialização ampliei a pesquisa e estudei o contexto das adoções homossexuais no Brasil em um período de 10 anos (2002 – 2012); analisando para isso, os novos arranjos familiares; as mudanças no entendimento do legislativo e do judiciário sobre o tema, bem como a descrição da maioria dos casos de adoção por casais formados por homossexuais ocorridos no Brasil (em que consta no registro da criança o nome dos dois pais ou das duas mães), nesse período de tempo.

O conhecimento, no entanto, não é algo que possa ser produzido sozinho, mas sim algo que as pessoas constroem juntas (SPINK; MENEGON, 2013); dessa maneira, durante

toda a minha trajetória nesses dois anos de mestrado, jamais caminhei ou pensei algo sozinha. Diversas companhias compartilharam esse trajeto somando informações que, de forma também acompanhada, eu pude transformar em conhecimento. Por isso, é nesse contexto de coletivos, que deixarei neste momento, de utilizar a primeira pessoa do singular, para usar a primeira pessoa do plural.

Voltar o olhar para as famílias formadas por um casal com orientação homossexual, não só é atual e relevante, mas sobretudo (especialmente em tempos de ‘estatutos da família’² como o que estamos vivendo) é importante porque contribui para a reflexão sobre as diversas implicações, tanto sociais, quanto políticas, civis, psicológicas e jurídicas que as recentes discussões sobre família no congresso nacional brasileiro têm trazido para todos os lares nacionais; visibilizando ou invisibilizando variados arranjos familiares. Mas ainda, essa discussão é importante porque dá relevância e coloca a temática no âmbito tanto dos Direitos Humanos (DH) quanto dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. No caso dos DH (estamos falando da definição que foi compreendida na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 na qual se entende como Direitos Humanos, todos os direitos fundamentais, de dignidade e de valor da pessoa humana e na igualdade de direitos entre homens e mulheres), utilizando como instrumento principal um dos princípios da Constituição Federal Brasileira de 1988, que é o da igualdade, que afirma que todos são iguais, independente de crenças religiosas, raça, condição socioeconômica, orientação sexual etc. Já no caso dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, temos como referência o manual lançado em 2006 pelo Ministério da Saúde que afirma, em sua parte primeira, que todo (a) cidadão (ã) tem direito de viver e expressar livremente a sexualidade; de escolher o (a) parceiro (a) sexual; de ter relações independente de reprodução; de decidirem, de forma livre e responsável, se querem ou não ter filhos, quantos filhos e em que momentos de sua vida; dentre outros direitos.

Desde o início do século XX que o instituto família passou a ser compreendido de uma forma mais ampliada. A forma estacionária e única de se entender família, como um agrupamento que se resumia a pai-mãe-filhos começou a sofrer mudanças não apenas em sua variedade de arranjos, mas também nas motivações que as constituem.

² Estatuto da família é o projeto que propõe regras jurídicas para definir quais grupos podem ser considerados uma família perante a lei. Tal estatuto foi aprovado pela câmara dos deputados, em Brasília, no dia 24 de setembro de 2015.

Elizabeth Zambrano (2006) vem dizer que há hoje um entendimento pluralizado sobre o que é família³ devido ao fato das suas várias expressões e, desse instituto ser encontrado em quase todas as sociedades e culturas.

Porém, alguma definição de família, mesmo que bastante ampla, se faz necessária; uma vez que de acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 226: “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (BRASIL, 1988). Levando-se em conta essa definição jurídica, é importante identificar o que é família, reconhecer e legitimar suas novas estruturas e modelos, para que essa segurança e proteção, as quais a Constituição se refere, sejam garantidas pelo Estado e pela sociedade. Mas a necessidade de se debruçar sobre as definições e compreensões a respeito do que o termo ‘família’ pode traduzir, se deve não apenas a importância de se assegurar direitos, mas sobretudo para que se possa retirar a ilusão de que esse termo só possa vir a representar e traduzir uma única forma de entendimento (UZIEL, 2002). Precisa-se de fato discutir as diversas expressões de família para que se desmistifique a ideia de que esse instituto carregue consigo uma unanimidade de expressão, que na realidade, não existe.

Observa-se hoje que a compreensão de família ainda está inserida, mesmo na contemporaneidade, em uma norma de valores ainda ligada a compreensões religiosas e de uma construção histórica que limitam e discriminam as pessoas; normas essas ainda muito embasadas na imagem da família patriarcal estudada por Gilberto Freyre⁴, que acabam por cercear o sujeito em seus direitos básicos, como o de constituir uma família com outra pessoa, independentemente do sexo que este outro tenha e de ter socialmente essa família legitimada⁵. Foucault (1985) faz referência a emergência do bio-poder como institucionalização controladora dos corpos. Para o autor, o sexo é notadamente uma questão de disputa política

³ No entanto, se faz importante esclarecer sobre o termo ‘família tradicional’, que tem sido utilizado recentemente para designar às famílias nucleares formadas por pai-mãe-filhos. Nesse tipo de família, os papéis desempenhados por homens e mulheres são bastante específicos. Nesse modelo, de acordo com Pratta; Santos (2007) cabe, ao homem, a função de provedor e chefe da casa; é este homem que possui autoridade sobre sua mulher e filhos; já a mulher tem atuação doméstica, no âmbito da vida privada, gerando e educando a prole.

⁴ Precisamos, no entanto, afirmar que comungamos do pensamento de Cláudia Fonseca (2004) que diz que o modelo trazido por Freyre é simplista, pois faz uma leitura extremamente limitada da sociedade colonial Brasileira; uma vez que nas diferentes camadas sociais e nas diversas localidades, havia uma diversidade enorme de estruturas e configurações familiares. O foco apenas na casa grande e na senzala está longe de refletir os matizes das configurações familiares existentes na época. Como diz Fonseca (2004, p. 57): “a noção de ‘família patriarcal’ extensa, tal qual foi descrita por Freyre, é vista como sendo de relevância limitada”. Quando, portanto, nos referimos a esse modelo, é por entendermos que fora dos círculos acadêmicos, a imagem da dita família tradicional/base, está ligada não só ao conceito Cristão, mas também a essa concepção Freyriana.

⁵ Quando me refiro a legitimação da família a um nível social, não me refiro absolutamente à ferramenta do casamento civil, mas sim a legitimação que leva a igualdade de direitos e deveres perante a sociedade, o reconhecimento da família para além da compreensão homem, mulher e filhos.

que tem como fio condutor o poder de organização em torno da vida. Garantir a vida da espécie humana implica em controle do corpo, sendo assim ele é constantemente vigiado e controlado a partir de políticas sociais.

Assim, a temática de família está atrelada a construções sociais que sinalizam para dimensões morais, mecanismos de poder e dispositivos da sexualidade que mencionam verdades sobre o que a família é. É devido a isso que o reconhecimento das famílias formadas por homossexuais encontra tanta barreira e dificuldades no Brasil.

Apesar de todo o preconceito relativo à homossexualidade, que se expressa, muitas vezes, em práticas homofóbicas violentas, a concessão de benefícios e direitos patrimoniais a parceiros do mesmo sexo é vista com certa aceitação. O grande problema é quando se trata da família, ainda bastante sacralizada, apesar de todas as mudanças do mundo ocidental, especialmente nos últimos 50 anos. (UZIEL, 2009, p. 107)

É pelos constantes entraves e interdições no reconhecimento de famílias que fogem ao padrão hegemônico monogâmico e heterossexual, que achamos importante abrir um espaço de fala para casais homossexuais⁶ narrem suas histórias, falem sobre suas famílias, a fim de que a legitimação da união, que já está posta no nível privado de suas intimidades, venha a público trazendo reflexões de novas questões, indagações e estratégias de efetividade de direitos para os mais diversos arranjos de família.

Dessa maneira a presente pesquisa tem por objetivo analisar os sentidos produzidos sobre família por casais homossexuais masculinos, tendo como referência as suas trajetórias relativas à sua história de vida e a sua presente união sexual e/ou afetiva. Como objetivos específicos pretendemos: 1 – Identificar as informações sobre sua história de vida e de relacionamentos; 2 – Compreender seu processo de descoberta e reconhecimento da homossexualidade⁷ e 3 – Identificar que questões se apresentaram como dificuldades em sua trajetória de constituição de família.

⁶ Estou utilizando no título dessa dissertação, bem como no seu corpo, o termo ‘casais’, primeiro porque foi a palavra que utilizei no início das minhas buscas pelos interlocutores dessa pesquisa; segundo porque senti uma necessidade de nomear esses encontros. Compreendo, no entanto, que uma nomeação, não dá conta (e nem é esse meu objetivo com esse trabalho) de uma unicidade de entendimentos para seis experiências que não necessariamente são similares.

⁷ Utilizo os verbos descobrir e reconhecer por terem sido os mais utilizados nas narrativas dos interlocutores.

1.2 Apresentando os capítulos

Essa dissertação está dividida em seis capítulos, a saber: a introdução no capítulo 1, capítulo 2, referente aos marcos conceituais; capítulo 3, marco teórico; capítulo 4, procedimentos metodológicos, o capítulo 5 referente as análises e resultados e o sexto capítulo onde colocamos as nossas considerações finais.

O capítulo dos marcos conceituais é referente à perspectiva construcionista, no qual apresentamos os conceitos e nos posicionamos a respeito de que bases teóricas parte o nosso olhar.

O terceiro capítulo traz as discussões teóricas sobre família, e o cenário brasileiro atual, com as recentes discussões do congresso nacional sobre a enquete, que foi lançada em âmbito nacional a respeito do que é família, e o recente estatuto da família, aprovado pela câmara dos deputados em setembro de 2015.

Os procedimentos metodológicos, estão contidos no capítulo 4, no qual são discutidos os aspectos éticos da pesquisa, o método utilizado para as entrevistas com os casais: a narrativa; e os métodos de análise embasados nas práticas discursivas e produção de sentidos, através dos mapas de associação de ideias. Além desses três tópicos, também é contado todo o processo de como chegamos até os casais que participaram desse trabalho, o momento de entrevistas e um resumo de como elas aconteceram.

O capítulo quinto, das análises e resultados foi dividido em duas partes: seis casais em foco, que traz um relato das dificuldades encontradas e algumas informações sobre os interlocutores e o tópico: contando histórias que produzem histórias, este, por sua vez, subdividido em quatro tópicos que por sua vez correspondem aos eixos temáticos da análise, a saber: 1 – primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento; 2 – entender-se homossexual; 3 – questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual e 4 – produção de sentidos sobre família.

Nas considerações finais trago meus afetos e afetações durante a produção desse trabalho e de mim mesma. Os amadurecimentos pelos quais a pesquisa e eu passamos e uma reflexão sobre a temática trabalhada.

2. MARCOS CONCEITUAIS – DOS LOCAIS DE POSICIONAMENTOS

2.1 Sob a óptica do construcionismo social

Se minha mãe, minha família, meus amigos têm preconceito, infelizmente acho que não é culpa só deles; sabe? Acho que eu vim de um curso também... eu sou assistente social; então eu sei o quanto a sociedade, o quanto a religião influencia a decisão de muitas pessoas. Então hoje eu compreendo um pouco minha família, compreendo minha mãe e alguns amigos meus que me deram as costas; porque não é culpa unicamente do ser humano em si, mas de uma sociedade hipócrita, machista, homofóbica e de uma religião também que tem uma grande influência sobre todos eles.

Marco (casal 6)

Os sentidos de família, composta por homossexuais, produzidos pelas mais diferentes pessoas⁸ podem ser muito diversos. O leque de compreensões sobre o tema, por vezes, se torna muito amplo e, dessa forma, torna-se necessário algum referencial teórico que nos dê meios de sustento e de embasamento e que também se afine às nossas próprias convicções e discussões.

Para ser possível então, darmos conta de promover uma reflexão e discussão a respeito dos sentidos sobre uma família homossexual, não apenas pelos próprios sujeitos que afirmam estar inseridos nesse contexto; mas também pela comunidade em geral, optamos pelo caminho que mais se afina com o nosso senso ideológico e nossa proposta de trabalho, que é o caminho do construcionismo⁹ social. Pensamos que uma leitura crítica, sob a óptica construcionista, nos faz adquirir uma melhor compreensão dessas construções de sentidos sobre famílias formadas por um casal com orientação homossexual.

Dessa forma, este trabalho inicia-se trazendo os conceitos do construcionismo que além de, acreditarmos, dará um bom embasamento às nossas discussões, também se constitui na corrente epistemológica à qual nos afinamos como pesquisadora.

⁸ Utilizamos aqui o termo “pessoa” ao invés de indivíduo, porque compartilhamos do entendimento de Mary Jane Spink (2011) que ao usar a palavra “indivíduo”, estamos ainda no entendimento clássico de dicotomia entre sociedade e indivíduo; como se esse último também não se concretizasse como um ser ativo de processos de produção de sentidos, que atravessa e também é atravessado pelo meio social. A noção de “pessoa”, no entanto, ainda de acordo com Spink (2011), possui em seu sentido, essa ideia de ser intrinsecamente relacional.

⁹ Neste trabalho, os termos: “construcionismo” e “construcionismo social” serão usados como se tivessem o mesmo sentido do construcionismo social.

É Tomas Ibñez (1994) que afirma, em seu trabalho sobre a construção de uma representação ou a representação de uma construção, que cabe a cada psicólogo definir que tipo de conhecimento quer ou deseja produzir: se será um conhecimento rígido, ainda preso às normas positivistas e empiricistas que reflete, ainda em grande parte, uma suposta verdade autoritária e normalizadora; ou um novo tipo de conhecimento produzido, mais emancipador e que traga também como foco a insubordinação, justa e válida, das diversas pessoas contra os sistemas históricos de dominação.

Segundo Conceição Nogueira (2001, p. 46): “Sendo o conhecimento não o que se tem, mas o que se faz em conjunto com outras pessoas, o objetivo da pesquisa construcionista desloca-se da natureza das pessoas ou da sociedade para as interações e para as práticas sociais daí resultantes”. Então, compreende-se que o construcionismo vem refletir, justamente, essa nova forma a qual Ibñez se refere, mais libertadora de se fazer pesquisa, de elaborar uma nova leitura sobre o mundo e de entender a produção do conhecimento; agora como uma construção social.

Dessa forma o construcionismo aparece como um movimento¹⁰ contrário a outras duas correntes epistemológicas e suas formas de entender e estudar a produção do conhecimento: a empirista e a racionalista. Ambas as correntes eram especialmente fortes nas pesquisas em psicologia que, até os anos setenta, como afirma Mary Jane Spink (2013), possuía um sentido e visava, além de controlar o comportamento do homem e dos outros animais, prever e compreender esses mesmos comportamentos, tudo isso “pautado pela demonstração e generalização dos resultados” (SPINK, 2013, p. 2). As pesquisas em psicologia estavam então andando lado a lado com o método positivista que queria encontrar nos resultados, cuidadosamente planejados e elaborados, o conhecimento total e universalizado sobre algo ou sobre a verdade. Compreendemos, dessa forma, que o construcionismo social acaba por configurar-se não apenas em uma alternativa para o desenvolvimento de uma nova ciência e de novas formas de investigação; mas também, como afirmam Rasera; Guanaes; Japur (2004, p. 157), sendo a decorrência “de uma tensão historicamente muito antiga” entre as duas escolas citadas nesse parágrafo.

O construcionismo surge, então, a partir de uma série de críticas ao antigo modo de fazer científico trazendo um novo olhar e uma nova perspectiva para a ciência. Perspectiva

¹⁰ Importante frisar que Mélo *et al.* (2007), nos traz o esclarecimento que, para alguns autores, o construcionismo se caracterizaria como um movimento e não como uma teoria, uma vez que não tem a intenção de ditar ou revelar verdades, mas sim se posicionar criticamente diante do mundo.

essa que engloba elementos, que até então não eram compreendidos como ‘foco’ da pesquisa e do processo de entendimento da forma e do modo de se postar no mundo dos sujeitos: as especificidades culturais e históricas, tanto das “formas de conhecermos o mundo, a primazia dos relacionamentos humanos na produção e sustentação do conhecimento, a interligação entre conhecimento e ação e a valorização de uma postura crítica e reflexiva. ”. (RASERA; JAPUR, 2005, p. 21).

A produção do conhecimento, dessa forma, em uma visão construcionista não está restrita ao mundo natural, exterior ao sujeito e que contenha algum tipo de verdade absoluta que possa ser observada, medida e/ou replicada pelo pesquisador (a). Tampouco encontra-se limitada ao mundo interior de uma pessoa (ou sua mente), como processos inexoráveis que poderiam por acabar gerando tendências genéticas, onde deveria ser analisada sob uma óptica extremamente subjetiva daquele que a constrói; muito pelo contrário. O conhecimento deriva-se de um processo de construção social, de forma coletiva, “resultado de uma ação humana coordenada” (NOGUEIRA, 2001, p. 47), onde através do ato de se conhecer e de se construir esse conhecimento, de uma forma intersubjetiva historicamente, culturalmente e socialmente situada, passa-se a dar um sentido ao mundo. Conforme nos afirma Benedito Medrado (1997, p. 49): “A produção do conhecimento deve ser considerada antes como uma atividade construcionista – construída num tempo e espaço específicos e construtiva de uma realidade intersubjetiva. ”.

Ao se compreender a construção do conhecimento através de um processo intersubjetivo das relações humanas, a investigação de campo também passa a diferir dos métodos e enfoques tradicionais. Agora o (a) pesquisador (a) não irá mais voltar o seu olhar para os processos internos da mente (e portanto subjetivos a cada um), nem para o mundo exterior possuidor e detentor de uma verdade já posta e representada, a qual só cabe ao (a) pesquisador (a) observar e relatar; agora o enfoque, como nos afirma um dos primeiros autores a trabalhar com o conceito construcionista Kenneth Gergen, (2009), passa a ser em como os seres humanos em interação e situados no tempo, no espaço e sob uma determinada cultura, dão conta do mundo em que vivem, o compreendem e vestem esse mesmo mundo de sentido. Para isso, todo o foco da investigação construcionista passa a ser o entendimento dos processos pelos quais, através da interação humana as pessoas conseguem dar sentido ao mundo, descrevê-lo e explicá-lo.

Não significa no entanto, nem é intuito do movimento construcionista, afirmar que não há ‘verdades’ no mundo; mas diante e de acordo com sua postura crítica e questionadora sobre as verdades construídas e tidas como generalizantes, óbvias e naturais e que se sedimentaram como algo posto e irrefutável, a perspectiva construcionista vem dizer, conforme nos esclarece Mélllo *et al.* (2007, p. 28) que as verdades “são versões, sempre específicas, negociadas, construídas, adequadas às finalidades designadas coletivamente como relevantes.”

Posto isso, entendemos que, se o que há são versões da verdade, que nem estão postas irrefutavelmente na natureza (ou no mundo), nem dentro da mente individual de cada um, mas sim, construções elaboradas em conjunto pelas pessoas inseridas em um determinado contexto situacional; chegamos também na compreensão de que a realidade em si, também é algo que deve ser construída através dos mesmos processos de intersubjetividade em meio as práticas e ações de uma coletividade.

Dessa forma alcançamos outro elemento importante de análise e de compreensão do mundo que é a linguagem, uma vez que é ela que possibilita trocas e construções intersubjetivas entre pessoas inseridas em uma dada cultura e em um certo tempo histórico. É pela linguagem, e pelo processo de fala das pessoas umas com as outras, que o mundo passa a ser construído e ter um sentido; dessa forma não se pode relegar à linguagem o papel único de veículo para os sentimentos, emoções e pensamentos (NOGUEIRA, 2001). A linguagem em si é também uma prática, um tipo de ação no mundo, ou ainda de acordo com Nogueira (2001) a linguagem é uma forma de ação social e uma pré-condição para o pensamento, e como tal, certamente produz realidades. Nas palavras de Ricardo Mello e colaboradores (2007):

A linguagem é *condição de possibilidades*¹¹ para a configuração da “realidade”¹² na medida em que é uma prática e, como toda prática, provoca efeitos: faz parte das construções, manutenções e mudanças que perpassam as relações sociais. E, ao mesmo tempo, desenvolve-se continuamente nessa tentativa de articular práticas. (MÉLLO *et al.*, 2007, p. 28).

¹¹ Grifo original dos autores

¹² Grifo original dos autores

Afirmamos que a linguagem é capaz de produzir realidades pois ao se fazer uma escolha de uma palavra¹³ para nomear determinada coisa ou situação, se está ao mesmo tempo definindo uma realidade¹⁴ específica para aquilo que está sendo nomeado. Fazendo uma aproximação para o tema desse trabalho, compreendemos que, em uma perspectiva construcionista, cada pessoa constrói sua ideia de relação e de família de acordo com suas condições de possibilidades e pela linguagem que articula; sempre inserido, logicamente, dentro de um esquema de significados e significantes; além da dependência do tempo e da cultura onde ela está inserida, baseados também, como afirma Nogueira (2001), dos arranjos prevaletentes, quer esses arranjos sejam sociais ou econômicos. Ao nomear que o que eu tenho em meu ambiente doméstico é uma família, estou criando uma realidade de família; e, portanto, para mim, o mundo passa a ter sentido dessa maneira; sedimenta-se a ideia de uma família dentro do meu lar. Segundo Spink (2013), é apenas através de nossas convenções, linguagem, práticas etc, que conseguimos apreender os objetos e revesti-los de sentido; dessa forma, utilizando o exemplo tema desse trabalho, a nossa compreensão sobre família e o sentido que produzimos sobre ela, em um contexto de intersubjetividade, perpassa e depende do nosso processo de objetivação. Importante também frisar que, de acordo com Raserá; Japur (2005), o pesquisador (a) construcionista entende que essa realidade construída através da linguagem de uma pessoa é uma linguagem situada dentro daquele processo de intersubjetividade e que, portanto, não guarda correspondência para além da forma de dizê-la.

Essa compreensão e construção, no entanto, pode variar conforme o lugar e o tempo. Não há uma verdade única atravessando os tempos¹⁵, mas, a cada momento, dentro de uma determinada condição sócio histórica, uma verdade é elaborada para cada pessoa em um contexto de interação.

Mas essa linguagem não é algo que se localiza, ou está inserida entre as pessoas e/ou entre as pessoas e o mundo; ela faz parte ao mesmo tempo das pessoas e do mundo em uma construção mútua; ou como afirma Peter Spink (2003), a linguagem faz parte do meio, por ser este também um tipo de mensagem. O meio também é atravessado pelas intersubjetividades e

¹³ Importante frisar que, conforme nos esclarece Nogueira (2001, p. 47), dentro de uma óptica construcionista, “as palavras apenas possuem significado dentro de um contexto relacional”.

¹⁴ De acordo com Spink (2013), a noção de realidade, no entanto, está longe de ser algo passível para o entendimento dos pesquisadores do movimento construcionista. Afirma essa autora que muitos pesquisadores acabam por aceitar uma noção dupla da realidade; baseada por um lado pelo construcionismo epistemológico, que vai dizer que a realidade não existe independentemente de nosso modo de acessá-la; e por outro lado pelo realismo ontológico que afirma, por sua vez, que há sim uma realidade.

¹⁵ Como já foi discutido nesse mesmo capítulo.

faz parte de um contexto histórico, social e cultural. Ele também, de uma certa forma, narra uma história, possui, de certo modo, uma linguagem repleta de sentidos; portanto, também se constitui como uma mensagem.

O conhecimento então, não pode ser medido por uma apreensão direta da realidade, haja vista que não há uma realidade ou uma verdade universal. São os processos sociais e as relações entre indivíduos construídos no mundo, dentro de um contexto sócio histórico cultural que constroem diferentes realidades e verdades baseadas em distintas descrições de vivência e de linguagem de cada sujeito, que produzem, por exemplo, as concepções do que é família.

O fazer pesquisa dessa forma, dentro de um viés construcionista, vem tentar compreender como as diversas pessoas se posicionam dentro de seu contexto social, e suas mais variadas maneiras de produzirem sentido, para isso também utilizando a linguagem; dessa forma desmistificando e desnaturalizando construções representacionistas do cotidiano tidas como naturais. Uma vez que o modo representacionista de entender o conhecimento, segundo Spink (2013) baseia-se no pressuposto de que a mente, ou o entendimento que se tem de si e do mundo, nada mais é do que um espelho da natureza.

Mary Jane Spink (2004) vem trazer outro importante conceito para a compreensão da perspectiva construcionista; quando ela afirma que o construcionismo não se trata de um movimento que está ‘solto’ no mundo, mas sim inserido em um contexto histórico, advindo e também sendo fruto de diversas transformações do tempo em que por hora nos encontramos inseridos. Ela vai nomear essas variadas mudanças como ‘modernidade tardia’. O uso desse termo, de acordo com Spink (2004), advém da dificuldade que a mesma encontrou de nomear os tempos atuais em que estamos vivendo. Mas o ponto principal, do intuito do uso de uma dada nomenclatura é mostrar que “houve uma ruptura, a passagem de uma sociedade feudal para um outro tipo de formação social que define um novo período histórico – a modernidade. (SPINK, 2004, p. 1).

Essa ruptura, no entanto, de acordo com a própria autora não é de forma completa, ou nítida. Há questões que permanecem presentes tanto nos repertórios linguísticos das pessoas, suas formas de ver e se colocar no mundo; bem como de produzir sentidos e conhecimento. Um dos exemplos do que permanece na sociedade atual, ainda de acordo com Spink (2004) é o instituto da família; não apenas no que se refere às questões de gênero e/ou as distribuições massificantes dos papéis entre mulheres e homens, mas também, na nossa forma de ver, algo

que se reflete muito diretamente com o tema dessa dissertação: a ideia de uma família nuclear, feudal, patriarcal e monogâmica. Esse ponto mais específico sobre famílias e as formas de produção de sentido sobre ela, serão melhor trabalhadas no próximo capítulo, mas podemos, desde já, trazer à pauta de nossas reflexões essa ruptura dissidente à qual Spink (2004) faz referência. Há uma transição para a chamada ‘modernidade tardia’, no entanto, a concepção de família aos moldes feudais ainda persiste quando se coloca em pauta, por exemplo, projetos de lei que abordam uma ‘dita’ família tradicional¹⁶ limitando e delimitando estruturas padrões de configurações familiares.

Dentro do próprio conceito de modernidade tardia, ainda há, segundo Spink (2004), a preocupação com o controle de riscos, que nada mais seria do que o medo de mudanças que fujam de uma pretensa norma social. Spink (2004) vem retratar que vários autores se indagam sobre as consequências da globalização e dessa passagem para uma sociedade moderna. Que tipos de sentidos poderão ser produzidos? Esse controle de riscos e de “distribuição de males” (SPINK, 2004, p. 3), dentro da temática desse trabalho, pode ser também lida através de outras formas de produção de sentidos e de se ver as famílias formadas por um casal com orientação homossexual e o medo da ruptura da família tradicional como um risco para o futuro, problemas nas questões de reprodução humana, dentre outros pensamentos.

No início desse capítulo, encontra-se uma citação de um dos interlocutores desse trabalho. Em sua fala, Marco afirma compreender que o preconceito vindo de sua família e de seus amigos não é algo inerente apenas a eles; mas algo que parece ter sido ‘construído’ em conjunto e com influência de seus meios sociais e de fatores diversos ligados a esses. A fala de Marco vem retratar os mesmos fatos que o construcionismo afirma quando postula que o conhecimento, bem como a prática de cada pessoa no mundo, não se dá de forma destituída de inter-relação, não apenas entre pessoas, mas entre essas e o mundo contextualizado (socialmente, historicamente, culturalmente etc) à sua volta. Segundo Nogueira (2001, p. 146):

A teoria construcionista social deslocou o foco da atenção da pessoa para o domínio social. A psicologia, em tal perspectiva, torna-se o estudo do ser socialmente construído, o produto de discursos histórica e culturalmente contingentes, discursos que trazem consigo uma rede complexa de relações de poder. A pessoa fica como que “encaixada” num sistema histórico, social e político do qual não pode ser retirada e estudada de forma independente.

¹⁶ Observar nota de rodapé nº 3

Em outras palavras, mais uma vez afunilando a discussão para o tema principal dessa dissertação, o sentido que cada pessoa produz de família ou de homossexualidade, por exemplo, não parte apenas de algo mental¹⁷ ou individual dela, nem tampouco de algo externo, posto no mundo, na natureza e passível apenas de observação. O conhecimento e os sentidos produzidos surgem a partir e no interior de processos de intercâmbio social. Cada pessoa atravessa e, ao mesmo tempo, é atravessada por diversos fatores.

O construcionismo social vem, justamente, trazer condições de compreensão mais ampliadas, desmistificando crenças que traziam padrões de normalidade e normatividade rígidas; o que enquadrava (e em certa medida ainda enquadra) a forma como se vê e se dá sentido à homossexualidade e a família. No trabalho sobre emoções de Averill¹⁸ apud Gergen (2009), o primeiro autor vem realizar um estudo muito similar ao que estamos tentando fazer com a temática das famílias formadas por um casal com orientação homossexual sob a óptica do construcionismo. Averill questiona, em seu escrito, a ideia pré-concebida que se tem de que a raiva é um estado biológico do organismo e ao se debruçar sobre seu trabalho, somos levados à reflexão de que na verdade a raiva, assim como qualquer outra emoção não são objetos já existentes intrinsecamente ao ser humano ou no mundo, mas são performances sociais historicamente contingentes.

Nesse mesmo sentido, esse tipo de raciocínio e reflexão, apesar de não ser posta como emoção, é o que deveria ocorrer com o entendimento da heterossexualidade, ou das configurações familiares ditas ‘tradicionais’¹⁹; que não é algo ‘inato’ ao ser humano ou posto como condição natural do meio; dessa forma desconstruindo entendimentos limitadores e delimitadores como os de uma heterossexualidade obrigatória que funciona como uma categoria política de controle²⁰.

Os termos com os quais entendemos o mundo são artefatos sociais, produtos historicamente situados de intercâmbios entre as pessoas. Do ponto de vista construcionista, o processo de compreensão não é automaticamente conduzido pelas forças da natureza, mas é um empreendimento ativo, cooperativo de pessoas em relação. Sob esse enfoque, a investigação é

¹⁷ No sentido de ser orgânico, biológico, inato.

¹⁸ AVERILL, J. (1982). **Anger and aggression**. New York: Springer Verlag.

¹⁹ Ver nota de rodapé nº 3.

²⁰ Abordaremos essas questões, de uma heterossexualidade obrigatória, com maior profundidade no capítulo seguinte, quando for realizada a revisão teórica.

atraída às bases históricas e culturais das várias formas de construção do mundo. (GERGEN, 2009, p. 303).

Diante da fala de Gergen (2009), percebe-se que cada termo ou cada ‘classificação’ é compreendido dependendo do seu contexto e do seu caminhar histórico, pois as construções de cada pessoa bem como a maneira como ela se relaciona e se coloca no mundo passaram e passam por mudanças importantes e grandes no decorrer do tempo. Dessa forma o termo homossexual e as chamadas famílias formadas por um casal com orientação homossexual também não foram sempre compreendidas e nomeadas da mesma forma, nem tampouco o próprio termo ‘homossexual’ existiu de todo o sempre.

As concepções que temos sobre algo e as construções intersubjetivas que realizamos, é preciso que se entenda, de um ponto de vista construcionista, não é algo concernente às próprias entidades ou objetos, mas algo que vai sendo construído através e pelas relações, e de acordo com fatores históricos, sociais, culturais, políticos, dentre muitos outros; em congruência às transformações da sociedade em que estamos inseridos, como nos afirma Spink (2004) quando aborda a ‘modernidade tardia’. Gergen (2009), nos exemplifica o que ocorreu com a infância ao longo dos anos. Nem sempre esse período da vida foi compreendido como um momento especializado e com fins próprios dentro do processo de desenvolvimento. O mesmo acontecendo com o instinto materno e com o amor romântico que também não foram sempre vistos como algo de ‘bom’ ou fazendo parte da constituição humana. O processo com a homossexualidade e com as famílias formadas por um casal com orientação homossexual ocorreu e ocorre da mesma forma.

Esses processos de construção do conhecimento, segundo Gergen (2009), devem ser de interesse especial para a psicologia e para o (a) profissional que se dedique a pesquisas nesse campo do conhecimento; uma vez que ao se debruçar sobre o modo de fazer pesquisa em uma óptica construcionista, e se o (a) pesquisador (a) conseguir compreender e contextualizar os pressupostos que enrijecem o discurso das pessoas, então é possível chegar a um patamar de base “para entender o que a teoria psicológica *deve*²¹ dizer se quiser ser razoável ou comunicável” (GERGEN, 2009, p. 304).

Por fim, analisando o que foi discutido, percebemos que tem crescido o interesse dos pesquisadores da psicologia sobre a prática construcionista de se fazer pesquisa, uma vez que ela permite “localizar os fenômenos psicológicos no discurso” (NOGUEIRA, 2001, p. 46).

²¹ Grifo original do autor.

Permite ainda, uma perspectiva mais libertadora da produção do conhecimento e da produção de sentidos. É claro, ainda de acordo com Nogueira (2001) que essa liberdade não significa uma total e ilimitada possibilidade de alternativas ou de desestruturação de discursos opressores, mas vem em auxílio a se pensar não apenas na pessoa e seus processos de construção de sentidos, dentro de um contexto intersubjetivo, mas também nos ajuda a repensar toda uma gama de categorias sociais.

3. GRUPO, COLEGAS, CONHECIDOS? NÃO! FAMÍLIA.

O instituto família, no decorrer do século XX teve sua conceituação e configurações ampliadas. Historicamente o termo foi utilizado para designar, nas sociedades ocidentais, o núcleo patriarcal formado por pai-mãe-filhos, mas, conforme nos afirmam João Carlos Petrini; Miriã Alcântara e Lúcia Moreira (2009), a família contemporânea tem passado por mudanças em muitas dimensões, especialmente naquelas que se referem às expressões do afeto. Ainda de acordo com os autores:

A família patriarcal, que se afirmou no contexto rural, entra em crise com o surgimento de novos modelos de comportamento que regulam relações entre os sexos e as relações de parentesco. (PETRINI; ALCÂNTARA; MOREIRA, 2009, p. 2).

Há um entendimento pluralizado sobre o que é família²² nos dias atuais e de como ela se constitui através de seus membros, devido as suas várias formas de expressão na contemporaneidade. É justamente devido a essa pluralização de entendimento, que não há um consenso, entre os estudiosos do tema, sobre a definição de família. “A maioria dos antropólogos concorda que uma instituição chamada ‘família’ é encontrada em praticamente todas as sociedades, mas sua configuração é tão variada que a sua universalidade estaria condicionada à forma como for definida”. (ZAMBRANO, 2006, p. 125).

Porém um estudo sobre família, mesmo não tendo uma definição única e fixa, se faz necessário uma vez que de acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 226º “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. ”. Levando-se em conta essa definição jurídica, se faz necessário identificar o que é família, reconhecer e legitimar suas novas estruturas e modelos para que essa segurança e proteção, as quais a Constituição se refere, sejam garantidas pelo Estado e pela sociedade de maneira geral a todas as várias formas de constituição da família atual.

²² Apesar de não ser o foco do nosso trabalho, achamos válido ressaltar brevemente, que de um ponto de vista de categoria social, Cláudia Fonseca vem afirmar que “a família não pode ser pensada da mesma forma em todo lugar, pois a própria noção de família varia conforme a categoria social com qual estamos lidando. ”. (2005, p. 52). Fonseca (2005) vem trazer ainda uma breve conceituação de família para as diversas camadas da população do Brasil. Segundo a referida autora, para a elite brasileira, o instituto família estaria relacionado à linhagem das pessoas que às constituem; já a classe média entende por família àquela nuclear, enquanto que os grupos mais populares abraçam a ideia da família como uma rede de suporte e ajuda mútua.

A necessidade de se debruçar sobre as definições e compreensões a respeito do que o termo “família” pode traduzir, se deve, não apenas à importância de se assegurar direitos, mas também, conforme nos afirma Anna Paula Uziel (2002), para que se possa retirar a ilusão de que o termo “família” possa vir a representar e traduzir apenas uma única forma de entendimento. Precisa-se de fato discutir as diversas expressões de família para que se desmistifique a ideia de que esse instituto carregue consigo uma unanimidade de expressão que, na realidade, não existe. De acordo ainda com a mesma autora, uma análise mais profunda sobre o tema ajuda a retirar os véus dessa ilusão, revelando todas as possibilidades de diversificação na formação dos núcleos familiares na contemporaneidade.

Neste capítulo iremos estudar não apenas os processos de transformação da família ao longo do tempo, as mudanças por que passou e os fatores que ajudaram a sedimentar uma falsa ideia de unicidade de configuração e compreensão do termo, mas também, e mais especificamente, as famílias formadas por um casal com orientação homossexual e as recentes interpretações e compreensões do Supremo Tribunal Federal – STF, da sociedade brasileira e do poder legislativo sobre essa temática.

A análise e o estudo de como a instituto família vêm sofrendo essas mudanças permitem um melhor entendimento das novas configurações familiares bem como dos novos modelos de família, como os núcleos familiares formados por casais homossexuais.

2.2 Famílias com ‘S’

Eu acho que família é aquela pessoa que eu posso contar no meu dia a dia, uma pessoa que eu preciso, que passe as dificuldades comigo; que passe momentos de alegria. Acho que eu e Rubens²³ hoje nós somos uma família. No momento que eu estive doente, que ele esteve, nós estávamos ali um para o outro. Nos momentos de felicidade, nos momentos tristes enfim... eu pude contar com ele.

Marco (casal 6)

Na sociedade atual, com o capitalismo já estabelecido e firmado como sistema econômico vigente na maior parte do mundo ocidental, e com a saída da mulher de casa²⁴ para o mercado de trabalho, rompeu-se a estrutura padrão institucionalizada²⁵ sobre a família. Não cabe mais apenas a mãe a responsabilidade de educar e criar os filhos, podendo essa responsabilidade ser atribuída ao pai, a ambos, a um terceiro ou a vários elementos, quer essas pessoas façam parte da família consanguínea da criança ou não. No trabalho sobre Família na Contemporaneidade, Petrini; Alcântara; Moreira (2009) afirmam que:

O ideal de igualdade é assimilado no cotidiano da convivência familiar, dando origem a formas mais democráticas e igualitárias de partilhar tarefas e responsabilidades entre marido e mulher. São abandonados os modelos que atribuíam o primado ao marido, reservando para as mulheres tarefas domésticas, enquanto emergem modelos familiares diversos sem que tenham uma validade. (p. 3)

Com a estrutura social de hoje é comum encontrar-se famílias monoparentais formadas pelo pai e pelos filhos, pela mãe e filhos ou ainda avós criando netos ou tios assumindo os papéis de educadores e ainda outras estruturas familiares.

De acordo com essa nova óptica da família, onde os papéis estabelecidos pelos seus membros podem ser ressignificados, a união entre duas pessoas deixa de ser condição básica

²³ Companheiro de Marco há três anos.

²⁴ Essa saída foi das mulheres brancas, uma vez que as negras sempre realizaram trabalhos domésticos tanto em sua casa quanto em casas de outras famílias. Importante esse esclarecimento, pois, na maioria das vezes, costuma-se fazer uma generalização. Conforme nos afirma Matilde Ribeiro (1995), as mulheres negras sempre foram jogadas a um segundo plano nas lutas de mulheres; incluindo no movimento feminista. De acordo ainda com Ribeiro (1995, p. 448): “as conquistas do movimento feminista acabam por privilegiar as mulheres brancas em detrimento das negras”. A própria ideia da doméstica surge através da figura da mucama e é nesse contexto que as negras ainda são vistas, como domésticas. (RIBEIRO, 1995). Assim como o homem negro não ocupava a mesma posição do branco. Não iremos, no entanto, nos aprofundar nessa área de discussão, a fim de não fugirmos demasiadamente da temática desse projeto.

²⁵ A da família patriarcal estudada por Gilberto Freyre.

para procriação da espécie e passa a ser algo que se estabelece como consequência do afeto, do prazer e dos sentimentos dos constituintes de seu grupo.

A família passou a se vincular e a se manter preponderantemente por elos afetivos, em detrimento de motivações econômicas, que adquiriram uma importância secundária. Sem o peso da necessidade da procriação como objetivo único imposto ao casamento/união, os pares podem se formar baseados em razões outras.

Em seu trabalho sobre Famílias e Individualismo e as Tendências Contemporâneas no Brasil, Lia Zanotta Machado (2001) afirma que as mudanças nas novas feições das famílias se devem, em grande parte, ao crescimento desde o início do século passado, da centralidade do grupo familiar em torno do amor e da afeição. Segundo a referida autora, desde meados do século XX, houve uma mudança de compreensão sobre o que formava um grupo familiar, passando a existir uma maior valorização a respeito dos membros de um grupo; e, dentro deste núcleo, a condição de permanência.

Porém a centralidade no afeto e o sexo não necessariamente atrelado à procriação, tendo o surgimento da pílula anticoncepcional dado um grande impulso para essa separação entre sexualidade e reprodução (PEREIRA; SCHIMANSKI, 2013), não foram os únicos contributos para a mudança e ampliações nas configurações familiares. Houve também uma crescente diminuição nas diferenças de funções baseando-se apenas nos sexos das pessoas atrelada às conquistas do movimento feminista e à militância pela equidade de gênero.

Através de todos esses fatores, Elizabeth Zambrano (2006) afirma que novos vínculos familiares surgiram e esses podem ser desdobrados em quatro elementos, que seriam: O vínculo biológico (dado pela concepção), o parentesco (que une indivíduos pertencentes a uma mesma linha de genealogia), a filiação (o reconhecimento jurídico do parentesco) e, por fim, mas não menos importante a parentalidade, que é o exercício da função parental em si. Esses elementos, no entanto, não se processam de maneira independente, mas sim de forma combinada, formando uma teia de relacionamentos e vinculações entre as pessoas.

São as regras estabelecidas socialmente em cada lugar que determinam a 'verdade' do parentesco, confirmando as afirmações de diversos antropólogos de que o parentesco é fundamentalmente um universo de vínculos genealógicos, simultaneamente biológicos e sociais. (ZAMBRANO, 2006, p. 127).

Dessa forma, a união entre duas pessoas pode ocorrer na contemporaneidade, como já foi dito, através de objetivos e ganhos outros: como o afeto, o prazer sexual, o amor; levando, nestes casos, a outras configurações de pares e famílias. De acordo com Maria Berenice Dias (2007, p. 41): “O novo modelo da família funda-se sobre os pilares da repersonalização, da afetividade, da pluralidade e do eudemonismo²⁶, e não mais nos bens ou coisas que guarnecem a relação familiar. ”. Assim a família, entendida como uma rede de parentesco como nos afirma Cláudia Fonseca (2005), vai muito além da unidade doméstica²⁷ ou consanguínea, atingindo espaços e elementos muito mais amplos.

O ser humano moderno passa a ter mais consciência de que é um sujeito de desejos, e de viver de acordo com esses desejos, no que se refere a escolha de um outro para se iniciar uma vida sexual e afetiva. O ‘estar junto’ passa a dizer respeito a questões subjetivas do casal, e não mais a provas práticas e exteriores que se tem que atender ou prestar contas à sociedade.

De acordo com Lia Machado (2001) a sociedade hoje está mais próxima de vivenciar o amor confluyente, que seria aquele onde não importariam mais as diferenças de gênero entre os pares de uma relação, mas sim o sentimento que os une; sendo esse sentimento a condição básica para a formação e permanência dos laços conjugais. Com essa mudança de prisma sobre o que de fato seria importante, em uma relação, alteram-se também as diferenciações de funções e obrigações, entre o casal, baseadas apenas nas diferenças dos sexos, dissolvendo-se as obrigações tradicionalmente aceitas, sobre o que seria o papel do homem e da mulher.

Na contemporaneidade, mais que uma comunidade formada por pais e filhos, a família tomou contornos que vão além das relações consanguíneas e procriativas. De acordo com Nazir Hamad (2004), a família, hoje, não se confunde com o casamento, ela vai muito além disso. Atualmente o conceito de família encontra-se bem mais ampliado e pluralizado em relação ao conceito de família de outrora. O núcleo familiar patriarcal deu espaço para novos paradigmas de contextos e modelos.

Sobre este novo rosto de constituição do núcleo familiar, Maria Berenice Dias afirma:

A cara da família moderna mudou. O seu principal papel é de suporte emocional do indivíduo, em que há flexibilidade e, indubitavelmente, mais

²⁶ Doutrina moral segundo a qual a felicidade é o bem supremo. (Proveniente da Ética Eudemonista de Aristóteles).

²⁷ Importante informar, assim como também esclarece Cláudia Fonseca (2005), que nessa dissertação não estamos utilizando o termo ‘unidade doméstica’ como sinônimo de família. Segundo a referida autora, ‘unidade doméstica’ é mais utilizado pelo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), onde se define família pela moradia.

intensidade no que diz respeito aos laços afetivos. Além de ter havido significativa diminuição do número de seus componentes, também começou a haver um embaralhamento de papéis. (DIAS, 2007, p. 41).

Ainda de acordo com Dias (2007b), diante desta nova compreensão sobre o atual conceito de constituição da família ligadas por laços de afetividade, pode-se encontrar, no mundo moderno além das famílias de núcleo tradicional matrimonial, as famílias formadas por um casal com orientação homossexual (formadas por pessoas do mesmo sexo), famílias monoparentais (constituídas por um dos genitores com seus filhos), famílias anaparentais (formada por parentes onde inexistente verticalidade de autoridade), pluriparentais (caracterizadas pela estrutura complexa decorrentes da multiplicidade de vínculos) e as famílias paralelas (onde há o concubinato).

Diante de tantas e variadas configurações, percebe-se que a família hoje passa por constantes transformações, desde sua definição até sua função na sociedade, estruturando-se e reestruturando-se de acordo com o desejo e vontade de seus membros que se unem por laços que vão além dos consanguíneos. Sua definição, por consequência é muito difícil; Fonseca (2007) chega a afirmar que o modelo antropológico padrão e clássico sobre família, já se mostra bastante antiquado. Então, definir o que é família ou quem, de fato faz parte da família, pelos modelos tradicionais biológicos, se torna muito difícil nos dias atuais, quando as uniões e as pessoas são chamadas a refletirem sobre afetos, desejos e motivações.

Pode-se, contudo, chegar-se a alguns pontos de concordância sobre família. Conforme nos relatam Granha; Lussac (2010, p. 6918): “A presença de um vínculo afetivo que enlaça vidas já é bastante para se reconhecer a existência de uma família. ”. Desta forma os núcleos familiares se apresentam de maneira mais diversificada além dos bilaterais tradicionais constituídos por pai, mãe e filhos. Em seu trabalho sobre a união Homossexual, Dias (2000) nos afirma que ainda é comum, ao se pensar em família, buscar uma configuração patriarcal, na qual cada integrante tem seu papel bastante definido e onde a definição de que aquele grupo é, de fato, uma família, se dá através dos laços conjugais que foram construídos através do casamento.

Sobre o casamento, inclusive, é importante frisar conforme nos orienta Dias (2009), que sob uma perspectiva ocidental, o casamento com todas as suas obrigações, regulações, celebrações e impedimentos, onde até a postura dos cônjuges é determinada por lei, é uma tentativa do Estado, bem como da igreja, de estabelecerem, limitarem e definirem a

sexualidade das pessoas; mantendo-a dentro de padrões e normas do que seria tido como aceitável ou não.

Dessa maneira, todas as configurações que não se enquadram dentro dessa moldura estabelecida, ainda segundo Dias (2009, p. 41), passam a ser “chamados de marginais ou ilegítimos, por fugirem do molde legal”. Passa então a haver uma dificuldade de legitimação social desses núcleos familiares, que traz junto consigo uma limitação de direitos.

Hoje, no entanto a concepção de família, não pode e não deve mais se vincular a ideia de uma família histórica tradicional²⁸ delimitada e limitada pelo casamento; ela tem mudado assim como os seus papéis, que se apresentam hoje de forma intercambiáveis e sem a necessidade do selo do casamento ou da existência de filhos.

No ano de 1977 o Brasil instituiu oficialmente o divórcio, através da emenda constitucional número 9 de 28 de junho. Juntamente com a nova lei, o país viu surgir mais ainda novas forma de configurações familiares. Depois do advento do divórcio, conforme afirma Zambrano (2006), ocorreu o que se pode chamar de uma multiplicação de arranjos familiares, permitindo aos indivíduos construir vínculos baseados em elos outros que não os de obrigação social. Desta maneira, ainda de acordo com a Zambrano, a família nuclear, monogâmica e heterossexual²⁹, apesar de ser a mais comum em nosso meio social não é a única e foi justamente a legalização do divórcio que possibilitou e, de certa forma, agilizou a formação das novas/outras “alianças” entre os indivíduos.

Desta maneira então, passa a surgir um novo agrupamento familiar constituído de pai e filhos ou mãe e filhos: As famílias monoparentais. Tais agrupamentos familiares são caracterizados por se constituírem de um adulto cuidador e de crianças e/ou adolescentes, seja esse vínculo baseado em laços de sangue e/ou afeto.

A constituição de uma família monoparental, no entanto, não se resume apenas aos núcleos formados após um divórcio conforme afirma Uziel (2002):

Sob essa denominação, aparentando uma unidade, aninham-se pessoas que cuidam sozinhas de crianças, ponto comum, apesar das características variadas que fazem com que cada situação tenha um desenho muito próprio: o sexo, as condições sócio-econômicas, a origem dessa criança, as relações envolvidas no seu nascimento, o modo de vida de quem cuida. Reúne-se, sob

²⁸ Apesar de existir atualmente um projeto de lei (6.583/13) na câmara dos deputados em Brasília, que quer promulgar um Estatuto da Família definindo entidade familiar como o núcleo formado a partir da união entre homem e mulher.

²⁹ Dita ‘família tradicional’.

a mesma sigla, solteiros, viúvos, divorciados, os que fizeram opção pelo celibato ou por ter uma casa sozinho, casos de esterilidade, dificuldades de aceder à idade adulta e fundar uma vida a dois, entre outros. (p. 18).

A designação de família, para os núcleos formados por mulheres e seus filhos, foi dado em primeiro lugar por sociólogas feministas, conforme relata UZIEL (2002, p. 18): “Sociólogas feministas teriam introduzido este termo de família monoparental, no intuito de valorizar os lares chefiados por mulheres, concedendo-lhes o mesmo estatuto que as famílias clássicas. ”. No Brasil, foi a própria Constituição Federal de 1988 que conferiu o status de ‘família’ às então preconceitualizadas e tolhidas de direitos, famílias constituídas por um adulto cuidador e uma criança/adolescente. “A CF/88, em seu art. 226, § 3º, conferiu status de entidade familiar à união estável e às famílias monoparentais, que há bem pouco tempo eram rechaçadas pela sociedade. ” (COSTA, 2006, p. 37). Essa equiparação de estatuto e compreensão é importante para manter esses novos rostos de família com o mesmo reconhecimento de direitos e deveres diante do Estado Brasileiro, podendo gozar assim, da mesma proteção Estatal e Social a que tem direito os demais grupos familiares.

Há algumas opiniões, no entanto, que divergem deste tipo de caracterização de ‘família monoparental’ como aquela onde se faz necessária a presença de ao menos uma criança no ambiente doméstico. Essa ideia reforça a importância biológica como mantenedora e possibilitadora da formação de uma família, em oposição aos laços afetivos e da vontade. Uziel (2002) nos afirma que tal forma de reconhecimento exclui, por exemplo, o outro genitor, que na maioria das vezes é o pai, que não fica com a guarda de seu filho, nos casos de divórcio; e isso traz consequências na dificuldade de reconhecimento dos grupamentos familiares que não trazem uma figura materna³⁰ em sua constituição.

Os sistemas de filiação, em sua grande parte, ainda são compreendidos como advindos de uma família bilateral, onde se faz presente um pai e uma mãe, e pelos laços de parentesco através do sangue. É por esta forma de entendimento, que a monoparentalidade ainda enfrenta alguns sérios problemas em seu reconhecimento como família. A sociedade, em grande parte, tem dificuldades em compreender o sentido de completude de um núcleo familiar formado por apenas um adulto cuidador; há ainda uma ideia de transitoriedade, de incompletude neste

³⁰ Entenda-se feminina.

tipo de constituição de família. “Não existe família monoparental, mas situações monoparentais.” (POUSSIN³¹ apud UZIEL, 2002, p. 19).

Se por um lado compõem o rol das famílias solitárias, por outro reforçam o grupo das famílias dissociadas, juntamente com as famílias recompostas. É curioso atentar para os agrupamentos que são construídos. É a marginalização que complementa e reforça a semelhança. (LEFAUCHEUR³² apud UZIEL, 2002, p. 19).

Este problema fica ainda mais evidente caso o sexo deste adulto, responsável legal de suas crianças, seja masculino. Conforme nos relata UZIEL (2002): “Os lares de homens solteiros, separados ou viúvos não são considerados lares familiares. Essa compreensão, que exclui o homem da configuração familiar, tem consequências na avaliação de famílias compostas apenas por pais e crianças. ”. Esta forma de compreensão traz sérios problemas quando da constituição de lares compostos por indivíduos de sexo masculino. O homem, tanto por processos de subjetivação da masculinidade, quanto pela imagem patriarcal da fortaleza e do provedor, é tido como alguém menos afetivo, e com uma menor capacidade de cuidar; necessitando assim da figura feminina para que este papel de “cuidar” possa, de fato, se materializar e ser possível.

Independente das discussões que são realizadas a respeito das famílias monoparentais, tal forma de agrupamento continua existindo, porém, não é a única forma de estrutura familiar fora da tradicional família bilateral.

Novos e outros arranjos surgem e ajudam ainda mais a transcender os limites do parentesco, do biológico para os laços da manutenção e formação da família pelo afeto que se desenvolve e existe entre os seus membros.

Desta forma, baseando-se as uniões contemporâneas no afeto estabelecido entre duas pessoas e do desejo de estarem juntas por este mesmo sentimento, surgem entre os novos rostos da família, as formadas por pessoas do mesmo sexo. Essas uniões, que além de trazerem à tona as discussões a respeito das relações entre gays e lésbicas, também vieram ressaltar, como afirma Fonseca (2007) a noção de ‘famílias que escolhemos’.

³¹ POUSSIN, Gérard (1993) "Gagner la partie?", In: FAVRE, Dominique e SAVET, Alain (eds.), **Autrement . Parents au singulier. Monoparentalités: échec ou défi?**, no 134, pp. 133-141.

³² LEFAUCHEUR, Nadine (1993) "Les familles dites monoparentales", In: FAVRE, Dominique e SAVET, Alain (eds.), **Autrement . Parents au singulier. Monoparentalités: échec ou défi?**, no 134, pp. 27-37.

Apesar de, no entanto, os relacionamentos homossexuais passarem a ter um enfoque maior nas décadas de 80 e 90, essas uniões, de acordo com Dias (2009) sempre existiram, porém desde que a Igreja³³ transformou a família em um espaço sacralizado através do único fim da procriação; as formadas por casais homossexuais passaram a sofrer o preconceito e serem alvo da violência e do desprezo social. Ressaltando, no entanto, que esse preconceito, conforme afirma Jurandir Freire Costa (1992), também advém da visão médica e sexológica³⁴ que têm revestido, ao longo da história, o homossexual com diversas roupagens que o transformavam em uma pessoa que necessitava ser ‘tratado’: “sodomita, uranista, saturniano, pederasta, invertido, perverso e, por fim, “homossexual”³⁵”. (COSTA, 1992, p. 39).

GRANHA; LUSSAC (2010, p. 6919), no entanto, defendem que: “O surgimento de novas configurações familiares, independentemente de laços consanguíneos, destaca-se dentro da sociedade brasileira, como demonstração não apenas de afeto, mas especialmente como exercício de fraternidade. ”. Ressaltam as autoras ainda, que a família é um organismo social e cultural e que hoje, dentro de um núcleo familiar, os interesses materiais estão colocados em um patamar secundário, pois é a afetividade, que se dá na convivência, que consegue materializar um ambiente de responsabilidade e solidariedade.

Nessa perspectiva de afeto, responsabilidade, fraternidade e solidariedade como formadores e mantenedores; não importa a cara que a família tenha, seja ela composta por pessoas do mesmo sexo ou não. Esses valores, que se repetem na fala do sujeito de pesquisa que abre esse tópico, mostra de forma clara e objetiva, que mais do que os laços de sangue, é a disponibilidade do outro, o cuidado dispensado na relação e muitos outros aspectos que, de fato, constroem uma família. Sobre esse aspecto Moraes (2011, p. 418) defende que: “uma das características da nova família é justamente a mudança de pressupostos. Não se trata mais de uma instituição nascida do casamento legal heterossexual e sim da disposição de cuidar de outrem. ”.

Ainda sobre o conceito de família, Mônica Rodrigues CUNEO apud GRANHA; LUSSAC (2010) diz que:

³³ De acordo com Machado (2001, p. 13): “A construção social das formas de família, da sociabilidade e da noção de indivíduo apresenta historicamente forte enraizamento católico”. Tendo a Igreja, inclusive, não poucas vezes, regulado a vida privada das pessoas, confundindo-se com o Estado a ditar normas de conduta. Essa presença das igrejas ainda marca uma forte presença nos dias atuais, chegando a existir dentro da representação do poder legislativo brasileiro, uma bancada que se auto intitula como ‘bancada evangélica’. Analisaremos essa questão um pouco mais adiante nesse trabalho.

³⁴ Para uma maior compreensão, ler o 2º tópico do 1º capítulo, onde abordamos o tema com maior profundidade.

³⁵ Grifo original do autor.

O dinamismo do conceito de família evolui conforme o desenvolvimento da sociedade na qual se insere e empresta sentido às entidades assim formadas fora do casamento. Lacan, em 1938, buscou demonstrar que família não é apenas um grupo natural, mas também uma estrutura psíquica, na qual cada um de seus membros desempenha uma função, um lugar sem que estejam, necessariamente, ligados biologicamente. (p. 6925).

Dessa forma, compreendemos que o instituto família engloba uma enorme variedade de faces, então, como afirma Dias (2007b) é importante e essencial ter uma visão plural de família, abarcando os novos modelos familiares; dessa forma, é dever do Estado dar suporte e proteção para estes novos rostos de família, conforme a própria Constituição Federal promulga, para que as novas configurações familiares gozem de maneira igualitária da proteção constitucional e tenham todos os seus direitos assegurados.

Isso é importante não apenas porque como diz Fonseca (2007, p. 11): “vista sob a lupa da teoria crítica, nenhuma “família”³⁶ segue a “narrativa linear padrão”³⁷.”, mas também porque a família é o “único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar” (ROUDINESCO³⁸ apud MORAES, 2011, p. 407); dessa maneira estabelecendo-se a cada dia novas configurações e rearranjos que necessitam de novos direitos e formas mais atualizadas de se entender e trabalhar a temática.

2.3 Entre amores, afetos e leis

Eu acho que é a visão idealizada que foi construída do papel masculino e feminino do ‘vinde ao mundo e multiplicai’ e não sei mais o quê. Você vai ser o pai provedor ou a mãe cuidadora e por aí vai que se reproduz. Então, na verdade, é desconstruir um pouco essa visão e colocar que você ser homem ou mulher... não tem coisa de você não ter filhos e se sentir menos ou mais por isso. As famílias estão se reconfigurando, até o próprio IBGE³⁹ já tem isso aí dentro da demografia, né? As composições das famílias diferenciadas. Está se transformando, a história anda.

Daniel (casal 4)

³⁶ Grifo original da autora.

³⁷ Grifo original da autora.

³⁸ ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

³⁹ Ver lista de abreviaturas e siglas.

Atualmente no Brasil não há mais condenação, em letra de lei, contra o homossexual como havia na época da monarquia, quando as Ordenações Filipinas⁴⁰ estabeleciam sanções severas, inclusive de pena de morte, a quem fosse imputado o crime de sodomia, conforme nos esclarece Rios (2001). O país vive hoje em um regime de república federativa, delegando a três poderes distintos⁴¹ o controle e o comando da nação. Porém, ainda de acordo com Rios (2001), apesar do advento do código civil de 1916 e posteriormente da carta magna de 1988, que veio trazer um ar de democracia após vários anos de ditadura militar no Brasil, “a homossexualidade ainda hoje é objeto de intenso preconceito e violência em nossa sociedade”. (p. 384)

Como já foi dito nesse trabalho, no artigo 226 da Constituição Federal Brasileira, está posto que a família é a base da sociedade e que, como tal, tem especial proteção do Estado. Mas, o que a princípio pode parecer um avanço em direitos, pode esconder, implicitamente, um perigo à cidadania e a igualdade de muitos brasileiros. Fonseca (2007) nos esclarece que esse artigo implicitamente pode levar a uma repressão de todas as expressões de família que o Estado não legitima como tal; e, se a família é a célula base da sociedade e merece ser protegida, podem surgir campanhas para tentar exortar a qual família a Constituição se refere e, mais ainda, mobilizações para expurgar àqueles que não se enquadram nesse perfil⁴² a fim de que o Estado brasileiro se mantenha ‘sadio’ em sua célula base.

É o que tem acontecido no Brasil através do poder legislativo e do projeto de lei 6.583/13 do deputado pernambucano Anderson Ferreira, que tenta criar o que se chama de O Estatuto da Família⁴³. Tal projeto de lei busca legitimar em seu artigo segundo, que família é o “núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio do casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. ”. A dita família tradicional⁴⁴, exposta nesse artigo segundo, vem trazer em seu

⁴⁰ Segundo explicação de Regina Célia Pedrosa (1997), as Ordenações Filipinas era um “código de leis portuguesas que foi implantado no Brasil durante o período colonial” (p. 122). Tal código deixou de ser utilizado no Brasil apenas com o advento do código civil de 1916.

⁴¹ Executivo, Legislativo e Judiciário

⁴² Faz-se importante ressaltar, que conforme nos esclarece Machado (2001), uma certa divergência de entendimentos sobre qual modelo de família seria bom ou ruim para a sociedade brasileira, sempre existiu no Brasil. Machado (2001) informa que alguns antropólogos, historiadores e sociólogos afirmam sobre a importância da família patriarcal de Gilberto Freyre para “a construção social de um tipo de modelo familiar”. (MACHADO, 2001, p. 15); alegando que esse tipo de modelo seria importante para fixar um referencial de família na sociedade brasileira. A referida autora informa que sob um outro ponto de vista, na outra margem da discussão, alguns teóricos enaltecem a diversidade de modelos, que seria o que, de fato, representaria o Brasil; enfraquecendo assim a visão gilbertiana.

⁴³ Baseado em um modelo de família heterossexista, considerado por muitos como o único modelo legítimo.

⁴⁴ Ver nota de rodapé nº 3.

bojo a discriminação de qualquer outra forma de expressão, principalmente daquelas que são o foco desse estudo, as famílias formadas por um casal com orientação homossexual.

Tal projeto afronta diretamente a Constituição Federal Brasileira, especialmente o inciso IV do artigo 3º que afirma que o Estado tem por obrigação promover o bem de todos, para isso proibindo qualquer tipo de discriminação. Segundo Maria Berenice Dias (2007a, p. 3): “A orientação sexual adotada na esfera da privacidade não admite restrições, configurando afronta à liberdade fundamental a que faz jus todo ser humano. ”. Além de ir na direção contrária ao que promulga a carta magna brasileira, o projeto de lei em questão vem trazer à tona uma outra discussão sobre a laicidade do Estado.

Apesar de estar garantido na atual Constituição Federal do Brasil a laicidade do Estado, encontra-se presente na Câmara Federal dos Deputados uma bancada que se auto intitula como “Bancada Evangélica”. Essa bancada tem promovido a tentativa não só de transformar em lei projetos de finalidades controversas⁴⁵, mas também de vetar outros projetos⁴⁶. Essas posturas vão de encontro ao tratamento de forma igualitária, como a Constituição estabelece - com todos os benefícios e direitos - a população LGBT do Brasil.

As justificativas utilizadas pelos deputados, que integram a bancada supracitada, apoiam-se em diversos argumentos, mas especialmente em dois. O primeiro deles vem tentar se respaldar numa suposta democracia que viria a atender a vontade da maioria. Sobre essa justificativa trazemos a explicação de Bahia; Vecchiatti (2013) que esclarecem que a democracia deve andar de mãos dadas com o constitucionalismo em qualquer Estado Democrático de Direitos. Sob pena de se assim não for, a balança acabe por pender mais para um lado do que para o outro, gerando, dessa forma, ditadura. Portanto, uma verdadeira democracia deve olhar para a necessidade de todos, contudo sem perder de vista os direitos constitucionais, como o de igualdade, por exemplo. Portanto ao se valer de justificativas sobre o desejo da maioria, em detrimento das minorias, acaba-se por sair do escopo do que a Constituição prega.

O segundo argumento é embasado em suas próprias crenças religiosas e pessoais, onde sobrepõem ao coletivo o que apenas se enquadra no espaço do entendimento do individual.

⁴⁵ Como o projeto de lei 6.583/13 e o projeto da chamada “cura gay; onde os parlamentares desejam liberar (contrariando o que estabelece o Conselho Federal de Psicologia) a atuação dos profissionais de psicologia, para que os mesmos possam promover, o que se chama de “cura da homossexualidade” de pessoas homossexuais que procuram o atendimento psicológico.

⁴⁶ Lei a favor da criminalização da homofobia, distribuição do chamado “kit gay” nas escolas, além do projeto de lei 1.151/95 que fala sobre a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Argumentos baseados em crenças pessoais, que venham tentar estabelecer padrões fixos de família, caminham na contramão de um Estado que se diz democrático e Laico, como é o caso do Brasil; onde, se deveria estabelecer o respeito à diversidade, ao pluralismo e à autonomia da pessoa. (DE MENEZES, 2009).

José Reinaldo Lopes em seu trabalho sobre o Direito ao Reconhecimento de Gays e Lésbicas (2005), também vem tentar esclarecer essa temática, afirmando que não cabe a um Estado de Direitos Laico ir contra a sua constituição para agir de forma coercitiva com seus cidadãos, baseados apenas em um conjunto de convicções e crenças religiosas; uma vez que em um Estado democrático, argumentos de teor religioso não podem determinar obrigações ou deveres, já que nem todos compartilham de um mesmo credo e da moral religiosa inerente a este.

Maria Lygia Quartim de Moraes (2011), ao tratar dessa temática, vem também dizer que quando o Estado carece de sistemas morais alternativos, envereda pelo caminho de se afundar na moral religiosa⁴⁷, que dificulta ainda mais a separação entre Estado e igreja e acaba por transformar as lutas, que deveriam ser políticas em batalhas religiosas. Dessa forma, ainda de acordo com Moraes (2011, p. 420): “permanecemos na esfera do pecado, dos crimes cometidos contra a vontade divina. A instituição religiosa continua sendo a matriz da moralidade pública”.

E é essa mesma moral religiosa que vêm dificultar a legitimação das famílias constituídas de pessoas do mesmo sexo. Pois, como a Igreja tanto como o Estado exercem um poder de controle da sexualidade (como já foi dito nesse trabalho), e como, de acordo com Hernández; Silva; Uziel (2012, p. 374), “a vida amorosa de gays e lésbicas ainda parece reduzida, para muitos setores da sociedade, à sexualidade”, esse controle tenta se fazer mais rígido; na busca tanto de doutrinar às pessoas ao que se julga ser correto⁴⁸, quanto estabelecer padrões de conduta e de normatizar uniões.

Percebemos então que se faz necessário não apenas separar os direitos de crença dos direitos civis e políticos, mas também compreender que se torna impossível limitar, delimitar ou normatizar toda e qualquer conduta social sobre o que venha a ser família. Uma vez que o instituto família, como já foi discutido diante de uma óptica construcionista, por ser também

⁴⁷ Mesmo uma moral que não esteja atrelada a religião, não pode ser utilizada para justificar a omissão do Estado. Dias (2007a) nos afirma que nem a moral, nem o conservadorismo do sistema jurídico nem a ausência de leis pelo congresso podem levar a uma negação de direitos às pessoas de orientação homossexual.

⁴⁸ Sob um ponto de vista religioso.

um reflexo de interações intersubjetivas, deve ser analisada sob um ponto de vista sociológico, uma vez que se encontra em eterna mutação, assim como a própria sociedade.

Dessa forma, apesar de estar posto no artigo 226 as espécies de famílias reconhecidas pelo Estado⁴⁹, é necessário lançar o olhar, conforme nos afirma Kusano (2010), sobre as novas modalidades que vem se constituindo além dos laços de sangue ou matrimoniais, para os novos arranjos das famílias sócio afetivas, como as homossexuais. Essa ampliação de olhar se deve não apenas a importância de acompanhar a evolução do instituto família, mas também, conforme nos afirma Dias (2007a), por se tratar de postura discriminatória e, portanto, contra o princípio da igualdade, exigir distinção de sexos na formação de uma família e na constituição de um ambiente familiar. Pois conforme afirma Cláudia Fonseca (2007), esse núcleo familiar se estende não só além dos laços biológicos, mas também além da unidade doméstica, se expandindo para um contexto de conexão de pessoas e produção da vida social.

Para isso, é preciso enxergar não apenas o modelo familiar em si, mas a pessoa e suas escolhas e desejos de constituição do que ela entende por família. De acordo com a elucidação de Machado (2001):

“A partir dos anos sessenta se vê um deslocamento da importância do grupo para a importância dos membros do grupo, da crescente ideia de que o amor passa a ser condição da permanência da conjugalidade, e da tendência a não diferenciação de funções por sexo nas relações amorosas e conjugais. ” (p. 13).

Percebe-se então que o foco, que antes, do início do século XX até meados dos anos sessenta, era dado ao grupo (ou seja, à família, a necessidade de manter essa estrutura grupal independente do bem-estar e da vontade de quem a formavam) passa a ser dado à pessoa, ao seu desejo, ao que ela quer, ao seu bem-estar e para quem ela direciona o seu afeto. Dessa forma, a família passa a ser um espaço a serviço da pessoa e não o contrário. Pois como afirma Moraes (2011), o parentesco passa a ser uma escolha pessoal e que, como toda escolha deve permanecer no âmbito do cidadão.

⁴⁹ O artigo expõe explicitamente as seguintes famílias: as constituídas pelo casamento civil ou religioso com efeitos civis, a união estável (que se forma pela convivência contínua, duradoura e pública) e a família monoparental (restringindo-se essa a convivência de apenas um dos ascendentes com seu descendente). No entanto, conforme ainda aborda Kusano (2010), uma questão a ser analisada é se esse rol é taxativo (que não permite outras formas de configurações além das ditas explicitamente) ou exemplificativo (onde as formas colocadas são apenas exemplos, entendendo-se assim a existência de outras modalidades de família), o que atenderia, não apenas os princípios de igualdade e dignidade da pessoa humana, mas também toda a pluralidade de rede de afetos.

Uma vez alcançando esse patamar de entendimento, de que cabe a pessoa e não ao Estado, escolher com quem deseja se relacionar e formar seu núcleo familiar, Moraes (2011) levanta a questão do porquê do reconhecimento de alguns modelos de família, passarem a ter necessidade de uma legitimação da justiça, quando para legitimar o amor e o afeto deveria bastar apenas o reconhecimento no nível privado. Um primeiro pensamento diante dessa afirmativa seria o de: se duas⁵⁰ pessoas legitimam seu amor e se reconhecem como família, não deveria haver uma tamanha necessidade do respaldo da justiça, para que o que elas possuem em seu âmbito doméstico, fosse reconhecido e respeitado no nível público e social.

O fato é que no caso do Brasil, as conquistas da população LGBT têm sido apenas através do poder judiciário⁵¹. Isso se dá porque, em determinadas situações, os homossexuais não conseguem que o poder legislativo atenda suas demandas, legislando em favor não apenas do interesse desse grupo, mas principalmente fazendo valer o princípio constitucional da igualdade. Dessa forma, é o judiciário que necessita atuar, de forma contramajoritária, buscando defender os direitos fundamentais de um grupo que não consegue ter acesso total ao congresso, a fim de que possam usufruir de seus direitos. (BAHIA; VECCHIATTI, 2013).

Uziel; Mello; Grossi (2006a) afirmam que na realidade atual do país, os direitos da comunidade LGBT têm sido assegurados pelo sistema judiciário no nível individual; são essas pequenas conquistas no âmbito privado, que geram as jurisprudências⁵² que acabam por beneficiar as demandas desse público; inclusive no que se refere à família. Além disso, esse reconhecimento jurídico traz fortes implicações para muitos casais homossexuais que desejam ver sua relação legitimada em âmbito social.

Os casais homossexuais que desejem ter suas relações sob a tutela e a proteção do Estado, podem contrair casamento e/ou entrar com um pedido de união estável. Tanto um quanto o outro não possuem impeditivos em todo o ordenamento jurídico; uma vez que como a constituição não explicita e ainda de acordo com o preceito da igualdade e da não discriminação, todos tem o direito implícito de casar se assim o desejarem.

⁵⁰ No caso desse trabalho, mas, como reconhecemos que família é onde há afeto, solidariedade, companheirismo, cuidado e tantas outras características que já afirmamos nessa dissertação, entendemos também como família outras configurações de amor.

⁵¹ Os casos de guarda definitiva da criança (2001); adoção conjunta (2006); o reconhecimento da união homossexual como união estável, pelo Supremo Tribunal Federal (2011); casamento civil (2013) etc.

⁵² Jurisprudência, de acordo com Diniz (1993, p. 265) é o: “conjunto de decisões uniformes e constantes dos tribunais, resultantes da aplicação de normas a casos semelhantes, constituindo uma norma geral aplicável a todas as hipóteses similares ou idênticas.”.

O casamento e a união estável são tidos por muitos, como modelos do conservadorismo de uma sociedade patriarcal e heteronormativa⁵³. Hernández; Silva; Uziel (2012) vem levantar a questão de que a integração e a busca por esses direitos, por parte da população LGBT, significa para alguns “um movimento de domesticação heterossexista” (p. 369), ao invés de uma modificação desse instituto. Porém, torna-se importante compreender o peso político que o reconhecimento da união estável, ou do próprio casamento traz, mesmo quando não há previsão de um reconhecimento legal por parte do poder legislativo brasileiro. De acordo com o que relatam Hernández; Silva; Uziel (2012), o contrato e o reconhecimento jurídico sobre suas relações, parece trazer um sentimento de pertencimento à cidadania, uma coroação para a união que já existe de fato, um compreender-se como sujeito de direitos.

Mas não apenas compreender-se como sujeito, ter acesso também aos benefícios (civis, de família, herança, saúde, etc) que geram sentimentos de proteção jurídica, segurança, entre outros que estão diretamente relacionados à cidadania. Mais ainda. No caso de o casal possuir filhos ou pense sobre tê-los, trata-se de assegurar àquela criança os direitos não apenas relacionados com um único adulto cuidador, mas também possibilitar esse vínculo legal ao outro⁵⁴. Negar essa possibilidade, mais do que um ato de intolerância, é fazer com que a criança e/ou adolescente (que possuem proteção especial da lei) perca parcelas significativas de direitos que deveriam ter assegurados. De acordo com Hernández; Silva; Uziel (2012), todas essas conquistas vêm dar mais força à comunidade LGBT enquanto grupo, colaborando não apenas com um maior sentimento de pertencimento e percepção da cidadania, como já dissemos, mas também desconstruindo um pouco o muro das desigualdades entre heterossexuais e homossexuais.

Essa sensação de pertencimento, no entanto, não faz parte da rotina de um casal heterossexual, uma vez que, por terem suas relações já legitimadas pelo Estado Brasileiro de forma ampla, já se entendem e estão inseridos em um patamar de direitos e como cidadãos. Tal vivência é completamente diferente da realidade de um casal homossexual que necessita afirmar-se e empoderar-se como pessoa e como parte de uma família homossexual⁵⁵. Portanto

⁵³ E também capitalista e colonizada por brancos europeus.

⁵⁴ Uma vez que a legitimidade jurídica dessas uniões, facilita os casos de adoção de crianças e adolescentes pelo casal.

⁵⁵ Desconstruindo, inclusive uma pseudoverdade sedimentada sobre a homossexualidade, que a colocava à parte do mundo, taxando-a como “crime, o crime contra a natureza. Descrevendo o invertido como um “anormal”, um praticante do “amor antifísico” e “antissocial””. (COSTA, 1992, p. 48).

o contrato e o reconhecimento jurídico simbolizam esse ‘transformar-se’ em cidadão. (HERNÁNDEZ; SILVA; UZIEL, 2012).

Para além ainda da ideia de pertencimento, Machado (2001) traz uma outra compreensão, afirmando que, no Brasil, “o valor da família como prestígio se estende por toda a sociedade” (p. 15). Analisando-se então, a importância de fazer parte de uma família, pela ideia do prestígio, chegamos a mais um fator de negação e preconceito contra a população LGBT; porque atribuir a uma parcela tão discriminada da sociedade, como é o caso dos homossexuais, o título de família, seria dar a eles um ‘prestígio’ que a sociedade não deseja dar e que a moral religiosa⁵⁶ não permite.

Portanto, a possibilidade do casamento e da união estável, para os casais homossexuais que desejam esse reconhecimento jurídico⁵⁷, representa várias conquistas; que são tanto individuais como coletivas; pois abre o caminho, através das jurisprudências, para uma aquisição de direitos pelos demais. Além disso, de acordo com Hernández; Silva; Uziel (2012), nem todas as famílias que optam por legalizar sua união perante o Estado, o fazem pelos mesmos motivos, uns “se uniram por amor, outros para reafirmar seus direitos” (p. 375), e por tantas outras razões.

No entanto, esse caminhar de reconhecimento de uma família, passando pelo casamento, está longe de ser um consenso entre os pesquisadores. Hernández; Silva; Uziel (2012) nos dizem que alguns teóricos vêm afirmar que é necessário antes da defesa de uma legitimação legal do casamento homossexual, realizar uma ‘reforma’ na estrutura e na própria concepção do casamento; inclusive trazendo a ideia de que um relacionamento, para ter sentido, não necessita ter um respaldo jurídico e/ou legal; realizando assim um movimento de afirmação de outras possibilidades de reconhecimento do afeto. Correndo o risco de se criar não apenas uma obrigação para todos os casais homossexuais (no caso do casamento passar a ser exposto em letra de lei⁵⁸), mas também de haver uma segregação entre o que se poderá considerar como homossexuais bons e morais (aqueles que se casam) e homossexuais ruins ou imorais (os que não se casam). (HERNÁNDEZ; SILVA; UZIEL, 2012).

⁵⁶ Tratamos aqui das religiões ocidentais tradicionais.

⁵⁷ Compreendemos que não são todos os casais homossexuais que desejam esse tipo de reconhecimento; além de que, tal reconhecimento não deve ser entendido como uma obrigação; uma vez que o que faz duas ou mais pessoas desejarem estar juntas, não precisa de uma aprovação do Estado para se efetivar.

⁵⁸ Atualmente a lei brasileira não especifica o casamento ou a união estável de pessoas do mesmo sexo; no entanto, compreendemos que o que a princípio pode parecer algo negativo, na verdade pode ser algo bastante positivo. Talvez ao legislar especificamente sobre os homossexuais, o Estado brasileiro criaria um novo enquadramento de obrigatoriedade para que todos efetivem sua relação através desses dois modelos legais.

Judith Butler (2003) também se posiciona sobre essa questão, compartilhando do ponto de vista sobre a não necessidade do casamento para o reconhecimento de uma relação homossexual quando afirma:

O argumento a favor de uma aliança legal pode funcionar em paralelo com uma normalização pelo Estado das relações de parentesco reconhecíveis, um requisito que estende os direitos de contrato, mas não rompe as suposições patrilineares de parentesco ou o projeto de nação unificada por ele apoiado. (p. 225).

Dessa forma, Butler compreende que a legalização do casamento para casais homossexuais, apesar de ampliar o acesso a determinados direitos, como os de herança, civis etc, não ajuda a combater o sistema patriarcal, além de gerar uma normatização das famílias passíveis de reconhecimento; uma regulação do parentesco e do sexo fora do casamento e uma subordinação ao modelo heteronormativo de união. (BUTLER, 2003).

O fato é que, sob um ponto de vista de efetivação dos direitos humanos, onde se busca, primordialmente, dar a qualquer pessoa autonomia sobre sua própria vida e liberdade de escolha sobre como conduzi-la; a possibilidade do casamento, não apenas sob garantia do poder judiciário, talvez viesse contribuir para o poder de decisão dos casais homossexuais, caso desejem legalizar sua união⁵⁹. Não significando, contudo, que o seu compreender sobre família perpassa, necessariamente pelo casamento.

À parte da discussão da efetivação ou não do casamento, em letra de lei; Maria Berenice Dias (2007a) vem dizer que a constante negativa em se reconhecer as famílias formadas por um casal com orientação homossexual e estender a elas todos os direitos de família, vem falar sobre a tentativa do Estado e, mais especificamente do poder legislativo, em manter esse instituto dentro de modelos tradicionais e convencionais. Essa atitude, contra especificamente aos relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, demonstra postura discriminatória que se choca diretamente com a efetivação de um Estado democrático de direitos; como promulga, para o Brasil, a Constituição Federal de 1988.

É importante perceber então, que diversas são as faces que a família pode apresentar e, como nos afirma Machado (2001), não se pode esperar que o instituto família obedeça um

⁵⁹ De acordo com Mello apud Hernández; Silva; Uziel (2012), nesse caso, da busca sobre a legalização da união, há um sentimento, por parte dos casais do mesmo sexo, de concordância com os valores e a cultura da sociedade na qual estão inseridos. (MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.).

padrão linear de estrutura⁶⁰; ou ainda que a família comporte todas as modalidades de afeto e tendências. Porque apesar de simbolicamente ela parecer representar um único aspecto; ela não se encontra mais em uma estrutura fixa e fechada, ela expandiu-se para dimensões plurais (DE MACHADO, 2009). A família tem que ser compreendida como um fruto da interação social e intersubjetiva, que vai se alterando e se ampliando à medida que as relações se expandem através de laços diversos de afinidade.

No início desse capítulo, afirmamos que atribuir um conceito à família seria algo muito difícil, uma vez que compreendemos que esse instituto carrega consigo uma pluralidade de entendimentos, formas e possibilidades. Não resistimos, porém, devido à beleza da síntese, de trazer uma definição, não da família em si, mas das relações familiares de acordo com a leitura de Cláudia Fonseca:

Definimos o laço familiar como uma relação marcada pela identificação estreita e duradoura entre determinadas pessoas que reconhecem entre elas certos direitos e obrigações mútuos. Essa identificação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais) em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum (compartilhar o cuidado de uma criança ou de um ancião, por exemplo.). (2005, p. 54).

Portanto, segundo Dias (2007a, p. 5): “nem o matrimônio, nem a diferenciação dos sexos ou a capacidade procriativa servem de elemento caracterizador da família”. A formação de uma família pode se dar então, através de caminhos distintos e motivações variadas; seja através do afeto, do desejo, da amizade e de tantos outros sentidos. Ao Estado, não cabe especificar que tipo de relação se dá em um âmbito doméstico (ou até fora dele). O nome que reveste um sentimento, só pode ser dado por àqueles que o vivenciam.

Como diz o sujeito de pesquisa no início desse tópico, a história anda, se transforma. A família é um ser vivo, dinâmico, não pode e não deve ser encarado como algo estático e imutável no tempo. Não é cabível, desse modo, excluir as relações homossexuais do rol de família, se elas de fato, em sua convivência diária se auto intitulam como tal.

⁶⁰ Segundo Cláudia Fonseca (2005), o pensamento de que a família obedecia a padrões lineares de estrutura, já foi pensado, sobretudo por antropólogos clássicos. Entendia-se, então, que a família passaria por três fases padrões: “ formação inicial (em geral, por casamento), expansão (com nascimento dos filhos), e declínio (quando os filhos adultos saem para estabelecer seus próprios núcleos, e a velha geração é deixada com o “ninho vazio”). Esse tipo de teoria, no entanto, não supre mais a diversidade das configurações e formações familiares que Nem sempre começam dessa forma, nem necessariamente continuam a se estabelecer dessa forma.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Muito antes de a humanidade dominar a escrita, as tradições, a cultura, os valorosos feitos heroicos e todos os ensinamentos de um povo eram repassados, geração a geração, pela tradição oral. As histórias eram mantidas vivas através da habilidade de homens e mulheres, que as contavam repletas de detalhes e com a emoção à flor da pele. Era através deles que as memórias de um povo se perpetuavam pelos tempos eternizando nações.

O contar histórias, dessa forma, de acordo com Peter Spink (2003) é um valioso recurso na vida cotidiana, que dá às pessoas uma maior liberdade para narrarem suas experiências de maneira mais confortável; mas não apenas isso, Spink (2003) também diz que contar uma história não se refere apenas às ações do dia a dia, mas também “contar histórias faz parte do processo de pesquisa” (p. 22).

Aqui também iremos contar uma história, ou várias histórias, e, ao contar essas histórias, desse fazer ciência, criar vínculos, instigar e ser instigada por diálogos e narrativas; partimos não apenas de um paradigma de uma ciência reflexiva que não se propõe a dar respostas definitivas sobre a temática em questão, mas partimos também da escolha de uma linguagem mais simples possível; para que possamos nos fazer entender não apenas por quem tem intimidade com esse tema e/ou com o proceder científico; mas especialmente por quem não lida com isso no seu dia a dia.

Essa simplicidade de linguagem e a busca de se fazer entender não apenas pelos demais psicólogos e pesquisadores que atuam na área da psicologia social, mas também por pesquisadores de outras áreas ou por pessoas que não estão inseridas no meio acadêmico, ajuda no processo de vincular mais pessoas à temática da produção de sentidos sobre família por parte de casais homossexuais⁶¹; aguçando o interesse de quem, de alguma forma, está implicado com o tema das diversas configurações de família.

Importante dizer que essa pesquisa terá como abordagem o método qualitativo. Compreendemos, assim como Minayo (2010), que em uma pesquisa qualitativa, a interação entre pesquisador(a) e interlocutores da pesquisa é salutar. É nessa interação que configurará um ambiente de confiabilidade e de liberdade da própria fala.

⁶¹ Ver nota de rodapé nº 06.

A pesquisa qualitativa, ainda conforme Minayo (2010), se ocupa de questões muito singulares que não convêm serem quantificadas porque, especialmente no âmbito das ciências sociais, eles vêm tratar das interações humanas; de conjuntos de fenômenos que não cabem em quantificações, porque são da ordem da interpretação e não de uma escala hierárquica.

Desta forma, seguindo essa linha de compreensão, o método qualitativo para essa pesquisa, vai permitir analisar e entender os sentidos que os casais atribuem acerca do seu núcleo doméstico.

Dessa maneira, é a isso que nos propomos neste capítulo dos procedimentos metodológicos, contar uma história sobre todo esse processo do caminhar que não se refere apenas aos momentos do diálogo com os interlocutores em si, mas engloba todos os momentos, a partir do instante que escolhemos o tema (ou melhor, que somos escolhidos por ele), até muito além do ponto final da dissertação.

Aliás é a isso que se refere a ideia do campo-tema de Spink (2003), ao qual nos identificamos, onde o campo não mais é entendido como um lugar geográfico em si, mas sim “o argumento no qual estamos inseridos; argumento este que tem múltiplas faces e materialidades, que acontecem em muitos lugares diferentes” (SPINK, 2003, p. 28).

O campo para a psicologia social, para repetir, começa quando nós nos vinculamos à temática... o resto é a trajetória que segue esta opção inicial; os argumentos que a tornam disciplinarmente válida e os acontecimentos que podem alterar a trajetória e re-posicionar o campo-tema. (Spink, 2003, p. 30).

Partindo desse pressuposto, o meu campo e o início da trajetória, inicia-se na graduação quando me vi, pela primeira vez, envolvida e fascinada pela temática⁶², mas foi na continuação da caminhada acadêmica que a minha trajetória foi se firmando, se empoderando e me empoderando, demarcando para mim todos os caminhos que eu queria traçar.

Logo de início, junto com a aprovação no mestrado em psicologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), também comecei a fazer parte do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA), onde meu orientador é um dos coordenadores. Participar do GEMA me possibilitou ampliar meus conhecimentos teóricos a respeito das discussões de gênero, feminismo, sexualidade, construcionismo e tantas outras

⁶² Esse meu ‘caminhar’ já está descrito na introdução.

temáticas que não só me enriqueceram como pesquisadora e psicóloga, mas também me deram um maior arcabouço bibliográfico que foi utilizado para a construção dessa dissertação.

Ainda no primeiro semestre do mestrado, me inseri no grupo de pesquisa do projeto Paternidade e Cuidados de Saúde, tal projeto faz parte do Programa de Pesquisa e Extensão Universitária que está sendo desenvolvido em regime de parceria entre o Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidade (GEMA) da Universidade Federal de Pernambuco; o Instituto PAPAÍ (PE) e o Instituto Promundo (RJ). O projeto supracitado busca envolver os homens em questões relacionadas ao cuidado e a paternidade, no contexto da saúde e dos direitos reprodutivos.

No decorrer desse projeto foi elaborada uma pesquisa onde foram realizadas entrevistas estruturadas com uma amostra representativa de 400 homens com idade entre 18 a 59 anos, residentes da várzea⁶³. O questionário versou, entre outros temas, sobre o cuidado dos homens com seus filhos e o exercício da paternidade. Apesar de o projeto não ter tido como foco central homens homossexuais, houve um trecho do questionário destinado à temática LGBT (não aos homens homossexuais, mas sim a questões que versavam sobre homofobia e sobre o conhecimento de leis de proteção à população LGBT); no entanto, participar desse projeto, e da pesquisa vinculada a ele, também me abriu diversas portas de discussões e aprendizagens sobre paternidade e especialmente sobre cuidado; o mesmo cuidado que eu pude constatar na fala de todos os interlocutores dessa pesquisa.

Outro passo que sinto necessidade de destacar está relacionado com a disciplina intitulada: “Sexualidade – prazeres e práticas”, que cursei no segundo semestre do primeiro ano do mestrado. O conhecimento teórico que me foi repassado durante esse semestre de estudo foi de fundamental importância para mim; pois foi por tê-la cursado, que tive a oportunidade de me aprofundar no estudo mais amplo da sexualidade e de várias temáticas vinculadas e que dialogam de alguma maneira com essa, como: as discussões sobre heteronormatividade, movimento LGBT, políticas queer, famílias, casamentos homossexuais, direitos LGBT, bissexualidade, poliamor, gênero entre tantos outros. Os textos da disciplina “Sexualidade – prazeres e práticas” me ajudaram a compor o segundo tópico do capítulo teórico conceitual, quando, de fato, abordo com mais detalhes a sexualidade, relacionando-a com a temática dessa pesquisa. Também foi o estudo dessa disciplina que facilitou o entendimento e ajudou o diálogo com os interlocutores desse trabalho.

⁶³ Segundo maior bairro em extensão territorial da zona oeste do Recife.

4.1 Aspectos éticos da pesquisa

Como dito anteriormente, este projeto está vinculado a uma pesquisa mais ampla intitulada “Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde”, parte de um programa de pesquisa e extensão universitária, que está sendo desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA/UFPE), o Instituto PAPAI (PE) e o Instituto Promundo (RJ). Essa pesquisa maior atende aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos baseado na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, e já foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco⁶⁴.

Toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida a uma reflexão ética no sentido de assegurar o respeito pela identidade, integridade e dignidade da pessoa humana e a prática da solidariedade e da justiça social (FREITAS, 1998). Dessa maneira, todos os princípios e cuidados com a privacidade dos sujeitos que participaram dessa pesquisa foram e serão salvaguardados, tanto no momento do encontro com os interlocutores, quanto na fase da análise de dados, como também nos momentos da exposição desse trabalho.

O cuidado ético que compreendemos e nos valem no decorrer de toda essa pesquisa, desde o momento que adentramos em seu campo-tema, perpassa pela noção de uma ética prescritiva⁶⁵ mas vai muito além dela, adentrando no campo de uma ética dialógica que, de acordo com Spink (2000), extrapola os códigos explícitos de ética.

A ética dialógica, que leva em conta as competências éticas tanto dos interlocutores quanto do pesquisador (a), pauta-se em três cuidados essenciais de pesquisa: o anonimato, os consentimentos informados e o resguardo do uso abusivo do poder na relação entre pesquisador e participantes. (SPINK, 2000).

O anonimato vem resguardar a identidade dos interlocutores; trata-se, portanto, como afirma Spink (2000), de um mecanismo de proteção. A todos os 12 interlocutores dessa pesquisa, foi explicado que seriam utilizados codinomes para cada um deles. Também tivemos o cuidado de perguntar se eles se sentiam à vontade e confortáveis com essa medida. Todos responderam não ter problema na utilização dos codinomes. Dessa forma, os nomes

⁶⁴ CAAE: 33295914.5.3001.5208. O parecer substanciado do comitê de ética encontra-se no apêndice desse trabalho.

⁶⁵ Aquela que advém de uma moral contratual.

utilizados em referência aos homens participantes não se tratam de seus nomes de nascimento, mas nomes aleatórios que escolhemos durante o processo de transcrição e análise.

Em todos os encontros com os casais participantes dessa pesquisa, antes do início da gravação dos áudios que facilitaram as transcrições das conversas; explicamos detalhadamente qual era o objetivo da dissertação, os procedimentos que estávamos utilizando, os embasamentos teóricos que norteavam a pesquisa e todo o passo a passo do trabalho. Também explicamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁶⁶ e dissemos que a participação nesse processo se daria de forma voluntária, e que cada interlocutor poderia, se assim desejasse, sair da pesquisa a qualquer momento sem nenhum ônus. Todo esse processo atendendo aos pressupostos do consentimento informado e buscando estabelecer um processo de transparência de acordo com a perspectiva construcionista que norteia esse trabalho; como afirma Spink (2000):

A transparência necessária tem difícil convivência com muitos dos pressupostos da pesquisa alinhada às epistemologias realistas, dada a tradição aí estabelecida de que o conhecimento dos objetivos envia os resultados da pesquisa. Convive mais facilmente com as pesquisas alinhadas às epistemologias construcionistas, dada a aceitação implícita da reflexividade no processo da pesquisa. (p. 21).

Já o resguardo do uso abusivo do poder na relação entre pesquisador e participantes vem dizer não apenas sobre a postura ética que deve existir na relação entre interlocutores e pesquisador (a), sempre buscando, como afirma Spink (2000), estabelecer uma relação de confiança que deve existir em todos os processos da pesquisa; mas também sobre o cuidado, o respeito e a sensibilidade do pesquisador (a), com relação aos limites dos interlocutores e do gerenciamento das tensões e angústias que podem advir durante a conversa ou após esse momento. (SPINK, 2000).

Importante mais uma vez salientar que todos os cuidados éticos se dão não apenas na fase dos encontros com os interlocutores, mas também em todo o processo de análise dos dados e na exposição dessa dissertação.

⁶⁶ O termo utilizado encontra-se no apêndice desse trabalho.

4.2 A narrativa em destaque

Conforme já foi abordado nessa dissertação, esse trabalho se baseia em um estudo qualitativo no qual foi utilizada a narrativa dos participantes. Conforme o pensamento de Bauer; Jovchelovitch (2002), toda e qualquer experiência humana pode ser expressa em forma de uma narrativa; talvez por isso, de acordo com Elliot⁶⁷ apud Fanton (2011), há, nos últimos tempos, um aumento e preferência na utilização do método da análise das narrativas no âmbito das pesquisas sociais. Esse crescimento de utilização da narrativa, é explicado, ainda segundo Elliot, devido à insatisfação nos resultados coletados que os métodos quantitativos e qualitativos (esses últimos àqueles que efetuam algum tipo de padronização das respostas) trazem ao pesquisador e a sociedade científica de maneira geral. A narrativa, em contrapartida, permite que se volte o olhar para a trajetória do interlocutor, como ele constrói sua própria história, como ele se entende sendo ator dessa caminhada e os significados e sentidos da sua vida, inserida em um contexto social.

Todo ser humano narra fatos. Narra-se as experiências, situações vivenciadas, acontecimentos comuns do dia a dia. Pesquisas também são de certa forma, narrativas a respeito de assuntos diversos. “Narrar é dimensão fundamental de comunicação humana e de atribuição de significado ao mundo” (WITTIZORECKI *et al.*, 2006, p. 2). As narrativas então, ainda segundo Wittizorecki *et al.* (2006), permitem voltar o olhar para a história da pessoa, representando assim a construção de outra possibilidade de conhecimento, que se localiza mais próximo da realidade de vida e de significados do interlocutor.

É por existir essa certa intimidade com o ato de narrar, que optamos por esse caminho, de deixar fluir a fala do interlocutor; onde pudéssemos ouvir a sua história e, durante esse processo, que ele também escutasse o seu ‘falar’. E foi assim com todos os seis casais dessa pesquisa. Uns com maior ‘gana’ de falar e contar a sua história, de como conheceu seu parceiro, de como a proximidade entre ambos foi se construindo, foi caminhando; de suas impressões sobre sentimentos que foram nomeados de tantas maneiras diferentes. Nomeações dadas por eles mesmos diante da leitura que faziam de suas situações, de seus relacionamentos. Nomeações que foram, talvez percebidas pelo ato de falar, narrar, contar algo tão íntimo de si e socializar essa intimidade comigo, naqueles encontros à três. Outros mostraram uma maior timidez nesse ‘narrar’, eram mais comedidos, monossilábicos; mas o

⁶⁷ ELLIOTT, Jane. **Using narrative in social research: qualitative and quantitative approaches**. London: Sage, 2005.

narrar se dá por tantas vias. O silêncio ou as poucas palavras também narram uma história; também falam de si; e assim, todos teceram através das narrativas, as teias de suas vivências.

A noção de narrativa, nas pesquisas sociais, pode ser compreendida como o discurso de uma pessoa (participante da pesquisa) com uma dada ordem de sequência definida, através das perguntas abertas que são trazidas pelo pesquisador(a)⁶⁸. No momento inicial do encontro, segundo Bauer; Jovchelovitch (2002), explicamos ao interlocutor o contexto da pesquisa, os procedimentos, solicitamos permissão para gravar a entrevista; e é também onde o tópico inicial da narrativa é apresentado⁶⁹.

É nesse momento que a empatia entre pesquisador(a) e interlocutor(a) se estabelece ou não. É o primeiro olho no olho, o primeiro aperto de mão, o primeiro sorriso trocado e sentido; sorriso que pode perder lugar para as lágrimas no meio da narrativa. Com todos os interlocutores tentei estabelecer um elo de simpatia e confiança; todos retribuíram com sorrisos os meus sorrisos. Em alguns, os risos viam espontâneos, se diziam cheios de satisfação por estar participando de um momento como aquele, de poder falar de si, falar do outro com quem dividem seus dias, como foi o caso dos risos de Leônidas⁷⁰.

Conheci Leônidas⁷¹ no fórum, no dia de seu casamento civil com seu companheiro Guilherme. Leônidas, descendente de japoneses, 44 anos, sorri com os olhos. Mas não é porque seus olhos são puxadinhos, como os de qualquer descendente das terras nipônicas; é porque ele realmente expressa seus sorrisos com o olhar, ou melhor com o corpo todo. A cada frase dita, um sorriso poético não apenas dos lábios. Leônidas nem me deixou tentar iniciar o elo de empatia... ele mesmo o começou com um forte abraço tão logo ele me viu, no café onde marcamos de nos encontrarmos em uma noite enluarada.

Já Marco, chegou sério. Os sorrisos foram escassos; mas não porque estivesse triste ou porque as lágrimas roubaram a felicidade dos lábios. Não, nada disso. É que Marco, no auge de seus 26 anos, fora me encontrar não só para contar sua história e dizer do seu relacionamento com Rubens; mas também fora àquela praça, me encontrar, num domingo à

⁶⁸ Ainda nesse capítulo, falarei com maior detalhe sobre quais foram essas perguntas e como esse processo aconteceu com cada um dos casais.

⁶⁹ O que também está de acordo com o pressuposto do consentimento informado da pesquisa pautada em uma ética dialógica; conforme nos esclarece Spink (200) e como já abordei anteriormente no tópico referente aos aspectos éticos.

⁷⁰ Como já foi dito anteriormente, todos os nomes utilizados não são os nomes reais dos interlocutores, mas sim codinomes que visam proteger à intimidade através do anonimato.

⁷¹ Nesse tópico referente às narrativas e no próximo onde abordo as práticas discursivas e as produções de sentido, serão introduzidos alguns interlocutores que participaram dessa pesquisa, porém o perfil sócio demográfico de cada um deles só será apresentado no último tópico desse capítulo, bem como no último capítulo dessa dissertação.

tarde, para militar. Militar pela causa, disse-me ele quando o gravador não estava ligado. Mesmo com lábios sérios e testa franzida, o elo de afeto e confiança, entre ele e eu se estabeleceu; e Marco falou-me sua história, narrou de como suas feridas foram abertas pela mãe, que não aceitava e não aceita um filho homossexual; e de como essas mesmas feridas foram, pouco a pouco, se apascentando através dos cuidados e carinhos de Rubens.

E tantos outros sorrisos, de alegria, de nervoso, de ansiedade, e de tantos sentimentos, que a minha bagagem teórica não pôde decifrar. Mas com todos eles, respeitando o jeito de cada um, construiu-se uma ponte de confiança; levando-me a eles, e também os trazendo a mim.⁷²

Dos métodos que pensei para deixar os interlocutores mais à vontade no seu ato de falar; optei pela entrevista narrativa, por ela poder ser compreendida como uma forma de entrevista com perguntas abertas, que possibilitam aos entrevistados estarem mais à vontade e livres para exprimirem seus sentimentos e vivências no assunto que está sendo abordado (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002). Percebe-se, no entanto, que, mesmo possibilitando uma maior liberdade e autonomia para o interlocutor, do que em comparação com as entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, a entrevista em narrativa não está de todo livre; ela possui perguntas que, mesmo que abertas e mais amplas, direcionam e mobilizam o informante no sentido da reflexão do assunto tema de pesquisa. Caracteriza-se também pela forma de estimulá-lo a contar alguma situação importante tanto na sua vida pessoal, quanto na sua vida social (MORAIS; PAVIANI, 2009).

Diante das atuais discussões nacionais sobre o que é família e de todas as arbitrariedades do congresso nacional ao tentar estabelecer que tipo de configuração deve ser reconhecida e legitimada como tal; inclusive com a atual aprovação do estatuto da família⁷³ pela câmara dos deputados em Brasília no final do mês de setembro de 2015, excluindo com isso, variadas configurações familiares; eu queria entender, com essas entrevistas, como se dava a produção de sentidos sobre família por casais homossexuais⁷⁴. Como eles viam e que sentido atribuíam ao que eles tinham dentro de casa. Se compreendiam o seu viver com o

⁷² Todos esses encontros serão narrados com mais detalhes ainda nesse capítulo.

⁷³ Como já dito anteriormente, tal estatuto, de autoria do deputado pernambucano Anderson Ferreira, vem definir a família como a união entre homem e mulher e vem dispor sobre os direitos da família e as diretrizes das políticas públicas voltadas para atender a essa configuração de entidade familiar em áreas como saúde, segurança e educação.

⁷⁴ Apesar de nos referirmos em toda essa dissertação, sobre produção de sentidos; queremos esclarecer que compreendendo, no entanto, que o que de fato eu iria encontrar seria uma 'co-produção' de sentidos, uma vez que ao me encontrar com os casais e conversar com eles por quase uma hora, eu também levava para nossas conversas algo de mim; portanto eu também estava, junto com eles, produzindo sentidos.

outro⁷⁵ como uma relação, e se assim fosse, como nomeavam essa relação. Para isso eu ia para essas entrevistas com uma pergunta formulada.

Como vocês se conheceram?

Era assim que começavam nossas conversas; e eles contavam, narravam suas histórias. A partir dessa pergunta emergiam, por entre todos aqueles 12 lábios suas vivências, que não necessariamente focavam o companheiro; ou o colocavam como figura central de suas histórias. Na maioria das vezes o ponto central em suas narrativas eram eles mesmos; sua família biológica, a religião que possuem ou possuíam e, algumas vezes era um outro homem. Essa pergunta, eu tinha consciência, possibilitava a trajetória por milhares de caminhos diferentes, caminhos que eu não poderia precisar para onde iriam. Eu tinha então (vamos dizer assim) perguntas na agulha, questões que eu também gostaria de colocar, mas que não necessariamente precisavam ser postas no meio daquelas narrativas. Eu as colocaria apenas se algo suscitasse uma deixa para que eu voltasse a perguntar sobre outras coisas, como: há quanto tempo então estão juntos? Vocês nomeiam essa relação de alguma forma? Como foi esse processo de auto aceitação? E o que é família então?⁷⁶

A conversa era sempre com o casal ao mesmo tempo. Preferi assim. Já que eu não teria tempo hábil de realizar uma observação do cotidiano, quis ao menos, nesses breves momentos das entrevistas, observar para além do que era narrado⁷⁷, ver como os dois intercalavam suas falas; se dividiriam lembranças; as trocas de olhares e as posturas. Se eu não tivesse tempo de colocar isso em análise (para a conclusão dessa dissertação); ao menos enriqueceria de poesia o meu narrar dessas histórias⁷⁸.

Além desses momentos em que os interlocutores narravam suas histórias, também foi dado a cada um deles um questionário com perguntas objetivas que versavam sobre: idade,

⁷⁵ Ou com outros, para o caso de relações não monogâmicas.

⁷⁶ Julgo importante ratificar que essas outras questões iam aparecendo caso a narrativa deles permitissem. Por exemplo: Se eles afirmam ter uma relação, eu poderia perguntar como eles nomeavam aquela relação. Se falavam sobre uma dificuldade de aceitar-se homossexual (ou gay, ou bicha, de acordo com o termo que eles mesmo utilizavam), indagava então, como tinha sido, ou como estava sendo o processo de auto aceitação etc.

⁷⁷ Aliás, remetendo ao título desse trabalho. O 'para além da tua moldura' não vem fazer referência apenas aos enquadramentos dados para o conceito de família; mas também, para além do que é narrado, para além até dos enquadramentos da metodologia, conforme nos disse a querida Vera Menegon em uma conversa riquíssima, quando da exposição do meu capítulo metodológico, na aula do dia 10 de dezembro de 2015, da disciplina Tópicos Especiais 2 – Estudos avançados em análise qualitativa, do professor Benedito Medrado.

⁷⁸ É importante ressaltar, que a minha presença (como uma mulher supostamente heterossexual, psicóloga e que, no momento das entrevistas estava grávida) gerou provocações em meus interlocutores; provocações essas que tanto surgiram, mais explicitamente, antes do gravador ser ligado, como também no momento que narravam suas histórias. Falarei dessas provocações no capítulo seguinte dos resultados e análises.

grau de escolaridade, religião, estado civil, profissão, se possui filhos⁷⁹, se costuma frequentar locais destinados ao público LGBT, dentre outras questões. Esses questionários, por sua vez, foram respondidos individualmente⁸⁰ já que o objetivo era construir um perfil sócio demográfico de cada interlocutor.

O tempo dado para que o interlocutor elabore suas respostas e possa experienciar e vivenciar suas lembranças; conseguindo assim não apenas reelaborar as suas memórias e conclusões sobre os fatos indagados, mas também os transmitir ao pesquisador (a), também é um ponto importante de análise e reflexão e que foi respeitado em todas as 6 entrevistas. Sobre isso nos afirma Moraes; Paviani (2009, p. 5): “O sujeito, no momento da entrevista, dispõe do tempo necessário para responder as perguntas, sem sofrer a interrupção do entrevistador, o qual o deixou livre para expor sua história, ou o que julgasse necessário.”.

Portanto, em suma, conforme nos traz Fanton (2011), todo o intuito desse tipo de abordagem, embasada na entrevista narrativa, é fazer com que o interlocutor se sinta motivado e engajado em reproduzir suas memórias e suas lembranças; por isso as perguntas devem ser amplas e com um tempo livre de respostas. Dessa forma, focalizando a pesquisa tema desse projeto, a entrevista em narrativa possibilitou que os casais homossexuais participantes, expressassem livremente seus sentimentos e os sentidos produzidos sobre família. Além disso, como; experienciando sua própria história e sua visão de mundo, se sentem e se compreendem legitimados como família (ou não), dentro do seu núcleo doméstico e no meio social em que vivem.

Importante também trazer, para essa discussão, a importância da linguagem e das práticas discursivas⁸¹ como fundamento básico da interação social e como ferramenta de atribuição, construção, compreensão e produção de sentidos. Conforme o entendimento de Moraes; Paviani, (2009, p. 12): “A linguagem é a expressão das necessidades humanas, dos indivíduos de qualquer lugar, independente do meio sociocultural de que participem”.

Nessa perspectiva, as narrativas não refletem de modo linear ou simples as experiências reais do sujeito que narra. As pessoas que narram veem-se obrigadas a recorrer a modos linguísticos ou, em palavras de Bernard

⁷⁹ Biológicos, adotivos ou sociais (entendendo por filhos sociais, qualquer criança e/ou adolescente a quem o interlocutor dirija assistência social e/ou econômica.

⁸⁰ Apesar de o foco desse trabalho ser a produção de sentidos pelo casal, achamos importante construir o perfil sócio demográfico de cada interlocutor, para entender certas questões individuais que podem atravessar a produção de sentidos de ambos.

⁸¹ Que serão discutidas com maior ênfase no próximo tópico.

Charlot (2000)⁸², a práticas languageiras com as quais estão familiarizadas para narrar suas histórias. (WITTIZORECKI *et al.*, 2006, p. 17).

Ainda nesse capítulo esse processo das narrativas e dos encontros será contado com mais detalhes, como conversas ao pé de ouvido.

4.3 Práticas discursivas e produção de sentidos

“Dar sentido ao mundo é uma prática social que faz parte de nossa condição humana” (SPINK; MENEGON, 2013, p. 42). Essa frase que inicia o artigo de Mary Jane Spink e Vera Menegon vem ratificar que todos nós estamos, a todo o momento, não apenas em interação uns com os outros, mas produzindo sentidos⁸³, a partir dessas interações e trocas sociais.

Portanto, a produção de sentidos é uma construção coletiva e fruto de interações sociais, onde, de acordo com a perspectiva psicossocial, esse produzir sentidos não é algo que esteja vinculado ao aprendizado e repetição de determinados modelos, nem tampouco o produto cognitivo de uma única pessoa; mas sim, como já dissemos é uma prática social. (SPINK; MEDRADO, 2013).

Para nos colocarmos no mundo é necessário construir sentidos, portanto, esse processo, de acordo com Spink; Medrado (2013) é inevitável na vida em sociedade; mas se ele é uma prática social, implica que na construção desses sentidos fazemos uso da linguagem. É, portanto, através da linguagem, que é segundo Pinheiro (2013) a ferramenta para a construção da realidade, que produzimos sentidos e, é a partir deles que se consegue lidar com o mundo à nossa volta e as diversas situações que nos atingem e perpassam a nossa história de vida.

Nesse trabalho, estávamos e estamos interessados nessa produção de sentidos, ou, mais especificamente, nos sentidos produzidos por casais homossexuais sobre família; e o melhor caminho, nos dizeres de Spink; Frezza (2013) para se compreender as produções de sentidos dentro de uma abordagem construcionista, como é o caso dessa dissertação, é a análise das produções sociais expressas pelas práticas discursivas, que, por sua vez, podem ser

⁸² CHARLOT, B. Práticas languageiras e fracasso escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE LETRAS (ENEL). Cuiabá, 18 jul. 2000. Palestra.

⁸³ Lembrando que nós falamos e nos posicionamos a partir de uma óptica construcionista. Não iremos nos aprofundar aqui especificamente sobre esse movimento, uma vez que já fizemos isso no segundo capítulo dessa dissertação; porém convém lembrar que, em uma perspectiva construcionista, não apenas os sentidos são produzidos através de uma construção social, mas também a própria noção de pessoa.

compreendidas “Como linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas”. (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 26).

As práticas discursivas são constituídas por três elementos: os conteúdos, a dinâmica e os gêneros de fala (speech genres).

Os conteúdos são os repertórios interpretativos, ou seja, o conjunto de termos, expressões, metáforas utilizadas por uma pessoa ou grupo de pessoas que vem demarcar não apenas as possibilidades de estruturas discursivas, mas também a construção de sentidos.

Já a dinâmica vem falar sobre o processo da interanimação dialógica estabelecido nas falas, nas vozes e nas trocas dos enunciados. É no endereçamento de um enunciado para uma pessoa e na resposta desse enunciado que se dá esse processo de interanimação dialógica. Mary Jane Spink (2004) vem dizer que é justamente aí onde os repertórios linguísticos se movimentam.

As vozes desse processo não necessariamente precisam ser de pessoas que estejam presentes no momento da entrevista, porém, elas se refletem na produção de sentido dos interlocutores; uma vez que, de acordo com Spink; Medrado (2013) todas as vozes da história de vida do interlocutor vão de alguma maneira estar contidas em suas práticas discursivas. É necessário entender, então, que as produções de sentido de um determinado tema, em um dado contexto histórico e cultural nunca é produzido apenas pela pessoa, mas é a soma da produção de várias vozes. (SPINK, MEDRADO, 2013).

No caso dessa pesquisa, na fala dos interlocutores ao produzirem sentidos sobre família também pode vir a voz do preconceito, a voz da genitora, da religião que eles abraçam, no caso de serem religiosos, ou da religião dos genitores, a voz da sociedade, a do companheiro e tantas outras. Essas vozes podem trazer um peso social para essa pessoa que interfere diretamente ou indiretamente, por exemplo, no seu processo de aceitação como homossexual, na aceitação do seu relacionamento com uma outra pessoa do mesmo sexo ou ainda sobre suas compreensões acerca de família⁸⁴.

E por fim, os speech genres que, de acordo com Spink (2004, p. 27), “são formas mais ou menos fixas de enunciado” que possibilitam o processo de comunicação. São eles, por exemplo, que vão dizer o que falar em determinados ambientes, com que entonação; de acordo com normas sociais e culturais onde eu estou inserido, e ainda com relação ao tempo,

⁸⁴ Esses repertórios e os sentidos produzidos na narrativa dos interlocutores será mais profundamente abordado no próximo capítulo.

que, por sua vez, foi dividido, segundo Spink; Medrado (2013), em três tempos históricos, com o intuito, de acordo com a autora e o autor citados, de contextualizar as práticas discursivas em seus mais distintos níveis. Dessa forma há o tempo longo, o tempo vivido e o tempo curto.

O tempo longo está relacionado à cultura de um povo, aquilo que está sedimentado em uma dada sociedade. São as vozes longínquas do passado que eclodem nas práticas discursivas e nas produções de sentido atuais. Um possível exemplo desses sentidos produzidos culturalmente e que aparece nas narrativas atuais, surgiu na fala do interlocutor Rubens. Ele afirma, em um dado momento de sua narrativa, que mesmo sem querer generalizar, o meio homoafetivo⁸⁵ é um meio muito promíscuo. Ora, essa ideia equivocada e infeliz entre homossexualidade e promiscuidade foi implantada na sociedade ocidental com o advento do cristianismo, reforçada em meados dos anos 80, com a AIDS⁸⁶ e também impressa em personagens literários, como trazem em discussão respectivamente os autores Nahra (2007), Grmek (1995), Sánches (2012). Dessa forma, então, essas vozes do passado ressurgem e se refletem na narrativa de Rubens.

O tempo vivido está relacionado à história do interlocutor, ou seja, as suas práticas discursivas que, foram geradas e replicadas devido ao peso da cultura onde ele/ela esteja inserido. Por fim temos o tempo curto que fala sobre o momento atual, as suas interanimações dialógicas.

Achamos importante afirmar que não nos propomos, no entanto, a darmos conta, neste trabalho, de toda a multiplicidade de processos e sentidos produzidos nem de compreender essas produções como sendo imutáveis, uma vez que segundo Spink; Menegon (2013), toda pesquisa, por si só deve ser entendida como um processo contínuo, onde o pesquisador(a) deve se lançar a uma busca permanente não apenas no campo teórico, mas no empírico e metodológico. Dessa forma os sentidos produzidos e que serão apresentados no próximo capítulo não são necessariamente estáveis e nem se destinam à estagnação, uma vez que, diante da óptica construcionista que pauta esse trabalho, os contextos são passíveis de

⁸⁵ O termo ‘homoafetivo’ foi utilizado pelo interlocutor. Sabemos que tal termo possui um viés político, porém optamos, nessa dissertação, por transcrever os termos e palavras exatas usadas pelos entrevistados. Ao fazermos isso com esse termo e/ou com qualquer outro que possa surgir, não estamos necessariamente nos posicionando a favor ou contra o viés político, social, etc que os termos trazem em si, apenas respeitando os repertórios utilizados e transcrevendo-os *ipsis litteris*.

⁸⁶ Acquired Immunodeficiency Syndrome. Em português: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA.

mudanças, refletindo nos processos de interanimação, produzindo novos repertórios e sentidos.

Outro ponto importante de reflexão a partir de uma compreensão construcionista é que, como nos afirma Spink; Medrado (2013) linguagem é ação, é processo ativo; é através dela e dentro de um contexto de interação social que as pessoas pensam e produzem suas próprias versões da realidade. Partindo desse pressuposto entendemos que não buscamos, e nem nos seria possível, traduzir fenômenos, mas sim, como já foi dito, entender os sentidos produzidos sobre família por casais homossexuais e compreender esses jogos de posicionamentos entre interlocutores em relação às suas práticas discursivas.

Com relação às análises, que serão realizadas no próximo capítulo⁸⁷ dessa dissertação, foram utilizados os mapas de associação de ideias que, segundo Mary Jane Spink (2004, p.38)

são instrumentos de visualização do processo de interanimação que possibilitam, entre outras coisas, mostrar o que acontece quando perguntamos certas coisas ou fazemos certos comentários. Possibilitam, sobretudo, nos sensibilizar para a existência de múltiplas modalidades de diálogos.

O primeiro passo, no entanto, foi realizar a transcrição de todas as entrevistas, seguida da leitura, releitura e estudo de todas elas. A seguir, é que nos valem os mapas.

Para a construção dos mapas, primeiramente é necessário definir os temas que irão compor as colunas dos mapas. Os temas geralmente refletem os nossos objetivos da pesquisa, ou os roteiros que nos valem quando vamos ao encontro de nossos interlocutores. No caso dessa dissertação os temas (ou eixos temáticos) que não apenas são objetos de nossa investigação, como também foram produções que se fizeram presentes em quase todas as narrativas são: primeiros passos da união, o entender-se homossexual, questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual e a produção de sentidos sobre família.

⁸⁷ Ahamos, no entanto, digno de nota que compreendemos, assim como Spink; Lima (2013) que o processo de interpretação não ocorre apenas quando vamos nos debruçar nas narrativas garimpando nas práticas discursivas os sentidos produzidos. A interpretação, diante de um ponto de vista construcionista, é intrínseca à pesquisa, portanto ocorre em todo o tempo, não apenas no momento da análise, mas também, por exemplo, quando estamos face a face com nossos interlocutores, quando junto com eles também estamos produzindo nossas versões de realidade. “Durante todo o percurso da pesquisa estamos imersos no processo de interpretação” (SPINK; LIMA, 2013, p. 82)

Promovemos então os recortes desses trechos em cada entrevista, sem, contudo, alterar a ordem em que eles apareciam para não perder o processo de interanimação dialógica entre os meus enunciados (como pesquisadora) e as respostas (e também enunciados) dos casais interlocutores. Dessa maneira elaboramos os mapas⁸⁸.

No capítulo de análises e resultados abordaremos com maior profundidade os eixos temáticos analisados.

4.4 Dos detalhes à família: 12 homens e nenhum segredo

Os interlocutores dessa pesquisa foram 6 casais de homens com orientação homossexual, que residem juntos⁸⁹, e moradores na Região Metropolitana do Recife (RMR). Quando ainda estávamos elaborando como seriam os momentos de encontro com esses casais e quais seriam os caminhos que nos levariam até eles, pensamos em três rotas possíveis.

O primeiro caminho estaria interligado ao levantamento de informações do projeto Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde⁹⁰. No decorrer da aplicação dos instrumentais desse referido projeto, foi indagado aos homens, que se auto declararam como homossexuais e em uma relação com um ou mais parceiros, se eles desejavam participar da pesquisa tema desse projeto.

O segundo caminho de acesso a interlocutores dessa pesquisa foi através da rede de conhecimento dos integrantes do GEMA (particularmente pela sua inserção no Fórum LGBT/PE – Fórum de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis e Transexuais de Pernambuco) que pudessem indicar casais que se enquadravam no perfil dos interlocutores da pesquisa.

Como terceiro caminho, pensamos na estratégia⁹¹ da técnica da bola de neve (snowball). De acordo com Baldin; Munhoz (2011, p. 4) a técnica da bola de neve: “é utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente”.

⁸⁸ Os mapas construídos se encontram no apêndice desse trabalho.

⁸⁹ O residir junto, foi um recorte que optamos para encontrarmos esses casais; no entanto, temos consciência que o ‘morar junto’ não vai dar conta de todas as possibilidades de união e tampouco é isso que vai ditar o que é um casal ou não.

⁹⁰ Que já foi citado e explicado nesse trabalho.

⁹¹ Na verdade, compreendemos que a técnica da bola de neve foi utilizada em todos os momentos, haja vista que foi através de indicações que conseguimos a maior parte de nossos interlocutores.

Durante a pesquisa do projeto Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde, me foi repassado a existência de três casais a quem havia sido explicado sobre a pesquisa. Dos três, consegui entrar em contato com dois que acabaram não participando da pesquisa. Um dos casais por não residirem na mesma casa (recorte dessa pesquisa), e o outro casal desistiu de participar.

Dos seis pares de interlocutores, quatro deles chegou até mim pela rede de relacionamentos do GEMA, um deles eu abordei após a realização de seu casamento civil no fórum de Pernambuco e o outro casal eu conheci através dos espaços de militância dos Direitos Humanos em Pernambuco⁹².

Antes de iniciarmos a descrição de cada momento com os interlocutores, segue abaixo uma tabela com o perfil sócio demográfico de cada um deles.

Quadro 1 – Perfil sócio demográfico dos interlocutores.

CASAL	NOME	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	COR OU RAÇA AUTO-DECLARADA	RELIGIÃO	ESTADO CIVIL	FILHOS	TEMPO DE RELACIONAMENTO
1	Bruno	33	superior completo	preta	não possui	casado	3 adotados 1 social *	10 anos
	Anderson	33	superior completo	parda	ecumênico	casado	3 adotados	
2	Charles	27	superior completo	parda	espírita	casado	não	2 anos
	Márcio	24	superior incompleto	parda	não possui	casado	não	
3	Guilherme	54	superior completo	branca	espírita	casado	1 biológico	19 anos
	Leônidas	44	superior completo	branca	espírita	casado	1 biológico	
4	César	57	superior completo	parda	espírita	solteiro	1 social	7 anos
	Daniel	36	pós graduado	branca	católico	solteiro	não	
5	Danilo	31	superior completo	parda	não possui	solteiro	não	2 anos e meio
	Pedro	32	superior incompleto	parda	católico	separado	não	
6	Marco	26	superior completo	preta	não possui	casado	não	3 anos
	Rubens	27	médio incompleto	parda	católico	casado	não	

* Como já dito anteriormente, por filhos sociais, estamos nos referindo a qualquer criança e/ou adolescente a quem o interlocutor dirija assistência social e/ou econômica.

Meu primeiro encontro foi com Bruno e Anderson. Conheci os dois através de uma integrante do Gema, que, sabendo da minha pesquisa, conversou com eles e me repassou o e-mail de Bruno.

Nosso primeiro contato então foi por e-mail. Expliquei do que se tratava a pesquisa. Disse que estava procurando homens com orientação sexual homossexual e que residiam com companheiro/companheiros, para conversarmos sobre famílias formadas por um casal com

⁹² Trabalhei alguns anos em alguns espaços relacionados a defesa dos Direitos Humanos no Estado de Pernambuco e; nesses espaços, acabei por conhecer um dos casais.

orientação homossexual. Perguntei se ele tinha interesse ao que ele disse prontamente que sim. Marcamos então o encontro que aconteceu em novembro de 2014 na residência de Bruno e Anderson. O local onde seria o encontro ficou a critério do casal⁹³.

Sempre deixei que os casais escolhessem o local de encontro como estratégia para que eles se sentissem mais à vontade, no território que se agradassem. Bruno escolheu a sua própria residência pois, segundo ele, as saídas deles estão bastante limitadas devido aos três filhos que adotou junto com seu companheiro Anderson. Então, numa noite de sábado eu fui até a casa deles, no município de Jaboatão dos Guararapes⁹⁴ para que pudéssemos conversar.

Toquei a campainha e escutei uma voz de criança que me pedia para esperar. Logo apareceu à porta uma criança que, sorrindo, chamava o pai, dizendo que ‘tinha uma moça à porta’.

Bruno então veio me recepcionar e iniciamos uma pequena conversa antes que Anderson, que estava no banho, chegasse. A conversa girou em torno dos três filhos de Bruno e Anderson (7, 11 e 13 anos), que me foram apresentados e logo em seguida retornaram aos seus quartos.

Quando Anderson chegou, sentamos os três à mesa e eu expliquei do que se tratava a pesquisa, os procedimentos, objetivos, aspectos éticos etc. Em seguida, com a concordância dos dois interlocutores, liguei o gravador e indaguei a pergunta que, como também já foi dito nesse trabalho, foi feita a todos os casais: Como vocês se conheceram?

Nossa conversa durou cerca de 40 minutos, onde emergiram questões como: dificuldades com a família biológica, auto aceitação da homossexualidade e o percurso para que se reconhecessem como família.

O segundo casal, Charles e Márcio, também me foram apresentados através de um integrante do GEMA. Conversamos rapidamente, Charles e eu pelo Whatsapp e marcamos o dia do encontro na residência deles, em uma tarde de dezembro. Márcio foi me receber na portaria do prédio onde residem e pude perceber, nos gestos contidos de Márcio, uma certa timidez. Ao chegar no apartamento pude logo constatar que Charles, ao contrário, era mais conversador e foi logo me recepcionando com um abraço e me apresentado o ‘filho’⁹⁵ do casal, um lindo gatinho preto de olhos esverdeados. Após as explicações da pesquisa e do consentimento de ambos, comecei a gravação com a mesma pergunta: Como vocês se

⁹³ O mesmo aconteceu com todos os demais.

⁹⁴ Município que faz parte da região metropolitana do Recife.

⁹⁵ Assim eles mesmo denominaram.

conheceram? Charles falava com fluidez, ao passo que Márcio se pronunciou poucas vezes. Ambos afirmaram, durante a narrativa, que a auto aceitação da homossexualidade e do relacionamento ocorreu de maneira muito tranquila. Esse encontro durou também cerca de quarenta minutos.

Conheci Guilherme e Leônidas no dia de seu casamento civil, no fórum de Recife. Os abordei após a cerimônia. Quando eu cheguei junto deles, os dois conversavam com algumas amigas que os tinham acompanhado ao fórum. Sorridente me apresentei e perguntei se podia conversar com eles por alguns minutos. Eles me deram atenção de forma muito educada, porém com certa desconfiança que parecia misturada com um pouco de constrangimento. Estavam ambos sentados (junto com duas amigas), em um local do auditório afastados de todos os demais; talvez porque, momentos antes, quando o juiz chamava casal por casal para dizer o sim, eles foram os únicos a não receberem aplausos (na verdade, de todo o auditório, eu fui a única que os aplaudi). Expliquei quem era e o meu objetivo com aquela conversa. Logo seus semblantes mudaram e eles disseram ter interesse em participar.

Na semana seguinte entrei em contato com Guilherme e marcamos o encontro em um café, no bairro onde eles residem, em uma noite enluarada de dezembro. Cheguei antes deles e fiquei aguardando. Leônidas ao me avistar, já veio sorrindo, dando-me um caloroso abraço; Guilherme, de forma mais contida, fez o mesmo em seguida. Nossa conversa durou cerca de 1 hora. Sob os acordes de um violão, cafés fortes e narrativas doces. Ambos contam que o relacionamento começou pelo sexo, mas que hoje não há mais prática sexual entre os dois, e os dois possuem encontros sexuais com outras pessoas; não há ciúmes nem cobranças. Decidiram legalizar a união para, na falta de um dos dois, o outro tenha total direito sobre todos os bens que ambos construíram juntos em dezenove anos de relação.

A quarta entrevista aconteceu na casa de César e Daniel. Eu já conhecia Daniel de alguns espaços sociais. Havíamos trabalhado no mesmo espaço, embora não no mesmo setor, em um órgão de defesa dos Direitos Humanos do governo do Estado de Pernambuco.

Daniel, de voz suave e doce e olhar de menino; César, de voz firme e austera e olhar penetrante. Ambos sabiam sorrir com os olhos. Ao chegar em sua casa, na noite de uma segunda-feira de fevereiro, fui recebida com abraços e beijos. Fizeram questão de me mostrar o lar, os gatinhos e a estante na sala, repleta de filmes (vício dos dois, disseram). Ambos estavam muito empolgados em participar da pesquisa, queriam colaborar e me contaram que já haviam participado de um outro trabalho similar. Dessa vez não havia um mais calado,

mais contido. Ambos queriam dar suas opiniões, narrar suas histórias; muitas vezes Daniel cortou César em suas falas. Quando isso acontecia, após a fala de Daniel, em alguns momentos, eu dizia a César para retomar o que estava falando, para completar seu pensamento. Nossa conversa durou em torno de 50 minutos.

O quinto casal que visitei foi Pedro e Danilo. Fui até a residência de ambos, em um bairro da zona norte do Recife, na semana pré-carnaval. Era noite, e quando cheguei fui recebida por Danilo e seus quatro cachorros (que segundo ele, eram treinos para filhos futuros; ele estava querendo começar a desenvolver em Pedro, que não queria ser pai, o sentimento de cuidado e de doação por alguém que necessitasse de sua atenção). Pedro havia saído para comprar pão, mas já voltaria para casa. Danilo me convidou para entrar e ficamos conversando sobre os cachorros, o peixe no aquário e sobre a minha barriga de gravidez⁹⁶. Pedro não tardou a chegar. E vendo os dois lados a lado, pareciam irmãos consanguíneos, tamanha a semelhança física. Expliquei a pesquisa, pedi autorização para gravar e começamos o processo de entrevista.

Pedro já havia sido casado em uma relação heterossexual; sua ex esposa era colega de adolescência de Danilo; mas só descobriram isso após o início do relacionamento dos dois.

Pedro narrou sobre sua dificuldade em se aceitar gay⁹⁷. Casado com uma mulher, católico praticante e sem amigos gays, ele se sentia confuso e precisou de terapia para começar a entender o que estava acontecendo com ele. Já Danilo disse que sempre se colocou firmemente como gay, sempre militou pela causa e que não aceitava quando Pedro o apresentava apenas como amigo.

Marco e Rubens foram o último casal com quem me encontrei. Todo o contato para agendamento da conversa foi feito com Marco, por telefone e por Whatsapp. Eles pediram para nosso encontro ser em uma praça próximo à casa deles, em uma tarde gris de domingo, no final de fevereiro. Nossa conversa durou cerca de 40 minutos. Nesse tempo falaram sobre problemas com a família biológica, devido à homossexualidade, dificuldade em aceitar-se homossexual e sobre os motivos que os levaram a decidir pelo casamento no civil.

No final dessa entrevista, após o gravador ser desligado, Marco e Rubens selaram com um beijo o prazer de terem participado. Era um beijo, certamente rotineiro para àquele casal, mas, que para mim, simbolizava da maneira mais doce e afetuosa possível, o final de uma

⁹⁶ Eu, na época dessa entrevista, estava com um pouco mais de 7 meses de gestação; a barriga, portanto, bastante aparente. Danilo então, disparou várias perguntas sobre o bebê e me contava que seu maior desejo era ser pai.

⁹⁷ Gay foi o termo utilizado por Pedro.

etapa de conversas que tive no decorrer de quatro meses com seis casais fantásticos, cada um à sua maneira, que tinham me contado seus segredos e lembranças; suas experiências e recordações; que tinham me dado muito mais do que eu esperava receber; o aprendizado de entender que as relações vestem em si uma vastidão infinita de significações.

5. VOLTANDO O OLHAR PARA OS SENTIDOS – RESULTADOS E ANÁLISES.

A gente teve que lutar contra o nosso preconceito pra gente conseguir se aceitar.

Bruno (casal 1)

5.1 Seis casais em foco

De acordo com o dicionário Michaelis de língua portuguesa, a expressão ‘em foco’, significa ‘estar em evidência’, ou seja, o ponto para onde direcionamos o olhar, o que passa a ser o alvo de toda a nossa atenção, o assunto principal. Sendo assim, começamos esse capítulo de análises e discussões propondo lançar esse olhar para esses casais que, entre os meses de novembro de 2014 a fevereiro de 2015⁹⁸, me apresentaram com suas mais profundas memórias, mais doces (e as vezes amargas) histórias, com suas narrativas, que falaram e falavam muito além do que aquilo que, a princípio eu tentava ouvir. E eu digo a princípio porque todo encontro me proporcionou uma infinidade de outros encontros (até comigo mesma), uma diversidade de novas intenções, tudo isso em apenas um único momento, em apenas um dia.

Como já foi dito no capítulo anterior, quando abordamos os procedimentos metodológicos, eu me encontrei com seis casais de homossexuais masculinos. Cinco deles residem em bairros de Recife e um dos casais residente no município de Jaboatão dos Guararapes⁹⁹.

Os tempos de relacionamento¹⁰⁰ variam entre dois a dezenove anos; de acordo com o quadro abaixo.

⁹⁸ Tive um encontro com cada um deles no decorrer desse tempo.

⁹⁹ Município vizinho a Recife e que faz parte de sua região metropolitana.

¹⁰⁰ Tempos de relacionamento à época da entrevista.

Quadro 2 – Tempo de relacionamento por casal

Casal	Tempo de relacionamento
1	10 anos
2	2 anos
3	19 anos
4	7 anos
5	2 anos e meio
6	3 anos

Percebe-se que há um relacionamento que já dura quase duas décadas, enquanto dois casais têm menos de três anos de união, o que gera uma diferença considerável de tempo. Após a fase das entrevistas com os interlocutores, chegamos a pensar, devido a esse dado, pontuar essa diferença geracional como um de nossos marcadores. Mas ao realizarmos as transcrições, lermos e relermos as narrativas, com o olhar atento sobre os possíveis eixos temáticos, a fim de construirmos nosso mapa e posteriormente a árvore de associação de ideias, percebemos que, apesar dessas consideráveis diferenças de tempo de relação, esse não se constituía como um elemento que aparecia no discurso dos casais. Não houve, nas seis entrevistas, pontuações que demarcassem essa diferença de geração em um nível que pudesse justificar, ou me dar um subsídio de falas para colocá-la como um eixo temático.

Fui sozinha em todos os seis encontros. Achamos melhor assumir essa estratégia por pensarmos que além de os interlocutores pudessem se sentir mais confortáveis em narrar as suas histórias na presença de apenas uma pesquisadora; quanto menos gente seria melhor para estabelecer o vínculo de confiança entre ambos os lados e possibilitar também a menor interferência possível nas narrativas que seriam verbalizadas.

Mas claro que, mesmo com todo o cuidado possível, houve interferências, algumas que me ficaram mais nítidas, outras nem tanto. Um ponto a se observar é que era, a pesquisadora, uma mulher, supostamente heterossexual e gestante. O fato de ser eu uma

mulher, supostamente heterossexual, não gerou muitas falas explícitas¹⁰¹ dos casais, a não ser uma de Marco, quando ele diz¹⁰²:

Marco (casal 6) – eu nunca sofri um preconceito na rua ‘ah, viadinho’, até porque eu sempre fui muito mais discreto, então assim, nunca sofri esse preconceito não, mas já sofri muito o preconceito calado, sabe? De não poder abraçar. Hoje não, hoje as coisas são mais tranquilas; se a gente tiver que dar um abraço aqui, a gente vai dar; se quiser dar um beijo, não tem problema nenhum. Hoje é mais tranquilo, mas também não é uma relação feito você e seu marido na rua, entende?

Dessa forma, então, Marco explicita que apesar das conquistas que ele já conseguiu, de poder abraçar, beijar na rua, se ele quiser (o que ele não conseguia fazer antes, por não achar que antes fosse ‘tão tranquilo’ quanto agora, onde as represálias, na visão dele, possuem um grau menor) mesmo assim, ele ainda coloca o seu relacionamento com possibilidades de demonstrações públicas de afeto, abaixo do meu possível relacionamento; uma vez que afirma, que por mais que a liberdade da explicitação do seu afeto possua, hoje, um grau maior, ainda assim não se equipara a minha suposta condição de demonstrações públicas de carinho; porque eu sou uma mulher que tenho um marido. Dessa forma a minha condição de mulher e a minha heterossexualidade, atribuída supostamente pela barriga de quase oito meses que eu carregava, adentrou na narrativa de Marco como um exemplo de comparação.

Já com relação à gravidez, eu pude perceber uma interferência explícita um pouco maior. Com exceção da conversa com o primeiro casal, em todas os demais encontros eu já estava com uma barriga acentuada e, mesmo que eu não carregasse à gravidez em minhas verbalizações, ela me acompanhava em cada entrevista, se fazendo notar por todos aqueles cinco pares de olhos¹⁰³. E mais do que se fazer notar só pelo olhar, meu bebê gerou conversas antes e após o gravador ser ligado e desligado; desde alguns interlocutores desejarem

¹⁰¹ O fato dessas falas (sobre uma figura feminina e supostamente heterossexual que transformava, por pelo menos 40 minutos, àquela relação em uma relação à três) não surgirem de forma explícita, não implica, no entanto, dizer que elas não puderam aparecer implicitamente, por exemplo, em algum caso não narrado, ou dito de maneira diferente de como seria dito se as características da pesquisadora fossem outras.

¹⁰² Como já foi dito nesse trabalho, utilizamos como ferramenta de análise os mapas de associação de ideias descritos Mary Jane Spink; tais mapas prezam por mostrar o processo de interanimação dialógica ocorridos nas trocas dos enunciados e sentenças; para esse processo é fundamental mostrar a ordem destes; porém há de se perceber nesse capítulo das análises que nem sempre minha fala aparece, o que ocorre é que, conforme e já foi explicado, utilizei nas entrevistas, as narrativas. Pedia para que eles contassem como se conheceram e a partir daí os deixava livres para falarem suas falas; apenas colocando questões quando achava necessário. Dessa forma, quando apenas as sentenças deles aparecem e não as minhas, é que foram recortes de suas narrativas sem nenhuma questão específica que os levasse a responder o que está sendo dito.

¹⁰³ Como já foi dito, no encontro com o primeiro casal, a barriga ainda não estava tão acentuada.

modificar o lugar da entrevista para que eu ficasse em um lugar mais confortável, até gerar assuntos inteiros sobre desejos ou não da paternidade e o suposto lugar dos filhos, humanos ou não,¹⁰⁴ nesse processo. Antes do início da gravação da narrativa do casal de número cinco, quando o gravador ainda não tinha sido ligado, pois Pedro não havia chegado em casa, eu conversava com Danilo, no sofá de sua sala. Danilo só falava da barriga. Perguntava para quando seria o bebê, dizia da sua imensa vontade de ser pai e que iria transformar o desejo em realidade. Mostrava-me os quatro cachorros e o peixinho no aquário e dizia que era um treino para acender a vontade da paternidade no seu companheiro.

Quando Pedro chegou e começamos a gravar a nossa entrevista, meu bebê e a gestação não surgiram mais de forma direta, mas indiretamente, o que minha barriga representava naquele momento, continuou na fala de Danilo:

Danilo (casal 5) – eu montei um lar com filhos caninos. Se eu pudesse, eu já era pai desde já, já ele não. Então assim, eu disse pra ele que independente dele, eu vou ser pai aos 35 anos, e aí eu dei o tempo dele aceitar ou não. Porque eu tenho minha independência, eu sou funcionário público. Eu acho que eu já conquistei tanta coisa na minha vida, que eu acho que agora, 35 é a idade estável pra ser pai. Então eu tento me aproximar de um lar para meu futuro filho.

Outro ponto importante e digno de nota está relacionado à condição sócio econômica dos casais. Já que estamos trabalhando com produção de sentidos, compreendemos que essas produções, por se materializarem em um contexto de interação e práticas sociais, não são algo estáveis e/ou imutáveis e podem variar de acordo com a homogeneidade ou heterogeneidade dos grupos que estamos analisando.

Ao analisarmos os casais interlocutores dessa pesquisa, percebemos que, com muito pouca diferença, existe uma relativa similaridade no que se refere ao grau de escolaridade e condição sócio econômica, como é possível observar na tabela abaixo.

¹⁰⁴ Em muitos relatos os animais de estimação pareciam ocupar esse lugar de filhos, inclusive sendo assim nomeados pelos casais.

Quadro 3 – Grau de escolaridade e condição sócio econômica¹⁰⁵.

CASAL	NOME	IDADE	GRAU DE ESCOLARIDADE	FORMAÇÃO	RENDA MÉDIA MENSAL
1	Bruno	33	superior completo	Administração de empresas Serviço social (cursando)	R\$ 3.000
	Anderson	33	superior completo	Administração de empresas	
2	Charles	27	superior completo	Administração de empresas	R\$ 2.000
	Márcio	24	superior incompleto	Letras (cursando)	
3	Guilherme	54	superior completo	Administração Hoteleira	R\$ 6.000
	Leônidas	44	superior completo	Administração de empresas	
4	César	57	superior completo	Psicólogo	R\$ 5.000
	Daniel	36	pós graduado	Direito (graduação) Serviço Social (mestrado)	
5	Danilo	31	superior completo	Ciência da computação	R\$ 4.000
	Pedro	32	superior incompleto	Comunicação social (cursando)	
6	Marco	26	superior completo	Serviço Social	R\$ 2.000
	Rubens	27	médio incompleto		

Dessa forma, não intentamos e nem poderíamos pretender afirmar, que estamos analisando a produção de sentidos por casais homossexuais masculinos sobre família, de uma maneira geral; haja vista que os casais interlocutores fazem parte de um grupo social e econômico específico; e, mesmo que assim não fosse, também não significaria que conseguiríamos ou intentaríamos dar conta de toda uma gama de repertórios e sentidos sobre a temática dessa dissertação.

5.2 Contando histórias que produzem histórias

Família não se restringe só a mãe, pai e filho. Eu acho que uma família pode existir de várias formas. Pode ser uma família de duas mulheres, pode ser uma família de dois homens, como é o nosso caso; e assim, como ele tava dizendo, eu acho que família é o que acontece no dia a dia, as dificuldades, as conquistas. Eu acho que tudo isso se resume a uma família.

Rubens (casal 6)

Uma vez finalizadas as transcrições e as releituras das narrativas dos casais, foram realizadas a organização e o recorte dos eixos temáticos tanto de acordo com o que aparecia também como figura nas falas dos interlocutores, como também segundo os objetivos desse trabalho, afim de que as análises dos eixos temáticos nos levasse ao objetivo principal que é o de analisar os sentidos produzidos sobre família.

¹⁰⁵ Salário mínimo no ano de 2016: R\$ 880,00

Esses recortes das falas, respeitando a ordem, o contexto e as sentenças em que elas aparecem, segundo Nascimento; Tavanti; Pereira (2014), não só nos possibilita, uma maior visibilidade tanto dos repertórios, como da interanimação dialógica, dos posicionamentos e dos sentidos produzidos; como também uma maior clareza sobre os nossos eixos temáticos.

E sobre os eixos temáticos, Spink (2004) vem dizer que o próprio processo de definição dos mesmos já faz parte da interpretação dos dados. Ainda de acordo com a autora, uma escolha correta das categorias temáticas, de acordo não apenas com os objetivos da pesquisa, mas respeitando integralmente o que surge na narrativa dos interlocutores, facilita o processo de análise, fazendo com que esse ocorra com maior rapidez e fluidez. Dessa forma, entendemos que os eixos ou categorias temáticas já estão postas nas narrativas, e cabe a nós, pesquisadores (as), lançarmos um olhar sensível e observador a fim de os identificarmos.

A partir de agora, então, nos debruçaremos sobre a história desses seis casais, suas narrativas e, a partir delas, os sentidos produzidos sobre família. A partir da leitura e organização dessas falas, organizamos então quatro eixos temáticos: 1 – primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento; 2 – entender-se homossexual; 3 – as questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual; e 4 – a produção de sentidos sobre família.

5.2.1 Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento

Bruno e Anderson, o primeiro casal com quem conversei, se conheceram em uma sala de bate papo na internet no ano de 2005. Depois de alguns dias conversando, resolveram colocar o medo de se expor de lado e decidiram se encontrar pessoalmente. Anderson já havia tido uma relação com um homem antes, mas para Bruno, era a primeira vez que ele se entregava a um tipo de relacionamento que, embora bastante conhecido das suas certezas íntimas, era completamente desconhecido de suas práticas sexuais e afetivas.

Após alguns meses de namoro, partiram para uma nova etapa da relação quando decidiram morar juntos; investindo em planos futuros: uma casa própria, para se livrarem do peso econômico do aluguel, cursar novas graduações a fim de trilharem outros caminhos profissionais e, no futuro concretizar um desejo que era de ambos...serem pais através do instrumento jurídico da adoção.

Bruno (casal 1) – 8 meses depois a gente já decidiu morar junto. 2005 a gente se conheceu, 2006 a gente iniciou o processo de construir a nossa vida de casal, em comum. Então a gente foi organizando as coisas dentro de casa e vendo, na verdade, o que é que a gente queria fazer. A gente pautou em primeiro construir o nosso lar, ter a nossa casa.

Bruno (casal 1) – O desejo da gente de aumentar nossa família já existia, mas a gente deixava ele guardado até porque a gente queria ter, não é riqueza, mas uma condição de poder dar o necessário, o suficiente pra os nossos filhos.

A decisão de morar junto, para Bruno, veio depois que tiveram a certeza de que não queriam outras pessoas em suas vidas; foi nesse momento, segundo o relato desse interlocutor abaixo, que começaram, de fato, a idealizar e construir um lar.

Bruno (casal 1) – A partir do momento que eu disse ‘é ele que eu amo, é ele com quem eu quero viver minha vida’, então aí eu já fui agressivo; eu já fui ao ponto de: ‘se você tá comigo, por que você não vem morar comigo? Então eu comecei a pressionar, aí ele veio passar uma semana, na outra ia pra casa da mãe; aí foi trazendo uma roupa, outra, trouxe tudo, aí foi ficando, já começou a não ir pra casa da mãe.

Para Anderson, um outro fator, além do afeto existente, colaborou na saída da casa da mãe para ir morar com Bruno: a intolerância materna sobre a sua orientação sexual¹⁰⁶. A situação ficara insustentável e ele resolveu apressar sua mudança para a casa do então namorado.

Anderson (casal 1) – Foi quando surgiu a oportunidade de nós morarmos juntos, então eu não pensei duas vezes. Aqui¹⁰⁷ não tá dando porque começou uma série de humilhações, no sentido dela¹⁰⁸ falar...porque ela bebia na época, antes dela se converter¹⁰⁹, então eu escutava muita coisa.

Charles e Márcio estão juntos há dois anos e meio, e morando junto há quase dois. Se conheceram em uma festa. Charles havia ido com sua prima e Márcio com uma amiga, ambas eram amigas e eles acabaram ficando no mesmo grupo. Quando as conversas começaram, perceberam que elas fluíam fáceis. Márcio se sentiu acolhido, compreendido por Charles; os

¹⁰⁶ Sobre essa questão, nós falaremos com maior profundidade quando discutirmos o eixo sobre: as questões que se colocaram como dificuldades para a vivência do afeto.

¹⁰⁷ Casa materna.

¹⁰⁸ O interlocutor refere-se a sua mãe.

¹⁰⁹ Ao protestantismo.

assuntos eram iguais e Charles, por sua vez, sentia turbilhões de sensações que ele não conseguia explicar.

Charles (casal 2) – Era um sentimento diferente, uma sensação de...sabe quando você tá procurando alguma peça perdida e você finalmente acha? Pronto. Não sei explicar. Era alguma coisa inconsciente, intuição, não sei.

Após a festa, se adicionaram em redes sociais, mas acabaram por se afastar, pois Charles morava em Maceió; e só após 1 ano de conversas raras pela internet, Charles veio novamente para uma festa na capital pernambucana. Márcio foi ao seu encontro e ficaram¹¹⁰ pela primeira vez. No final de semana seguinte, mais uma vez Charles veio ao encontro de Márcio que, dessa vez, pediu-o em namoro.

Sobre o porquê de terem começado um relacionamento Márcio diz:

Pesquisadora – O que fez vocês acharem que era o momento de terem um relacionamento?

Márcio (casal 2) – É porque eu tive medo de perder ele pela segunda vez, entendeu? Porque da primeira vez a gente se afastou e eu não queria que ocorresse isso de novo. Aí foi por isso que eu disse ‘eu vou namorar com ele’.

A decisão de morar junto veio de um convite de Charles para que os dois tivessem mais privacidade, pois logo após começarem o namoro, Charles mudou-se para Recife e dividia um apartamento com um amigo que teve que se mudar em pouco tempo, obrigando Charles a dividir o espaço com um outro rapaz. Nessa fase, Márcio já passava a maior parte do tempo na casa de Charles e, quando o novo condômino também teve que se mudar, veio, então a proposta para que eles dois dividissem o apartamento.

O passo seguinte foi a realização, em cartório, da declaração de união estável que além de ser um desejo de ambos, foi necessária para que Charles pudesse incluir Márcio como seu dependente no plano de saúde da empresa.

Sobre eles, Charles afirma:

Charles (casal 2) – Com relação a nós é uma relação de casal, de família, na vera; porque peter¹¹¹ é o filho; o gatinho é o filho. É assim que eu encaro a gente, como família.

¹¹⁰ Termo usado por eles.

¹¹¹ O gato de estimação do casal.

A busca pela oficialização jurídica da união, agora pelo casamento civil, também foi um desejo de Guilherme e Leônidas que, no início de dezembro de 2014 selaram com um ‘sim’ em frente ao juiz, uma união que já se prolongava por quase duas décadas.

Ambos se conheceram em uma boate, regaram a noite de conversas e terminaram a madrugada na praia de boa viagem. Depois de 8 meses de encontros, resolveram assumir o namoro e começaram a morar junto em um apartamento que Guilherme montou e convidou Leônidas a morar com ele, uma vez que os pais desse último tinham retornado ao Japão¹¹².

A relação teve início pelo sexo, era a atração sexual que falava mais alto do que qualquer outra coisa, era uma parceria perfeita que, pouco a pouco, foi se expandido para além da cama.

Em 2001, seis anos depois daquela noite na boate, o relacionamento sexual chegou ao fim, restando uma amizade que eles consideram como fraternal.

Guilherme (casal 3) – O que nos fez unir foi a sexualidade, mas o nosso objetivo é amizade mais do que de irmãos.

Leônidas (casal 3) – Hoje eu encontrei um irmão, hoje nós somos irmãos

Guilherme (casal 3) – Não temos relacionamento sexual nenhum

Leônidas (casal 3) – A gente dorme na mesma cama, mora na mesma casa, mas não tem relacionamento sexual nenhum

Pesquisadora – E como é isso pra vocês?

Guilherme (casal 3) – É tranquilo. Eu não tenho problema nenhum. Não existe ciúme, não existe nada.

Como se pode perceber pelas narrativas acima, Guilherme e Leônidas continuam morando juntos, dividindo contas, responsabilidades (incluindo com as famílias biológicas um do outro), compartilhando uma vida. Quando pensa neles, é assim que Leônidas sintetiza a relação

Leônidas (casal 3) – É uma família, a verdadeira família; família da alma, aquela que a gente não nasceu junto.

Guilherme recentemente teve um problema sério de saúde devido ao diabetes e quase perde o pé; foi Leônidas que deu toda a assistência e é ele quem faz os curativos diariamente,

¹¹² Conforme já foi dito no capítulo da metodologia, Leônidas é descendente de japoneses.

para que a ferida resultante do diabetes, não se alastre ainda mais. Pela necessidade de prestar cuidados e assistência a Guilherme, Leônidas abre mão de viajar, de saídas que demorem muito tempo e de encontrar amigos, para não deixar Guilherme aos próprios cuidados.

Leônidas (casal 3) – Eu passo mais tempo em casa realmente, eu sempre digo, ‘olha, tô saindo agora, volto tal hora’, raramente eu passo dessa hora. Porque nesses dois anos tá sendo assim. Aí eu falo pros meus amigos que até Guilherme estar totalmente livre desse curativo, eu não vou pra lugar nenhum.

A ideia do casamento surgiu pelo susto da doença. Resolveram legalizar civilmente a união para que, no caso de acontecer algo com um dos dois, o outro não fique desprotegido e tenha direito sobre todos os bens que ambos construíram em quase vinte anos de união.

O quarto casal com quem me encontrei foram César e Daniel. Os dois cariocas se conheceram há quase oito anos em uma boate gay do Recife. Desde a noite do encontro, não se desgrudaram mais (como costumam dizer). Dormem juntos desde o primeiro dia; no começo, ou na casa de César ou na de Daniel, mas decidiram morar juntos depois de três meses de namoro.

Daniel (casal 4) – A gente sempre ficou junto, na minha casa ou na dele; até que em poucos meses a gente decidiu desfazer a minha casa e reorganizou tudo. Em três ou quatro meses a gente já tava com tudo morando aqui.

Ambos estavam cansados de relações passageiras e buscavam alguém com quem compartilhar a vida, conforme as palavras de César abaixo:

César (casal 4) – Eu, na verdade, nunca gostei de estar com um e com outro, não é minha praia. Eu queria uma pessoa que eu pudesse compartilhar; compartilharmos juntos toda essa vida que a gente tem, nossos trabalhos. Qualquer tipo de relacionamento hoje, ele deveria e deve ser desse jeito; tanto hétero como gay, deve ser desse jeito. Fortalecer um ao outro.

E foi a terem se encontrado e dado força um ao outro, que eles atribuem conquistas na vida profissional e acadêmica. César começou a fazer uma faculdade (psicologia)¹¹³ por incentivo de Daniel, já Daniel fez mestrado em serviço social por incentivo de César; mas, ainda falta uma conquista, adotar uma criança; plano para o futuro que eles acalentam com muito desejo.

¹¹³ Já se encontra formado.

Pedro foi casado durante seis anos em uma relação heterossexual, mas sempre se sentiu frustrado por saber não estar inserido no tipo de relação que gostaria de ter¹¹⁴, fez terapia, pediu o divórcio e resolveu tirar um tempo para si; foi quando conheceu Danilo.

Os dois se conheceram em um ônibus. Trocaram olhares, se paqueraram em silêncio. Pedro já conhecia Danilo de vista, ele havia sido colega de adolescência de sua ex-esposa. Não se falaram, no entanto, naquele ônibus.

Danilo, que não costumava ir de ônibus ao trabalho, resolveu utilizar esse meio de transporte a semana inteira, até reencontrar Pedro, o que aconteceu no terceiro dia; foi quando, além de olhares, também trocaram telefones. Os dois estão juntos há dois anos e meio, e há dois anos moram juntos.

Foi com Danilo que Pedro conseguiu se posicionar como gay para mundo, e foi com ele também que ele diz ter aprendido o que é um lar.

Pedro (casal 5) – Eu fui casado seis anos mais o convívio do carinho, de completar é que eu digo que eu tenho hoje. A gente se completa a nível de organizar a casa, de comprar um negocinho que um gosta, de ajeitar. A situação de lar, hoje eu tenho como lar, mas foi construindo junto com ele, porque eu nunca tive.

Sobre planos futuros, Danilo deseja um filho, Pedro estuda essa possibilidade, e, enquanto isso, os dois vão cuidados da casa (hobby dos dois) e se divertindo com os ‘filhos’ caninos¹¹⁵.

Marco e Rubens foram os últimos com quem me encontrei, na semana pós carnaval de 2014. Os dois se conheceram na UFPE¹¹⁶, onde Marco estudava serviço social e onde Rubens ia para jogar com os amigos. Se conheceram, se gostaram, e daquele primeiro momento até a data da nossa conversa, já se fazia três anos.

Rubens (casal 6) – Eu costumava vir pra cá¹¹⁷, jogar com os amigos, foi quando a gente se conheceu, o período de namoro da gente foi bem rápido, mas a gente seguiu tudo após o namoro, a gente seguiu tudo corretamente, no seu devido lugar, a gente noivou e em seguida a gente casou.

¹¹⁴ Sobre a temática da aceitação, falaremos mais adiante no tópico referente aos processos de auto aceitação e a sua relação com a efetividade de um relacionamento homossexual.

¹¹⁵ O casal tem quatro cachorros e um peixe.

¹¹⁶ Universidade Federal de Pernambuco.

¹¹⁷ Para a universidade.

O namoro rapidamente abriu passagem para o noivado e o casamento, que surgiu tanto da vontade de construir uma família em comum, quanto para resolver o problema da distância. Marco residia em Abreu e Lima e Rubens próximo à Universidade Federal de Pernambuco, no bairro da Várzea¹¹⁸. Devido à distância, os dois só se viam nos finais de semana.

Marco (casal 6) – A vontade de casar foi essa mesmo: distância e, com o decorrer do tempo, a vontade de construir uma família. Enfim, algo natural de todo relacionamento, a vontade de morar junto, a vontade de construir algo que não é só meu e nem só dele, mas algo nosso.

Ao observar as informações gerais sobre o relacionamento dos seis casais, podemos perceber que, mesmo com as diferenças de histórias, dos momentos de cada um para dar um novo passo dentro da relação, para fazer e concretizar suas escolhas; todos eles se entendem dentro de uma relação (que não necessariamente é a dois ou envolve práticas sexuais um com o outro) onde há afeto; vontade de construir algo em comum; carinho; onde se compartilha uma vida, responsabilidades; onde há amor¹¹⁹.

Mas há uma fala comum na compreensão de todos que é: ser e se entender como um casal, mais ainda, como sendo família¹²⁰. De uma forma ou de outra, eles se entendem como partes de uma família e expressam esse entender em suas narrativas.

Porém, quando pensamos em família, poderemos ser levados automaticamente a pensar em diversos aspectos das ditas ‘representações clássicas’ sobre família, que por sua vez foram moldadas através do auxílio das diversas ciências sociais, dentro dos diversos contextos acadêmicos (VILHENA, *et al.*, 2011). Dessa forma quando escutamos as narrativas desses casais, e percebemos que eles se colocam como família, vem a pergunta: mas que sentido de família está sendo produzida, pensada, introjetada e vivenciada por eles? E aí, dentro dessas ditas representações clássicas, conforme nos afirma Vilhena *et al.* (2011, p. 1644), podemos ser levados a pensar sobre família em diversas possibilidades: “como unidade doméstica, assegurando as condições materiais necessárias a sobrevivência, referencial e local de segurança, como formador, divulgador e contestador de um vasto conjunto de valores, imagens e representações”, e tantas outras formas.

¹¹⁸ O município de Abreu e Lima faz parte da Região Metropolitana do Recife e dista, aproximadamente, 20 km do bairro da Várzea.

¹¹⁹ Como narrado pelos próprios casais e expressos em suas falas nesse tópico.

¹²⁰ Não iremos ainda nos aprofundar sobre os sentidos produzidos sobre família nesse momento; essa discussão será feita no último tópico desse capítulo.

Não queremos e nem podemos, no entanto, dar conta de todos os sentidos de família, nem tentar nós mesmos, definir ou nomear algo como sendo família¹²¹; mas entender como esses próprios casais nomeiam suas relações e, acaso seja como família (como percebemos pelas narrativas que é), que sentido eles dão para isso; sejam os sentidos das representações que nós, dentro do estudo das ciências sociais, costumamos chamar de clássicas, ou não. Para que nós pudéssemos compreender os sentidos sobre família, que será discutido no último tópico desse capítulo, procuramos abrir um espaço para que os próprios casais que participaram dessa pesquisa, pudessem expressar a forma como eles entendem suas relações sexuais e/ou afetivas e os sentidos produzidos.

Um outro ponto para discussão, é o estado conjugal desses casais, como está representado no quadro abaixo.

Quadro 4 – Informações sobre o estado conjugal

CASAL	ESTADO CONJUGAL
1	Casados atualmente
2	Casados atualmente
3	Casados atualmente
4	Vivem juntos
5	Vivem juntos
6	Casados atualmente

Dos seis casais com quem nos encontramos, quatro deles afirmam estar civilmente casados; os outros dois casais não citam, em nenhum momento de suas narrativas, planos de oficializar civilmente a união. Sobre esses dados do estado conjugal, faz-se importante realizar uma reflexão a respeito da busca pela legalização jurídica da relação, através do casamento civil.

Os motivos para buscar a oficialização jurídica são diversos. Enquanto Bruno e Anderson não trazem em suas falas o que os motivou a procurar o Estado para realizar o

¹²¹ Até porque, nós pessoalmente, nos afinamos com o entendimento de Vilhena *et al.*, (2011), de que família deve ser compreendida com uma construção social; por isso não procuramos aqui tomar nenhum arranjo ou configuração como norma. Quanto temos essa compreensão, percebemos que não pode haver um modelo de família a ser tomado como regra (como o modelo heteronormativo), haja vista a enorme multiplicidade de configurações.

casamento civil¹²²; os casais 2 e 3 narram motivos muito similares: a aquisição de direitos que, ou seriam mais viáveis de conseguir ou apenas só seriam efetivados com o registro civil; como podemos ver nas falas destacadas abaixo.

Casal de número dois:

Márcio (casal 2) – A gente tem planos de se casar.

Charles (casal 2) – Na verdade a gente já tem a declaração.

Pesquisadora – E como foi essa ideia de fazer a declaração?

Charles (casal 2) – A ideia surgiu assim, foi a necessidade. Ele tava precisando ir no médico e a consulta era muito cara, pelo plano era bem mais barata, e caiu na sorte da empresa onde eu trabalho reconhecer casais homoafetivos a ponto de colocar como dependente, só que precisava dessa declaração; aí a gente fez a declaração, deu entrada e conseguiu colocar como dependente, como cônjuge.

Casal de número três:

Pesquisadora – Como foi que surgiu essa ideia do casamento?

Guilherme (casal 3) – Foi o seguinte, se eu por acaso, morrer, os bens eu deixo para ele; e ele a mesma coisa. Tudo certinho, sem problema nenhum.

Leônidas (casal 3) – Umam amigas minhas estão há 20 anos morando juntas; aí, uma delas teve um problema sério de saúde, se operou, teve parada cardíaca. Então esse susto fez ela despertar e foram e casaram; a gente só soube depois do que aconteceu. Eu falei com Guilherme, aí Guilherme disse que a gente tinha que fazer um negócio desses pra garantir.

Já o casal de número seis, como já foi retratado na fala do Marco nesse tópico, e que está replicada abaixo, demonstra que o desejo do casamento, além do fato de acabar com a distância, está atrelada a vontade de construir uma família. Mas como o casamento aparece aqui como o possibilitador da legitimação ou do início de uma família?

Marco (casal 6) – A vontade de casar foi essa mesmo: distância e, com o decorrer do tempo, a vontade de construir uma família. Enfim, algo natural de todo relacionamento, a vontade de morar junto, a vontade de construir algo que não é só meu e nem só dele, mas algo nosso.

¹²² Porém, apesar de não verbalizarem de forma direta, deixam implícito que a busca da oficialização esteve relacionada com o desejo de adotarem seus filhos juntos; constando os nomes dos dois nas certidões das crianças; o que de fato aconteceu, haja vista que as três crianças adotadas possuem os sobrenomes dos dois pais.

Para tentarmos compreender melhor as motivações e a busca do casamento pelos casais que procuram esse instrumento jurídico, é importante partirmos da informação de que as uniões por casais homossexuais¹²³ surgem como um perigo para as estruturas milenares que foram sedimentadas e institucionalizadas sobre a égide de uma heteronormatividade e de uma repressão sexual. Isso porque essas uniões, e mais especificamente o casamento (já que estamos falando sobre ele aqui), permitiria uma liberdade sexual e daria uma suposta legitimidade para relações que são vistas como atípicas pelo social. (MELLO, 2006).

Sobre essa legitimidade, Luiz Mello (2006) vem dizer sobre a existência de zonas de ilegitimidade; ou seja, o que está fora do ambiente da conjugabilidade será automaticamente ilegítimo, e assim, não teria acesso às políticas públicas nem a gama de direitos de um Estado democrático, que deveriam se fazer valer a todas e todos, independentemente de orientação sexual (como aliás está posto no artigo V da nossa Constituição Federal)¹²⁴.

Dessa forma, a busca pelo casamento vem falar sobre essa busca de direitos e de respeitabilidade; assim como, essa busca também traduz um padrão muito forte de um modelo normativo (mais ainda, um modelo heteronormativo), do que pode ser entendido como família; como se pode observar na explicação de Mello (2006, p.501). “O que se observa é que em busca de respeitabilidade e em face da ausência de modelos alternativos de organização familiar, gays e lésbicas muitas vezes tendem a reproduzir a lógica binária do heterocentrismo que os rechaça.”

Então começamos a compreender que, talvez, no entendimento desses casais, seja necessário ceder ao casamento civil para encontrar um ‘lugar a mesa’¹²⁵ do reconhecimento e da legitimidade que, por sua vez, assegura direitos, como os que vemos nas narrativas dos interlocutores (herança, plano de saúde, entendimento de ser uma família, etc). No entanto, é importante frisar, assim como assevera Judith Butler (2003), que os casamentos homossexuais, nos países que os autorizam¹²⁶, nem sempre conseguem, de fato, modificar o entendimento patriarcal e heteronormativo de família; conseqüentemente a esse raciocínio, esses direitos nem sempre são empiricamente efetivados¹²⁷.

¹²³ Independe do casamento civil ou não.

¹²⁴ Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.

¹²⁵ Essa expressão é usada pelo Luiz Mello (2006), também para indicar se fazer notar como sujeito de direitos.

¹²⁶ No Brasil, através da resolução Nº 175 de 14 de maio de 2013, o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo foi permitido. Essa resolução procede do poder judiciário (através do Conselho Nacional de Justiça) e não do poder legislativo (por isso, apesar de ter efetividade prática, não tem ainda o peso de lei).

¹²⁷ Como exemplo, apesar do casamento civil ser permitido através de uma resolução desde 2013; em setembro de 2015 a comissão especial que discute o estatuto da família na câmara dos deputados, aprovou o texto principal

Assim, acerca do casamento em relações homossexuais e de acordo com as motivações das narrativas dos nossos interlocutores, faz-se fundamental uma reflexão que nos é trazida por Butler (2003) onde ela vem dizer que a questão não é necessariamente se posicionar contra ou a favor do casamento, mas sim, analisar o porquê de isso ter se tornado uma questão; ou mais ainda, repensar o porquê levar ao Estado o poder de reconhecer relações para legitimar aquelas que por ventura não sejam heterossexuais, quando essa legitimação não deveria perpassar pela questão da orientação sexual. Não deveria tê-la como um requisito.

A petição por direito ao casamento procura o reconhecimento do Estado das relações não heterossexuais e, assim, configura o Estado como detentor de um direito que, na verdade, deveria conceder de maneira não discriminatória, independente de orientação sexual. (BUTLER, 2003, p. 224).

Dessa forma, o Estado pode passar a ter um peso sobre como as pessoas vivenciam e como ratificam as suas relações, ou como Butler (2003, p. 234) afirma: “o Estado se torna o meio pelo qual uma fantasia se torna literal; desejo e sexualidade são ratificados, justificados, conhecidos, declaradas publicamente, instaladas, imaginadas como permanentes, duradouras”. Encontramos um exemplo disso na fala de Márcio destacada abaixo, sobre o contrato de união estável com Charles:

Pesquisadora – E mudou alguma coisa pra vocês, ter esse papel¹²⁸ nas mãos?

Márcio (casal 2) – Eu gostei, sei lá, era o que eu queria; alguma que dissesse assim: ‘ah, a gente só não mora junto, agora realmente é’.

Essa suposta legitimação através do casamento, também traz, implicitamente, outros sentidos e significados, como o retorno ao pertencimento de algum grupo, como por exemplo grupos ligados a ideia do sagrado, redenção, reconhecimento etc (BUTLER, 2003); como a ideia de se reconhecer como família, como aparece na narrativa de Marco, já mostrada nesse tópico.

Para fecharmos a discussão sobre o casamento, trazemos a reflexão de Luiz Mello (2006) quando ele vem alertar sobre o perigo de se reconhecer no casamento, a única possibilidade de se legitimar afetos e relações (amorosas e/ou sexuais); porque pode acarretar em uma negação de toda uma gama de relações que não desejam passar pelo instrumento do matrimônio. Entender que o casamento civil, ou os contratos de união estável é que podem

do projeto que define família como a união entre um homem e uma mulher. O que configura um enorme retrocesso para a legitimação das diversas configurações familiares no país.

¹²⁸ O contrato de união estável.

legitimar uma família e/ou possibilitar direitos, pode se caracterizar como uma visão conservadora da vida e das relações, jogando para a ilegitimidade e marginalidade, todas as uniões que se enquadram fora desses processos.

5.2.2 Entender-se homossexual

Nas narrativas dos seis casais de interlocutores vários temas surgiram em meio aos seus processos de fala. As narrativas percorreram caminhos longos e repletos de detalhes e lembranças. Esses caminhos versavam sobre como os casais haviam se conhecido, sobre família, mas sobre muitas outras questões que, assim como um rio, levavam em suas águas uma infinidade de temas e vivências que acabam por desaguar no mar do que eles se tornaram, e de como estão hoje; mas, ainda assim, esses homens não se entendem, assim como eu também não os entendo, como seres a partir de agora imutáveis, mas sim, suscetíveis a mudanças e transformações quando novas experiências também desaguem nesse mar infinito da vida.

Uma temática que se fez comum a todos os casais em suas falas, foi o momento em que se descobriram homossexuais, ou compreenderam-se como tais e os processos dessa descoberta. Esse entender-se gay, no entanto, não significa que todos os processos se deram de uma mesma forma; na verdade, está muito longe disso¹²⁹. Alguns relatam que foi um momento doloroso, angustiante; enquanto outros retratam com uma doce leveza o momento em que se entenderam como gays. Mas em todos, como já foi dito, independente de como esse momento de descobertas foi sentido e vivido, ele foi relatado como uma época de importância e que, no mais das vezes, também trouxe ou levou pessoas de importância para (e de) suas vidas; assim como também, em um grau maior, ou menor, o entender-se, e como esse momento foi vivido, refletiu-se nos sentidos produzidos sobre família. Dessa forma, por também darmos importância a esse momento, assim como nossos interlocutores, o mesmo acabou sendo um dos nossos eixos temáticos.

Guilherme e Leônidas não trouxeram muita ênfase para a fase do descobrir-se homossexual. Guilherme, inclusive, apenas afirmou que nunca teve problemas com sua

¹²⁹ No entanto, apesar da compreensão que os processos não se dão da mesma forma, comungamos da compreensão de Soliva; Silva Júnior (2014), que em termos gerais, as relações domésticas empregam grandes esforços no processo, do que os autores citados chamam de uma heterossexualização compulsória. Que faz com que todo e qualquer comportamento que seja nomeado ou compreendido como 'desviante' da norma heterossexual seja severamente doutrinado e controlado para retornar aos padrões pré-estabelecidos.

sexualidade, enfatizando que isso¹³⁰ nunca foi um problema. Já Leônidas, em sua fala, não vem trazer elementos de contextualização sobre como, de um ponto de vista emocional, passou pelo momento da descoberta, mas narra, em dois momentos da entrevista, que seus primeiros relacionamentos homossexuais e primeiros contatos com o universo LGBT se deram muito cedo.

Pesquisadora – Quando o relacionamento de vocês foi assumido por ambos, como estava a questão, para vocês, da homossexualidade?

Guilherme (casal 3) – Nunca tive problemas com isso, nunca tive.

Leônidas (casal 3) – Ah, eu comecei a despertar por volta dos 14 anos, foi quando eu tive meu primeiro namorado mesmo. A gente passou dois anos e meio super próximos; só que era engraçado, eu fazia ele dar em cima da minha irmã, pra minha família não desconfiar [...] a gente saía, depois deixávamos ela em casa e saíamos nós dois; e ficava nesse esquema.

O pai de Leônidas morreu sem nunca saber que o filho é homossexual, apesar das irmãs e da mãe sempre desconfiarem da homossexualidade dele, isso só foi revelado bem mais tarde, quando ele já estava, financeiramente, independente e após a morte do pai. Percebemos na narrativa dele que havia um desejo que a família de origem não soubesse de sua homossexualidade nesse princípio da vida; dessa forma ele, além de empregar o silêncio no que diz respeito a sua orientação sexual e afetiva, acaba por se valer de outras ferramentas e maneiras de esconder da família com quem de fato se relacionava. Leônidas então, se vale através de um comum acordo com o namorado, de um namoro heterossexual deste com a sua irmã. Utilizar-se de namoros heterossexuais é, de acordo com Soliva, Sílvia Júnior (2014), uma forma de aliviar as tensões com a família de origem, que, no mais das vezes, além de diminuir as cobranças também continuam a encobrir a homossexualidade.

No caso de Leônidas, a ferramenta do namoro heterossexual também é utilizada anos mais tarde, quando ele já se relacionava com Guilherme.

Pesquisadora – Então quando você conheceu Guilherme, tua homossexualidade já estava posta?

Leônidas (casal 3) – sim.

Guilherme (casal 3) – Só no meio social, na família não. Pra você ter uma ideia, nós tínhamos duas amigas que eram um casal. A mais velha se apresentava na casa dele como minha noiva e a outra como namorada dele, porque o pai dele morreu sem saber.

¹³⁰ Em referência ao entender-se homossexual.

Essa fala de Guilherme expõe o não desejo de Leônidas em colocar para sua família sua homossexualidade; embora sua orientação sexual e afetiva já estivesse posta em seu meio social, como ambos afirmam. Dentro de casa, no entanto, se tornava para ele mais difícil em expor-se devido, especialmente a presença do pai que, de acordo com uma fala de Guilherme, jamais poderia saber da homossexualidade do filho. Nenhum dos dois entra em maiores detalhes sobre a causa dessa interdição do que poderia ser dito ou revelado para o pai; porém recordamos do que nos traz Poeschl *et al* (2012), quando as autoras e o autor afirmam que geralmente se permanece no silêncio em algum meio (familiar, social, trabalho etc) quando calcula-se que os custos da revelação de si seriam mais altos do que os benefícios trazidos pela homossexualidade assumida. Refletimos então que talvez, a revelação para o pai de Leônidas traria custos muito maiores para ele. Embora as estratégias utilizadas por ambos para a família de um deles, não impediu que após a morte do pai, a homossexualidade fosse colocada à mesa, saindo do lugar de apenas conjecturas da mãe e das irmãs de Leônidas, para o plano das certezas. Para a família de Guilherme, ao contrário, tudo sempre foi dito muito abertamente, porém, como afirmamos anteriormente, o mesmo não trouxe maiores detalhes sobre isso.

Para Charles e Márcio, o entendimento de sua orientação homossexual se deu de forma bastante leve, não houve conflitos internos nem angústias; o que na compreensão deles fez com que essa fase das descobertas acontecesse de uma maneira bastante tranquila¹³¹.

Pesquisadora – E como foi a descoberta da homossexualidade? Foi algo conflituoso ou tranquilo para vocês?

Charles (casal 2) – Comigo eu acho que foi bem fácil. Conversando com outros amigos eu percebi que eles passaram bem mais problemas do que eu. Eu achei até bem natural da minha parte porque foi ao mesmo tempo que outra amiga. Minha melhor amiga também tava se descobrindo, então acho que por ter um acompanhamento assim, dois amigos se descobrindo ao mesmo tempo, ficou bem natural pro meu lado. [...] o que demorou muito foi o meu posicionamento comportamental, político, de dizer assim: ‘eu sou e é assim que eu sou’. Demorou, mas quando veio, veio bem forte.

Márcio (casal 2) – Comigo a aceitação foi tranquila também, sem problemas; mas essa parte política, meu comprometimento assumidamente gay, eu acho que eu adquirei mais com ele. Eu era meio desligado dessas coisas, ele que trazia pra mim.

¹³¹ O que não necessariamente significa dizer que essa tranquilidade se estende a forma como a família de origem aceitou a homossexualidade dos filhos, ou se essa temática é abertamente discutida com os pais, irmãos e demais parentes consanguíneos. Os processos com as famílias de origem serão abordados no próximo tópico.

Charles diz que o processo de descoberta de sua orientação sexual se deu de forma muito mais tranquila por ser junto de uma amiga que também estava passando pelo mesmo que ele. Encontrar um igual que vive, de uma certa forma, as mesmas emoções, sentimentos, dúvidas e certezas, no mesmo período, é algo que chega como um conforto, pois evita que ele se sinta sozinho nessa nova terra de desejos e afetos por onde ele ainda não havia caminhado. Ao mesmo tempo que traz um ar de tranquilidade encontrar alguém, com quem se tem afinidade e intimidade, e com quem se possa compartilhar as questões que fazem parte desse novo mundo, esses encontros com os pares também possibilita a concretização dessas novas experiências afetivas, sexuais e sociais.

A importância dos os/as amigos/as homossexuais, vai além desse primeiro momento de descobertas, porque eles/elas também vão ajudar e/ou facilitar o acesso em ambientes de sociabilidade LGBT, tomadas de postura militante ou política de assumir-se e se colocar firme nessa posição (como Charles se coloca e, como Márcio afirma que foi através da convivência com Charles que assumiu tal postura. Claro que Charles é o companheiro de Márcio, mas, mesmo que não fosse, a companhia e o acesso a amigos, vem facilitar determinadas reflexões que levam a alguns posicionamentos.), e ainda absorver repertórios, códigos etc.; como nos afirmam Soliva; Silva Júnior (2014, p. 135): “É através dos amigos que é aprofundado a esses jovens o acesso a espaços de convivência, os quais são responsáveis pela transmissão de códigos culturais, estratégias de proteção, estilos corporais, técnicas para a obtenção de parcerias sexuais, etc.”.

Essas amizades com pessoas também homossexuais, que podem trazer um suporte e um apoio em momentos como o da descoberta da orientação homossexual, como aconteceu no caso de Charles, não existiram na história de vida de Pedro que, por ter estado durante seis anos casado com uma mulher e ser bastante atuante na igreja que frequentava, não tinha amigos gays; havia sim, alguns colegas de trabalho, mas para esses Pedro não se permitia expor sua vida e sua intimidade.

Pedro (casal 5) – Todo o meu contexto era hétero, eu não tinha amigos gays. Até tinha amigos gays, mas amigos de trabalho que não sabiam da minha posição, entendeu? [...] eu nunca tinha ido a uma boate, eu nunca tinha saído com um gay, eu nunca tinha tido amizade com um gay para conversar, trocar experiências, tudo começou depois dele¹³². [...] Foi um pouco de choque de

¹³² Danilo, seu companheiro.

realidade, porque eu comecei a conviver e era muito complicado. Quando a gente saiu pela primeira vez pra ir pra boate, quando ele pegou na minha mãe, eu soltei, me assustei [...] Hoje eu já encaro com mais naturalidade, mas no início foi muito complicado. Foi um choque, né?

É claro que, para Pedro, deve ter sido mesmo um choque, pois como afirmam Soliva; Silva Júnior (2014, p. 133): “Descobrir que desejam uma pessoa do mesmo sexo é tarefa complicada que envolve uma teia de sentimentos e medos. ”; especialmente se todo o mundo externo, por onde ele transitava pertencia agora a uma cultura que já não fazia mais morada em seu mundo íntimo.

Pedro, de todos os interlocutores com quem conversei, foi o que relatou um período de descoberta, e de acesso a esse novo mundo íntimo, mais conflituoso e delicado. Na verdade, não apenas nesse momento, mas também no início de sua vida afetiva e sexual com Danilo¹³³. Ele narra que precisou fazer terapia durante dois anos para poder se aceitar¹³⁴ e perceber quem de fato ele era. Foi apenas com a terapia que ele conseguiu idealizar um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo.

Pedro (casal 5) – Foi um trabalho longo e dolorido. Eu sempre camuflei muita coisa. Eu tinha uma vida muito ativa na igreja, então a igreja já tinha os seus preconceitos, a minha mãe também, então eu também não me aceitava. Na minha cabeça era uma coisa que eu podia administrar de outra forma.

Na compreensão de Pedro era preciso administrar o conflito de alguma forma ou, de uma outra forma que não a da vivência homossexual. Na sua fala ele traz a mãe e a igreja, dois pontos fortes na sua história de vida, e também responsáveis por uma educação heteronormativa que acaba sendo um fator primordial para o conflito subjetivo vivido por ele, e por muitas outras pessoas que estão passando pela mesma fase. (SAGGESE, 2009). O processo terapêutico, no entanto, além de fortalecê-lo, deixou mais evidente que não havia uma forma de continuar reprimindo desejos que já haviam sido sufocados por muito tempo; é quando ele decide colocar um ponto final em seu casamento e viver a sua vida da maneira que desejava.

¹³³ Que foi seu primeiro namorado. O primeiro homem com quem manteve, de fato, um relacionamento.

¹³⁴ ‘Se aceitar’ foi o termo utilizado por ele em sua fala.

Pedro (casal 5) – Em terapia eu comecei a me trabalhar, a me aceitar enquanto homossexual pra eu poder assumir alguma coisa [...] aí foi quando eu cheguei pra minha ex -esposa e disse ‘olha, não dá mais, eu sou gay. Eu não aguento mais tá vivendo a sua vida, a vida da minha mãe, da família, a vida da igreja, eu quero viver a minha vida.’. Foi quando eu dei o pontapé e decidi.

Com o seu companheiro Danilo, o momento do reconhecimento também foi difícil devido a uma prévia interdição paterna.

Pesquisadora – Danilo, e você? Como foi o teu processo de auto reconhecimento?

Danilo (casal 5) – Foi a fase da adolescência. Eu sempre fui muito namorado com meninas, mas chegou um determinado tempo que eu senti a atração, o desejo físico por meninos. [...] Eu sabia que tinha alguma coisa diferente. A minha primeira paixão foi um menino um pouco mais velho, tinha uns 18 anos, eu tinha 15 e ele me aceitou, ele notou e rolou o primeiro beijo; e ali pra mim foi onde tudo começou. Então eu cheguei em casa, tomei uma cartela de A.S infantil que eu achava que ia dar algum resultado [...] eu achava que ia morrer, mas só vomitei. O comprimido bateu e voltou. Então eu tentei esse suposto suicídio porque uma vez meu pai na mesa, no café da manhã, disse que preferia ter um filho ladrão, assassino do que ter um filho viado; e isso me chocou muito naquele momento.

No caso de Danilo, junto com o momento de liberação do desejo de sua primeira experiência homossexual, aparece a tentativa de suicídio por lembrar-se da interdição paterna que já havia deixado claro não aceitar um filho homossexual, antecipando-se ao momento em que o filho colocaria em prática os seus desejos íntimos. Soliva; Silva Júnior (2014) afirmam, lembrando uma antiga convenção popular, que “os pais são os primeiros a ficar sabendo, contudo, os últimos a aceitarem a homossexualidade de seus filhos” (p. 132). Claro que sabemos que nem sempre é assim, mas o que os autores vêm trazer, e que de uma certa forma, expressa a atitude do pai de Danilo, é que os pais, por estarem, na maioria das vezes, mais próximos aos filhos, são os que mais rotineiramente analisam e observam os seus comportamentos; portanto, ao menor sinal de condutas que são interpretadas como desviantes da norma heterossexual, são impostas interdições e prescrições a fim de que a conduta dita como normal volte a ocorrer e, gênero, corpo físico e sexualidade voltem a seus padrões heteronormativos.

O processo de Marco foi muito semelhante ao de Pedro. Marco, jovem, muito religioso, pensava em ser padre, de família tradicional (como ele mesmo afirma), só se envolvia com meninas, apesar de sempre saber que se identificava como homossexual.

Pesquisadora – E a tua descoberta Marco? Como foi esse processo pra você?

Marco (casal 6) – O meu caso é muito complicado. Eu namorei, quase era noivo de meninas. Tudo isso na minha cabeça. Eu sabia que sentia atração por pessoas do mesmo sexo, mas eu me negava, pela minha religião, minha família, a sociedade, enfim. [...] Foi com uns 20 anos que eu despertei, mas mesmo assim eu não me aceitava porque tudo foi muito rápido. Meu primeiro beijo foi com meu primeiro namorado. Tudo pra mim foi muito novo, foi um choque e eu terminei e acabei voltando a ficar com mulheres.

Diante da concretização do desejo, materializado no beijo e no namoro, para Marco vem o profundo sentimento de culpa que ele traduz como um choque; fazendo com que ele retornasse a se envolver com mulheres, mesmo não se realizando com elas. A religião aqui volta a ter um peso crucial, tal como Pedro. Apesar de nessa fala não está exposto o discurso religioso propriamente dito, podemos ser levados a pensar que Marco, católico praticante, possa ter introjetado, em certa medida, o discurso da igreja que, conforme nos alerta James Green (1999), possui em seus códigos de moralidade tradicionais, condenações a prática homossexual. Dessa forma Marco, acaba por se culpabilizar pela prática homossexual e retornado àquilo que é permitido, os relacionamentos heterossexuais.

A religião também aparece com força, e como uma força, no processo de reconhecimento e de afirmação de Anderson (companheiro de Bruno). Evangélico (conforme a nomenclatura que ele utiliza), Anderson precisou passar por cima da sua fé (que assim como a fé católica tradicional, não admite a prática homossexual), para viver a sua sexualidade em conformidade com seu desejo.

Anderson (casal 1) – Eu já tinha tido experiência com outro homem e estava tentando me libertar, apesar daquela coisa já estar mais formada na minha cabeça, a questão da aceitação. [...] Mas eu também¹³⁵ era evangélico, isso me impressionava muito; de certa forma impactava bastante comigo.

O casal de número 4, César e Daniel afirmaram em suas falas que não houve problemas em seus reconhecimentos como homossexuais, não entrando em maiores detalhes sobre esse momento, apenas a fala de Daniel quando indagado como tinha sido esse seu momento, ele afirma:

Daniel (casal 4) – Eu não tive problemas de auto aceitação, de me sentir mal comigo mesmo, de me culpar. Não tinha isso.

¹³⁵ O ‘também’ se refere a ele e a mãe.

No próximo tópico serão apresentadas e analisadas as questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual.

5.2.3 Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual

Uma vez reconhecendo-se homossexual, o próximo passo (para algumas pessoas) é o de assumir-se para a família e para os vários grupos sociais por onde se transita. Nesse tópico tentamos compreender que tipos de questões emergiram, não apenas para as famílias dos interlocutores, mas também para si mesmos, ao assumirem a orientação homossexual, e se essas questões se colocaram como dificuldades para a vivência do afeto em uma relação com pessoas do mesmo sexo. Entendemos que as possíveis dificuldades, enfrentadas nessa fase de reconhecer-se publicamente como gay, poderiam vir a influenciar os sentidos produzidos sobre família por esses casais, o que diretamente nos interessa.

Embora achemos importante afirmar que não pretendemos, e nem poderíamos, darmos conta da infinidade de situações e emoções vivenciadas dentro do lar e fora dele, com a família de origem, amigos, vizinhos, etc, quisemos trazer os pontos principais levantados por nossos interlocutores a fim de que pudéssemos fazer uma reflexão sobre que questões são majoritariamente citadas. Conseguimos encontrar a religião¹³⁶ e os conflitos familiares como as questões mais trazidas pelos seis casais, que serão relatadas abaixo.

Um primeiro ponto importante de reflexão e que conseguimos constatar nas narrativas dos casais, é que na maioria dos relatos, houve uma necessidade em assumir-se para a família, colocar-se como homossexual dentro do lar de origem, e os que assim não procederam, justificam dizendo o porquê de preferirem não comunicar sobre sua sexualidade.

Bruno (casal 1) – Nunca teve aquela história ‘ah mãe, é porque eu sou’, não. Nunca teve essa história com ninguém da minha família.

Charles (casal 2) – Na minha família é aquela velha questão, ‘não pergunte, não fale’. Quando eu realmente percebi que eu sou gay eu nunca quis esconder, até porque eu tenho irmãos homens héteros e ficava muito nítida a diferença. Tipo assim, meu irmão trazia a namorada e eu não trazia ninguém. Eu nunca fiz questão de esconder isso, eu sempre fiz questão de mostrar que ali tinha uma diferença. Mas a minha família chegou ao ponto de assim ‘eu

¹³⁶ A tabela 1 mostra as religiões informadas.

não pergunto, mas você também não fala e a gente age como tal'. E é assim até hoje.

César (casal 4) – Na minha família, nunca precisei dizer que eu era gay; eles sempre me respeitaram, tanto minha mãe, quanto meu pai. Eu falo isso até hoje quando minha mãe me faz uma pergunta: ‘meu filho, cadê sua garota?’, aí eu falo: ‘mamãe, você sabe o filho que você tem’. Daí por diante ela nunca mais perguntou nada. Absolutamente nada.

Bruno foi criado apenas pela mãe, eram apenas os dois¹³⁷ até que a mãe começou um relacionamento com um homem que tinha problemas com Bruno pelo fato deste ser praticante de religiões de matrizes africanas, enquanto que seu padrasto abraçava como fé o protestantismo. Havia muitas brigas em casa devido a intolerância religiosa do padrasto. A mãe acabou por separar-se do companheiro por tomar partido pelo filho, no entanto, passado algum tempo, voltou a se relacionar com esse homem, afirmando para o filho que ela iria atrás da oportunidade de ser feliz. Quando a mãe sai de casa, Bruno afirma que não sentia mais necessidade de prestar satisfação à genitora

Bruno (casal 1) – Como ela (mãe) decidiu ir e me deixou livre para fazer da minha vida o que eu quiser, eu não preciso dar satisfação a ela.

No caso de Charles e César há como que um desejo da família em não querer a verbalização que comprova a homossexualidade dos filhos. Na família de Charles esse não querer é mais explícito, na de César, fica implícito pelo ‘não mais perguntar’ da mãe diante da resposta perigosa do filho, que poderia vir a revelar uma verdade que supostamente ela não desejava saber.

Soliva; Silva Júnior (2014) afirmam que em um primeiro momento, que os autores vão chamar de ‘período de desconfiança’, há uma tentativa parental de enquadrar os filhos ou de chamar os filhos à realidade sobre o tipo de comportamento ou de ação que eles deveriam ter. daí decorrem as queixas e as indagações, como as da mãe de César tentando reafirmar ao filho, sob uma perspectiva heteronormativa, que ao seu lado deveria haver uma garota. Em um segundo momento, ainda de acordo com os autores supracitados, vem a fase da descoberta da homossexualidade, que é revestida do medo de verem seus filhos ocupando papéis que não se encaixam no que para eles foi planejado. Compreendemos, no entanto, que essa descoberta da orientação sexual do filho, não necessariamente tem que se dar de uma forma explícita e verbalizada, pode-se dar a partir da percepção de algo está faltando, “perante o fato

¹³⁷ Há também uma irmã, mas esta se casou aos 18 anos e saiu de casa desde então.

incontornável de que o roteiro de vida desse jovem não corresponde àquele de um jovem heterossexual” (SOLIVA; SILVA JÚNIOR, 2014, p. 134).

No entanto, como já foi dito, a maioria dos interlocutores quiseram, por motivações diversas, em algum momento, revelar à família sobre sua homossexualidade.

Márcio (casal 2) – Eu cheguei pra minha mãe e disse que eu era gay, aí ela foi e contou pro meu pai. Então eles sempre souberam que eu era assumidamente gay; mas era apenas os meus pais e minha irmãs; eles escondem isso, não comentam com o restante da família

Pesquisadora – Vamos falar então de descobertas. Como foi esse momento de descoberta, de reconhecimento? Vocês em algum momento expuseram isso pra alguém, pra família?

Marco (casal 6) – Eu tentei dizer a minha mãe, mas ela não foi aceitando muito. Ela achava que era uma fase minha, que iria passar. [...] Pra minha mãe era uma coisa passageira.

Danilo (casal 5) – Minha mãe foi uma dessas pessoas que queria ouvir da minha boca. [...] Eu disse: ‘mãe, sou gay’, ela disse: ‘o que você quer que eu faça?’ E a única coisa que eu disse: ‘eu só espero um abraço’.

As motivações e as formas de falar sobre si para a família foram diversas. Para a família de Márcio há uma preocupação para que a sexualidade do filho não saia do círculo mais íntimo alcançando os parentes. Peter Fry e Edward Macrae (1985) vem dizer, que muitas vezes quando isso ocorre, retrata o medo parental de que sobre eles recaia a acusação de terem sido os culpados pelo suposto ‘desvio’ do filho. De acordo ainda com esses autores, esse medo da acusação e da culpa derivam do entendimento do senso comum das ideias Freudianas, que retratam a homossexualidade como uma condição quase que incurável e cuja causas sempre remontam aos pais a respeito de fatos acontecidos em determinados momentos da infância.

Essa mesma reflexão também pode ser feita para o relato de Marco. É muito mais fácil para a genitora, pensar ser uma fase do que algo definitivo a levando, ainda de acordo com Fry; Macrae (1985), há uma compreensão de que houve, em algum momento, errado com o filho. O entendimento de que seria algo definitivo na vida dele, poderia levá-la também a romper com ele por não conseguir aceitar a homossexualidade do mesmo (SOLIVA; SILVA JÚNIOR, 2014). Já a ideia de uma situação passageira e transitória manteria esses laços passíveis de recuperação.

Nas narrativas de todos os que afirmaram ter contado à família, pude perceber um certo sentimento de alívio, que nem sempre fora posto em palavras, mas que estava lá, nas entrelinhas do que era dito. Apesar das barreiras heterossexistas e do medo do preconceito, especialmente aquele que tem origem dentro do lar, Corrigan; Matthews¹³⁸ apud Poeschl *et al* (2012) vem dizer que revelar a homossexualidade traz muito mais benefícios do que custos. Entre os benefícios estão o “bem-estar psicológico, o aumento da autoestima e a redução do stress mental, a diminuição dos comportamentos de risco e a facilitação das relações interpessoais.” (CORRIGAN; MATTHEWS apud POESCHL *et al.*, 2012, p. 38). Certamente que não tive como, em apenas um encontro que durava cerca de uma hora, observar melhor a realidade desses benefícios ou, conversar com meus interlocutores se sentiram esses resultados em suas vidas; mas todos, como eu disse, falavam com alívio do momento em que contaram sobre si para àqueles e àquelas que tinham lugares tão importantes e significativos em suas vidas.

Porém, de acordo com Soliva; Silva Júnior (2014), a atitude de revelar à família a sua homossexualidade, não está embasada apenas na busca, consciente ou não, dos benefícios que a revelação pode trazer; mas também esse falar, está intimamente ligado a um caráter de confissão, onde os filhos procuram a autoridade parental para expor a questão a fim de receber a sanção ou a compreensão esperada.

Essa ocasião sempre tem um caráter de “confissão”¹³⁹, quase no sentido religioso do termo, em que uma atitude considerada como digna de sanção é exposta a uma “autoridade superior” (no caso, a família) para que ela possa apresentar suas considerações, na expectativa de que tal ação ocorra de uma maneira considerada positiva, ou mesmo à espera de um perdão pela “falta” cometida. (SOLIVA; SILVA JÚNIOR, 2014, p. 136)

Mas contar sobre suas sexualidades trouxe questões que esses casais tiveram que dar conta, de alguma maneira, para continuarem se posicionando como homens homossexuais; como também para não terem que abdicar do que sentem e querem viver; mas, principalmente, para poderem estar, nos dias atuais, em uma relação homossexual. A maioria dessas questões estão ligadas à família e a forma como essas famílias receberam a notícia da homossexualidade dos filhos (que nem sempre foi de uma forma positiva), além de

¹³⁸ Corrigan, P. W., & Matthews, A. K. (2003). Stigma and disclosure: Implications for coming out of the closet. *Journal of Mental Health*, 12(3), 235-248.

¹³⁹ Todos os grifos dessa citação são dos autores.

dificuldades de tentarem conciliar, intimamente, as suas crenças religiosas¹⁴⁰ e, ao mesmo tempo, darem vazão e fluência aos seus sentimentos, desejos e emoções que, na maioria das vezes, ia de encontro à fé que professavam/professam.

A maioria das famílias de origem dos interlocutores têm uma crença religiosa, assim como a maioria dos entrevistados afirmam que tem uma religião. Alguns informaram que não são tão praticantes, mas que não deixaram de nutrir e manter a sua fé. Esse ponto, por vezes, traz um embate íntimo ou familiar do que está sendo exposto ou vivido (a homossexualidade), com a religião que se abraça.

Dentro de um discurso religioso, existe o que Marco Antônio Torres (2006) vem chamar de uma moral sexual, que para as religiões cristãs mais tradicionais, está diretamente atrelada a uma estrutura de relação heterossexual monogâmica. Torres (2006, p. 151) vai dizer então que é essa moral sexual que tentará “neutralizar elementos que se mostrem ameaçadores para a aparente unidade do discurso”. Dessa forma, qualquer vivência da sexualidade que destoe ou que possa pôr em risco o discurso hegemônico religioso, deve ser imediatamente combatido; e esse é, certamente, um processo doloroso, tanto quando essa interdição vem da família, como quando vem da própria pessoa a viver o conflito; como pode-se observar nos recortes abaixo.

Pesquisadora – Marco, você disse que até cogitou ser padre, me fala mais disso.

Marco (casal 6) – Acho que a questão de ser padre foi a paixão que eu tinha, e que ainda tenho pela igreja católica. Mas também era uma forma de sair dessa, de não mais viver uma relação que eu não queria viver [...] porque eu sabia que eu nunca ia conseguir amar, me apaixonar por nenhuma mulher; então eu ia viver uma coisa infeliz e também não queria viver algo que pra mim era um pecado abominável. Então a busca de ser padre, para mim, era uma salvação. Essa é a palavra certa, sabe? De me salvar desses dois lados que me conflitavam muito.

Bruno (casal 1) – Quando a gente se uniu, que começou a nossa história, a gente voltou pra igreja; o que ficava sem nexos nenhum. Então a gente tinha essa luta do tipo, a gente se ama, a gente se gosta, e como é que tá acontecendo isso? Então a gente se culpava. A nossa oração era: vamos orar e pedir a Deus para nossa vida ficar melhor, porque se não for certo a gente ficar junto, que a gente se separe. Vamos colocar na mão de Deus, porque a gente não consegue.

¹⁴⁰ Através das minhas leituras teóricas, eu sabia que a religião teria, como tem, um peso na esfera social e privada desses homens; mas não imaginava que essa questão viesse com tamanha força em alguns discursos.

O conflito religioso com a vivência e/ou o desejo homossexual levava a dores íntimas muito fortes, que muitas vezes pôs em risco a continuação de seus relacionamentos, ou a própria prática homossexual. Isso reflete diretamente na compreensão que esses casais formularam depois sobre suas famílias¹⁴¹. Essas dores também foram, em alguns casos impostos pela família de origem; que, segundo Soliva; Silva Júnior (2014), tentam encontrar na Bíblia o respaldo e, ao mesmo tempo, o poder coercitivo, de fazerem os filhos ‘voltarem’ ao caminho do que a família entende como correto.

Anderson (casal 1) – Minha mãe, logo após eu contar, ela se converteu porque achava que o fato de eu ser gay seria algo demoníaco. Então ela se converteu e começou a fazer aquela peregrinação religiosa em termos de mover tudo para me salvar, me libertar desse mal. E a situação foi ficando cada vez mais complicada.

Daniel (casal 4) – Minha mãe tem um jeito de falar algumas coisas bem fortes, desagradável. [...] Hoje em dia ela justifica numa questão religiosa o preconceito dela, e fala que não é de Deus, é pecado e tudo o mais.

Além da castração religiosa, necessária à moral sexual, ocorre também repressões parentais para que os filhos retornem aos comportamentos que foram ensinados para ‘meninos’ e ‘meninas’, e às emoções que são tidas como adequadas diante dessa educação dada desde o berço (FRY; MACRAE, 1985); no entanto, na narrativa dos interlocutores, ficou muito perceptível que apesar dos momentos em que repensaram continuar ou não na relação, ou que pensaram em desistir de si mesmos devido a essas questões, todos encontraram um meio de contornar, ou de dar conta, das dificuldades para continuar o caminho possível¹⁴² para eles.

Marco (casal 6) – Eu tive que ser muito compreensivo de entender que minha mãe tinha outra cabeça, vivia em outro mundo. A religião é muito forte, muito presente na vida dela; mas eu disse pra mim mesmo e pra ela que eu tinha que viver a minha vida, independente se ela ia aceitar ou não.

Bruno (casal 1) – Minha mãe gosta muito dele (do companheiro, Anderson). Minha mãe respeita porque eu exigi esse respeito, porque se eu desse brecha ela iria olhar pra ele diferente; e com o passar do tempo ela foi vendo que ele é uma pessoa que não quer meu mal; que não quer me levar pro mal

¹⁴¹ Aqui me reporto à família construída com seus companheiros. Ratificando que, utilizo aqui o termo família, pois foi como todos os casais se denominaram, de acordo como será possível observar no próximo tópico.

¹⁴² Uso o termo ‘possível’, por entender que se trata de uma orientação e não de uma escolha, ou opção; embora comungue do entendimento de Peter Fry e Edward MacRae (1985) de que não há uma verdade absoluta sobre a homossexualidade e, portanto, ela não é passível de generalizações; uma vez que as práticas e as ideias associadas ao termo foram e são produzidas histórica e culturalmente.

caminho, que é o que as famílias pensam na verdade. Essa superproteção eu entendo que é por conta disso.

Seja através da imposição ou da compreensão, estratégias foram elaboradas para contornar as questões que se colocaram como desafio nas trilhas do reconhecimento de si e da relação.

No próximo tópico desse capítulo iremos dialogar sobre os sentidos produzidos sobre família por esses casais. Apesar de estarmos colocando como um tópico a parte, não significa dizer que pessoalmente não compreendemos que tudo o que discutimos até aqui, já não esteja produzindo sentidos sobre família... porque está!

Tudo o que foi dito, cada frase, cada fase vivida, cada riso ou dor, já faz parte dessa produção de sentidos, e nós compreendemos isso. No entanto, preferimos colocar um tópico a parte por uma questão didática, até para nós mesmos.

Antes de passar ao último tópico, gostaria de concluir este com a reflexão política que Daniel faz a respeito de religião e estado. E nada mais propício, uma vez que as discussões atuais sobre família, infelizmente, por muitas vezes, têm estado em um verdadeiro cabo de guerra em meio a esses dois polos.

Daniel (casal 4) – A gente já tem na academia, na ciência, várias questões que deixaram isso pra trás. E a gente tem conservadores aí brigando e embasando na religião. Nós separamos igreja e Estado no início da república; é inconcebível então. A gente tem que avançar muito na democracia e no respeito à diversidade e à diferença religiosa e seja mais o que for. Eu posso ter a minha, mas não posso querer impor ao outro. Estamos falando de Estado, então é preciso reconhecer essa diversidade.

5.2.4 Produção de sentidos sobre família

Nesse tópico iremos voltar nossa atenção para as práticas discursivas dos casais que participaram e colaboraram com essa pesquisa, e a produção de sentidos sobre família.

Todos os seis casais, com suas formas de falar, uns mais contidos, outros mais ‘falantes’, uns mais políticos em seus discursos, outros mais emotivos e até desligados, mas todos em vários momentos falaram sobre suas famílias. As famílias que foram sendo construídas desde o momento da primeira troca de olhar, do primeiro beijo, ou do primeiro contato sexual. É claro que eles sabiam do que se tratava a pesquisa, sobre o que eu estava pesquisando. Mas na fluidez das conversas e das trocas, em largos e muitos momentos, não

havia mais a figura da pesquisadora e do casal de interlocutores; havia três pessoas co-produzindo sentidos, quem sabe, trocando confidências.

Foi por essa fluidez na fala e por essa sensação de ‘bem-estar’ quando estávamos sempre os três juntos, que penso que em vários momentos quando falavam de suas famílias, quando nomeavam suas relações assim, não estivessem mais tão centrados na informação de que eu estava ali pesquisando famílias formadas por um casal com orientação homossexual; mas sim, simplesmente, falavam do que era importante, do que tinha sentido para eles; da forma como se viam e viam seus relacionamentos.

Primeiramente, no entanto, é fundamental afirmar que partimos de uma compreensão que família não pode ser entendida no singular; é palavra que tem que ser escrita e sentida no plural. Isso porque não há apenas uma configuração. O termo família abrange uma infinidade de possibilidades de agrupamentos, engloba uma riquíssima diversidade de dinâmicas familiares. Embora, como nos afirma Vilhena et al. (2011), sempre exista um modelo preponderante para cada momento histórico do mundo, há também, da mesma forma, uma diversidade de outras estruturas. Dessa forma, quando me refiro aqui a família, não estou fazendo referência a uma estrutura específica, mas sim às variadas formas que as famílias daqueles homens me foram apresentadas.

Dessa forma, eu pude perceber, em suas narrativas, que não havia, de fato um único padrão a ser falado. Me foram apresentadas várias famílias, cada uma compreendida a partir de diversos aspectos. Em algumas delas é mais evidente a importância em ser reconhecida como família, talvez por estar a temática de família, fortemente ligada a conquista de cidadania (GROSSI, 2003). Contudo, não significa afirmar que a nomenclatura de família, ou que a conjugalidade através do casamento civil, deva ser uma obrigação imposta a todos, o que traria mais riscos e coerções morais do que benefícios (como já discutido no início desse capítulo)¹⁴³; mas ao reler meu diário de ‘bordo’, as anotações que fiz após cada momento de conversa com os casais; percebi que para eles, poder se ver como família tem um peso no dito contexto privado (emotivo, sentimental) e no dito contexto público (entender-se como cidadão).

Os sentidos produzidos sobre família são os mais diversos, mas em um primeiro momento, me chamou atenção alguns trechos narrativos sobre como algumas famílias foram ‘validadas’; ou a partir de que instante os interlocutores conseguiram verbalizar que eram uma

¹⁴³ Ver o tópico: primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento.

família. No caso de Charles, ele tenta me explicar o que pensa sobre sua relação com Márcio no meio de sua narrativa; já as falas de Bruno estão conectadas com as minhas perguntas.

Charles (casal 2) – Com relação a nós, é uma relação de casal, de família na vera, porque peter (o gatinho de estimação) é o filho. O nosso gatinho é o filho. É assim que eu encaro a gente, como família.

Pesquisadora - como é que vocês se viam antes das crianças chegarem (os três filhos do casal)?

Bruno (casal 1) – A gente tinha uma família só que eu, vou falar por mim, eu tinha uma família só que era como se tivesse faltando aquela ancorazinha pra prender ela naquele lugar e dizer assim: é família sim! [...] Depois da chegada dos meus filhos, eu criei esse gás de chegar pras pessoas e dizer que ele (Anderson) é meu companheiro.

Pesquisadora – Quando as crianças chegaram?

Bruno (casal 1) – Em 2012; e de lá pra cá a gente mostrou pro mundo a nossa família como uma família normal. Ela já existia, só que ela existia ali, caladinha; ela não queria os direitos dela, ela não queria fazer nada. E depois a gente começou, com toda luta. Já temos a nossa união civil feita; então a gente foi buscando, porque a gente tem uma família. Antigamente a gente dizia ‘não, não vamos fazer não’; mas a gente foi atrás dos nossos direitos. Não é direito? Então eu quero!

As falas de Charles e Bruno trazem o peso de uma matriz heteronormativa, como afirma Butler (2003), que vai instituir, até para o próprio sujeito, o que é aceitável ou não. Para Charles, a família é ‘na vera’ porque tem algo ocupando o lugar que seria do filho; já para Bruno, só foi possível de fato validar a família depois que os filhos se fizeram presentes; momento este também que os dois companheiros resolveram realizar a união civil, que, como Bruno coloca, só foi executada após a chegada das crianças, pois antes eles não a queria. Há aí dois pontos que nos levam a uma reflexão, embasados ainda em Judith Butler (2003) que é a efetividade e o reconhecimento do parentesco e da sexualidade. A autora vem fazer uma crítica ao dizer que, apesar de nos estudos de sociologia de hoje a compreensão de parentesco ter se dissociado da necessidade do casamento, ainda há um forte entendimento de que ele “não funciona ou não se qualifica como parentesco a menos que assuma uma forma reconhecível de família” (BUTLER, 2003, p. 221).

Ora, dentro de toda uma construção heteronormativa e de uma imposição heterossexual compulsória, somando-se aí o peso da religião que, como já vimos em tópicos

anteriores, exerce uma influência muito grande, há uma tentativa de efetivação do parentesco, mas que para isso, necessita de uma estrutura familiar reconhecida, como a com filhos (sejam eles seres humanos ou não), e, no caso de Bruno¹⁴⁴ também através do casamento.

Quando eu indago sobre como eles (Bruno e Anderson) se veem hoje, a resposta também é bastante interessante

Bruno (casal 1) – Eu sinto até dificuldade de dizer assim família, porque a gente vê assim família de uma forma tão tradicional pras pessoas aí fora, e a minha família, ela não é tradicional. [...] é uma família totalmente diferente, que foge do padrão pra todo mundo; que a gente sabe que ninguém quer.

Surge aqui, na fala de Bruno, um retorno ao modelo patriarcal e heterossexista de Gilberto Freyre, que acabou sendo incorporado, na sociedade brasileira como o modelo tradicional¹⁴⁵. A narrativa revela uma certa carga de emotividade e talvez uma visão depreciativa de seu núcleo familiar, ao colocar que ele ‘sabe’ que ninguém quer uma família igual a sua.¹⁴⁶ Falas como essas, que podem sugerir dores íntimas, surge quando tomamos uma determinada configuração como modelo; por isso Vilhena et al. (2011) nos fala sobre a necessidade de não se colocar um arranjo familiar como regra, mas sim pensar a família como uma construção social e, por isso mesmo, mutável e com possibilidades de apresentar variadas faces.

E com relação a essas novas faces e outros aspectos pelos quais se pensa família, o afeto surge na fala de muitos dos interlocutores, conforme se vê abaixo.

Pesquisadora – Como é que vocês entendem família?

Anderson (casal 1) – Família é quando a gente se adota afetivamente.

Leônidas (casal 3) – Em 2001 a gente acabou e ficou uma amizade muito grande, um carinho muito grande. A gente percebeu que sexualmente não dava mais. [...] Hoje eu chamo de irmão (Guilherme), amigo irmão. Aquele que a gente conhece, se aproxima e nunca mais se solta. É uma afinidade de almas total.

Pesquisadora – Como vocês se veem hoje?

¹⁴⁴ Não intentamos, no entanto, estabelecer uma relação de nexo-causal, afirmando que as três crianças, filhas de Bruno e Anderson, vieram a existir para levar essa família ao patamar de família. Os motivos da adoção podem ter sido os mais diversos. Havia um desejo de serem pais, como nos foi dito. Nossa intenção é apenas realizarmos uma reflexão à luz da literatura.

¹⁴⁵ Observar nota de rodapé nº 3

¹⁴⁶ A impressão de que a narrativa de Bruno traz uma visão depreciativa de seu núcleo familiar, deve-se ao fato de que o mesmo, ao falar, emocionou-se, ao ponto de não me encarar ao dizer essa frase.

Leônidas (casal 3) – Como uma família, é a verdadeira família, família da alma. Aquela que a gente não nasceu junto.

Pesquisadora – Como vocês entendem família?

César (casal 4) – Eu acho que família é uma coisa afetiva, uma coisa que a gente sente amor, que a gente adota pra gente.

Danilo (casal 5) – Família é aquela que bem vive, é aquela que consegue se amar suficientemente para vencer todas as barreiras: a barreira financeira, a do preconceito. Acho que o amor acima de tudo.

Então o afeto, nas relações da atualidade, recebe um destaque muito maior, muitas vezes sendo o que inicia e mantém uma relação. Maria Berenice Dias (2009, p. 42) vem dizer que “ a nenhuma espécie de vínculo que tenha por base o afeto se pode deixar de conferir status de família”; uma vez que assim, como família, as pessoas se compreendem e vivem suas vidas. Na narrativa de Leônidas, ele afirma que ele e seu companheiro Guilherme já não mantém relações sexuais entre si. O sexo ocorre com outros homens, sejam esses outros homens alguém com quem eles estejam se relacionando ou apenas um sexo casual. O contato sexual entre ambos não ocorre desde 2001, mas o afetivo continua cada vez mais forte. Ambos, como já foi dito, buscaram o casamento civil em dezembro de 2014 e afirmam achar importante dormirem na mesma cama todas as noites; mas reforçam, a todo momento que são irmãos, família de almas ligada pelo afeto.

Outros aspectos e sentidos sobre família também surgem no relato dos casais, apesar de, acreditarmos, não deixa de estar presente o afeto, mesmo que este não esteja sendo colocado como foco principal na narrativa.

Pesquisadora – Como é que vocês entendem família?

Charles (casal 2) – Família é a segurança que você tem de voltar pra casa e saber que tá protegido, seguro, que tá com quem ama. É o porto seguro

Marco (casal 6) – Pra mim família... eu sou uma família, né? Eu e Rubens somos uma família. Eu acho que família não é genética, não é DNA. Eu acho que família é aquilo que a gente constrói, é com quem a gente pode contar no meu dia a dia, uma pessoa que eu preciso, que passe as dificuldades comigo, os momentos de alegria. Nos momentos que eu estive doente, em que ele esteve, nós estávamos ali, um pro outro; financeiramente, alegre, triste, enfim.

Danilo (casal 5) – Hoje eu tenho um casamento tradicional, uma família tradicional

Pesquisadora - Danilo, eu queria te fazer uma pergunta, você usou os termos casamento tradicional, família tradicional. O que é isso pra você?

Danilo (casal 5) – O tradicional é cumprir os seus deveres, continha de luz, as responsabilidades, o amadurecimento da coisa. Eu digo tradicional porque a gente consegue montar um lar com estrutura, com direitos e deveres como todo casal heterossexual, homossexual deveria ter. [...] O tradicional é isso pra mim, é seguir a tradição, independentemente de qualquer coisa. Os deveres e os direitos de ser um cidadão pra sociedade.

A segurança, o companheirismo, as responsabilidades, a companhia, e muitas outros sentidos para família surgem nos relatos daqueles seis casais.

Marco fala que família não é algo vinculado a genética, não são os laços de sangue, mas sim, para ele, família é com quem se pode contar. Na continuação do seu relato ele traz a mãe para seu discurso, afirmando que apesar de entender as limitações da dela, sabe e lamenta não poder mais contar nem com ela, nem como as demais pessoas da sua família de origem. Nem a mãe, nem as irmãs foram ao seu casamento, não frequentam sua casa e só falam com ele o necessário, mas tudo muito ‘educadamente’. Com Rubens ele pode contar, pode adoecer, pode rir e chorar. Rubens é a presença, é o suporte, é o que ele não tem mais na família de origem e nem na igreja.

Pesquisadora - Como é que vocês nomeiam o que vocês têm dentro do lar?

Marco (casal 6) – É uma riqueza. A melhor fase que a gente vive do relacionamento da gente é hoje, de estar casado. Acho que a certeza que a gente queria era de fato morar junto; a privacidade da gente.

Danilo já havia sido casado com outro homem, foi um relacionamento longo, mas não era um casamento ‘tradicional’, uma família ‘tradicional’. Ele conta que não havia nada em casa, apenas um colchão, duas grades de cerveja, uma televisão e uma geladeira que vivia vazia. Era casamento adolescente, diz e le; casamento, família tradicional, ele tem agora com Pedro. São as rotinas de contas pra pagar, compromissos a cumprir. Danilo diz que cresceu num lar onde tudo era comemorado em família: natal, páscoa, são joão etc.

Danilo (casal 5) – Eu passei um bom tempo sem ter aquela tradição, então eu disse: ‘vou encontrar uma pessoa e vou manter aquela tradição que minha família me deixou’. Então eu acho que ser família é ter as tradições,

independentemente de ser homem ou mulher, é cumprir todas aquelas datas comemorativas.

Hoje Danilo e Pedro (que cresceu em um lar onde não se festejava datas comemorativas), festejam ‘tradicionalmente’ todas as datas. No início Pedro não dava muita importância, hoje afirma que vê nisso o sentido de uma família, de um lar.

Diante de todas essas falas e sentidos sobre família, percebemos que os casais homossexuais nem sempre têm rompido com o modelo hegemônico de família. Na maioria dos recortes que aqui foram apresentados, podemos constatar uma busca para se incorporar ao mesmo padrão familiar da dita família tradicional. Esse movimento de tentar incorporar esse modelo, talvez se deva ao pensamento de que, ao assumir uma postura de uma configuração familiar detentora de direitos, se possa conquistar respeito e legitimação social em um contexto brasileiro atual que, diante das diferenças de modelo, tem se mostrado tão intransigente especialmente por determinados grupos religiosos.

Luiz Mello (2005) afirma que alguns setores da sociedade, como alguns grupos religiosos, apresentam ainda resistências constantes que interferem na efetivação dos direitos humanos mais básicos para gays e lésbicas; como o direito à liberdade de orientação sexual e de serem reconhecidos como uma família.

Um exemplo disso é o recente projeto que tramita no congresso nacional (como já mencionado nesse trabalho) que deseja especificar o que é família, tendo inclusive, aprovado em 2015 o estatuto da família pela câmara dos deputados em Brasília¹⁴⁷. Tal estatuto afeta, diretamente, um grande número de famílias brasileiras, dentre elas as famílias formadas por um casal com orientação homossexual que, diante de tal estatuto, passam a ser inviabilizadas.

Pesquisadora – Vocês estão sabendo sobre o projeto de lei da família tradicional?

César (casal 4) – Eu não tô muito a parte disso não.

Daniel (casal 4) – Eles colocaram uma enquete em âmbito nacional e isso nos diz respeito muito, porque visibiliza ou invisibiliza a nossa condição de família. Eu particularmente milito nessa área de direitos humanos, eu trabalho na área acadêmica, eu também tenho família e eu busco, até de acordo com os parâmetros que a gente tem hoje normativos, do plano de convivência familiar e comunitária, trabalhar isso incessantemente. Não que a gente deva querer mudar a cabeça das pessoas a força, nada disso não, mas trazer a reflexão sobre o processo histórico de lutas e conquistas, de

¹⁴⁷ Ver nota de rodapé nº 73

reconhecimento, de lutas por direitos mesmo, né, que não é fácil e que isso é um grande retrocesso.

Querer negar direitos básicos a quem quer que seja ou a qualquer grupo, se constitui em uma afronta ao Estado democrático de direitos. Ser compreendido como família pelo grupo social, conforme Luiz Mello (2005), é uma reivindicação dos homossexuais a partir do momento em que eles também se entendem como família

Por meio da constituição de casais conjugais, cujos membros geralmente se auto definem como uma família, os homossexuais passam a desvincular-se dessas representações sociais e reivindicam não mais apenas o direito à cidadania, em nível individual, mas também, o direito à constituição de grupos familiares. (MELLO, 2005, p. 200).

São famílias, porque assim se definem e assim desejam ser reconhecidos.

Pesquisadora – vocês são uma família?

Daniel (casal 4) – Eu considero. Por tudo que a gente construiu junto. Uma família hoje em dia se percebe para além de ter filho ou não. Envolve afetividade, envolve uma estabilidade da relação, envolve como esse casal se coloca perante a sociedade, várias coisas, então pra mim isso é família

Os sentidos construídos pelos casais, ou pela mesma pessoa talvez não sejam os mesmos (e que bom que não são, haja vista a enorme multiplicidade de possibilidades), porque como já foi dito, família é palavra para se escrever, ler e entender e se viver no plural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A primeira coisa que eu gostaria de dizer é que esse último tópico da dissertação está longe de ser o ponto final. Não o encaro e nem poderia encará-lo como um capítulo conclusivo, porque realmente está muito longe disso, na verdade, aqui penso ser o espaço para deixar as minhas inconclusões, meus questionamentos, meu caminhar; meu desejo que novas e outras pesquisas sejam feitas a fim de lançarem novos olhares e outros saberes a respeito de uma temática que, ao meu ver, é tão antiga, mas ao mesmo tempo tão atual.

Quando penso no caminhar dessa pesquisa, percebo o quanto amadurecemos juntos, eu e ela. O projeto, que me fez entrar no mestrado, foi polido através das orientações sábias e precisas de Jorge Lyra a fim de que juntos¹⁴⁸, eu e ele, pudéssemos construir algo mais palpável, algo que eu já pudesse enxergar onde iria chegar. Foi assim que surgiu o projeto de qualificação que amarrava mais as ideias do que eu intentava pesquisar. O projeto apresentado na qualificação abordava a temática da adoção de crianças e adolescentes por casais homossexuais masculinos, mas, mais uma vez, outras orientações igualmente sábias e precisas se juntaram à de Jorge para nos fazer amadurecer uma vez mais; eram os apontamentos da Anna Uziel e do Benedito Medrado que fizeram com que eu e Jorge optássemos por modificar o caminho; já não trabalharíamos mais com adoção, mas sim com famílias. Divisei então com mais clareza onde iria chegar, achando que conseguia visualizar o ponto final da jornada, mas... eu estava errada. Não há um ponto final, como também não há apenas um caminho, os caminhos são diversos (assim como as configurações familiares) e o ponto de chegada? O ponto de chegada é sempre o ponto de partida para novas e infinitas caminhadas.

Nesse processo, durante as orientações, co-orientações e trocas nas reuniões do grupo de pesquisa e nas disciplinas cursadas me foram recomendadas várias leituras, nem todas foram incluídas nas referências desse trabalho, mas certamente contribuíram enormemente para que eu me aproximasse mais das temáticas; muitas delas eu não tinha visto na graduação nem na especialização.

Então, como já foi dito, eu amadureci, me transformei durante o processo de escrita, fui afetada e provocada não só pela temática, e pelos textos que li, mas especialmente por

¹⁴⁸ Falo no plural porque entendo que essa produção jamais se deu só pelas minhas mãos. Sempre foi uma construção conjunta: minha, de Jorge, do gema e de todos que contribuíram enormemente para que as ideias se materializassem em palavras.

cada casal com quem conversei, por cada história que escutei, pelos afetos que vi e senti e, especialmente, pelo que aprendi com todos eles. Uma vez li em um texto da poetisa capixaba Elisa Lucinda que todo mundo tem o seu preconceito; no final ela indagava: e você? Onde está o seu? Até ir ao encontro desses casais, eu ainda não tinha me feito essa pergunta, mas o que importa é que me fiz, respondi e entendi que nem toda família é monogâmica, nem toda relação começa com amor, nem todo casamento tem sexo e nem toda descoberta perpassa pela dor.

Então, com esses amadurecimentos, o objeto dessa pesquisa se modificou, não trabalharia mais com adoção, mas sim com famílias formadas por um casal com orientação homossexual. E como seria importante para mim trabalhar com essa temática quando o Brasil é chamado a responder uma enquete sobre o que pode ser considerado como família; quando a câmara dos deputados em Brasília, aprova o estatuto da família, especificando (e repetindo) o modelo heterossexual, monogâmico como o único a ser reconhecido como família, invisibilizando assim uma infinidade de configurações familiares que ficam à margem desse estatuto, sendo grosseiramente tocadas em seu mundo privado e tolhidas em seus direitos públicos, sociais e civis.

Ao contrário de projetos e estatutos como esse, Maria Consuelo Passos (2005) vem afirmar que, de fato, o que precisa ser feito é considerar e se entender família através de uma ética relacional, que viria proteger e assegurar direitos para todas as formas de família; impedindo assim maus tratos e cerceamento de direitos para toda uma geração excluída do seu lugar de cidadania através das bases de um preconceito histórico.

Ao se propor que as famílias sejam pensadas e consideradas a partir dessa ética, se deseja que as demandas afetivas dos sujeitos que compõem essas famílias, sejam levadas em conta e, assim, sejam reconhecidas e legitimadas as diversas configurações, bem como respeitadas a variedade de motivações que iniciam os agrupamentos familiares (PASSOS, 2005).

Esta ética deve estar assentada, portanto, nas diferentes formas de conjugalidade, parentalidade e filiação que configuram um contexto familiar baseado nos laços de afeto. Seus princípios adviriam não mais das leis gerais quem fundamentam a ordem familiar patriarcal, mas das novas redes que sustentam as relações de afeto nas novas famílias. (PASSOS, 2005, p. 34).

O recente estatuto da família, só vem demonstrar uma antiga (mais ainda atual) compreensão equivocada sobre a união entre pessoas. Parece que três grandes eixos se confundem quando se tenta (de)limitar e assim ditar o que é família, a “legitimação estatal, a sanção da conjugalidade heterossexual e a benção religiosa” (UZIEL *et al.*, 2006b, p. 206). Esta, a meu ver, é uma das grandes questões quando se discute família. É preciso desconstruir essa tríade equivocada e ilegítima, uma vez que o Estado não teria que sancionar obrigatoriamente¹⁴⁹, algo que já é legitimado entre duas ou mais pessoas; a conjugalidade ou as uniões heterossexuais estão longe de ser as únicas faces possíveis de família e, aliás, ainda de acordo com Uziel *et al.* (2006b) esta configuração de família nuclear tem se tornado a cada dia mais minoritária; e a religião não deve ditar deveres ou direitos na sociedade brasileira; uma vez que vivemos sob a bandeira da laicidade, que diz que cada um pode ter a crença religiosa que quiser, se quiser, e viver sob a égide dos princípios dessa crença, se assim o desejar; mas não impor esses preceitos para outras pessoas.

Compreendemos, entretanto, que diante da discussão de família e de casamento (que muitas vezes andam juntos no patamar do desejo, como foi possível observar nas narrativas de muitos interlocutores¹⁵⁰) não há como ser extremista sem invisibilizar o desejo de alguns. Entendemos que em um estado democrático, os direitos e deveres devem ser iguais a todos. Se duas ou mais pessoas afirmam ser uma família, não cabe ao Estado, à religião nem outra instância validar ou negar essa nomeação. Nem negar direitos, nem fazer deles uma obrigação para que sejam reconhecidos. Que o reconhecimento social, civil, político e societal ocorra, quando ele já existe entre duas ou mais pessoas.

Uma questão que não tive condições de abraçar completamente nesse trabalho, devida a necessidade de focar no objeto dessa pesquisa a fim de cumprir com os prazos de um mestrado, mas que penso (de acordo com a intensidade com que surgiu nos relatos dos casais) que deveria ser mais explorado; diz respeito ao impacto emocional e comportamental que as reações dos familiares (especialmente das mães e dos pais) tem sobre o homossexual que conta sobre sua orientação sexual à sua família. Pude perceber que a reação familiar (especialmente das figuras parentais) apresenta uma ligação direta nos filhos, não apenas na forma de se colocarem no mundo, mas também em como vivem suas novas experiências familiares com seus companheiros.

¹⁴⁹ Entendemos, no entanto, que esse direito deve se fazer valer para aqueles que o desejarem.

¹⁵⁰ Ver o tópico 5.2.1 – Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento.

Essas reflexões que pude fazer não apenas quando transcrevia as narrativas, mas também enquanto escrevia essa dissertação, me afetaram profundamente. Não apenas pela veia acadêmica da pesquisa, de desbravar novos horizontes, de continuar a caminhada, elaborando mais porquês e, quem sabe, mais inconclusões para mim e para outros pesquisadores; mas sobretudo porque também fui afetada no pessoal, pelas experiências que já vivi e pelos reflexos e sombras dessas experiências que, de certo modo, modelaram e transformaram a forma dos meus passos e minha caminhada até aqui.

Mas o ponto final é necessário ao menos aqui, agora, no papel. Essa nova/outra temática, no entanto, continuará, se não por mim, por outros/as pesquisadores/as (quem sabe) em outros próximos capítulos.

7. REFERÊNCIAS

BAHIA, Alexandre Gustavo Melo Franco; VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. ADI N. 4.277–Constitucionalidade e relevância da decisão sobre união homoafetiva: o STF como Instituição contramajoritária no reconhecimento de uma concepção plural de família. **Revista Direito GV**. v. 9, p. 65 – 92, 2013.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. *Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa ambiental comunitária*. PUCPR: [s.n.]. 2011

BAUER, Martin W.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Entrevista Narrativa**. In: BAUER, M.; GASKELL, G.. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, Simone De. **O Segundo Sexo**. [S.l.]: Difusão Européia do Livro, 1967. 2 v.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil** (promulgada em 5 de outubro de 1988). Organização do texto: Antônio Luiz de Toledo Pinto. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2011. 79p. Vade Mecum.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual. **Cadernos pagu** v. 21, n. 2003, p. 219 - 260, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. A inocência e o vício: du coté de Chez Proust. **Physis** v. 2, n. 1, p. 37 – 59, 1992.

COSTA, Tereza Maria Machado Lagrota. **Adoção por pares homoafetivos: Uma abordagem jurídica e psicológica**. Juiz de Fora, MG: Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Vianna Júnior. Retirado em v. 8, p. 82, 2006.

DE MENEZES, Joyceane Bezerra. A Família na Constituição Federal de 1988: uma instituição plural atenta aos direitos de personalidade. **Novos estudos jurídicos** v. 13, n. 1, p. 119–132, 2009.

DIAS, Maria Berenice. União homossexual: aspectos sociais e jurídicos. **Revista brasileira de direito de família** n. 4, p. 7–13, 2000.

_____. A família homoafetiva e seus direitos. **Revista do Advogado, AASP** p. 14, 2007a.

_____. **Manual de Direito das Famílias**. 4. ed. Porto Alegre: Editora Revista dos Tribunais, 2007b. 688p.

_____. Família Homoafetiva. **ESTUDOS GAYS** v. 3, p. 39 – 63, 2009.

DINIZ, Maria Helena. **Compêndio de Introdução à Ciência do Direito**. 5ª ed. atualizada, São Paulo: Saraiva, 1993.

FANTON, Marcos. Sujeito, sociedade e linguagem: uma reflexão sobre as bases teóricas da pesquisa com narrativas biográficas. **Civitas–Revista de Ciências Sociais** v. 11, n. 3, 2011.

FONSECA, Cláudia. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. **Pesquisando a família: Olhares contemporâneos** p. 55–68, 2004.

FONSECA, Cláudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e sociedade** v. 14, n. 2, p. 50–59, 2005.

_____. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu** n. 29, p. 9–35, 2007.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

FREITAS, Corina Bomtempo Duca. Os Comitês de Ética em Pesquisa: Evolução e Regulamentação. In: **Revista Bioética**, v. 6, nº 02, 1998.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril cultural: Brasiliense, 1985. 128 p. .

GERGEN, Kenneth J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** v. 6, n. 1, p. 299–325, 2009

GRANHA, Renata Souto Perdigão; LUSSAC, Roberta Lemos. Dois pais e uma mãe: Prevalência da filiação biológica ou da socioafetiva? In: XIX ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI/UFC, 2010, Fortaleza. Anais. p. 6917 – 6933.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 1999. 503 p. .

GRMEK, Mirko. O enigma do aparecimento da Aids. **Estudos Avançados** v. 9, n. 24, p. 229–239, 1995.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **cadernos pagu** v. 21, n. 24, p. 261–280, 2003.

HAMAD, Nazir. O que constitui a família? O exemplo da adoção. **Cadernos de psicologia - Adoção** p. 4 – 12, 2004.

HERNÁNDEZ, Jimena de Garay; SILVA, Daniele Andrade Da; UZIEL, Anna Paula. A luta pelo amor e o amor pela luta: notas sobre a cerimônia coletiva de uniões homoafetivas no Rio de Janeiro. **Sociedade e Cultura** v. 15, n. 2, p. 369 – 377, 2012.

IBAÑEZ, Thomaz. Constructing a representation or representing a construction? **Theory and Psychology**, n.4, p.363-381, 1994.

KUSANO, Susileine. **Da família anaparental: do reconhecimento como entidade familiar**. Monografia – Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2010. 40 p.

LOPES, José Reinaldo de Lima. O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas. **Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos** v. 2, n. 2, p. 64–95, 2005.

MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Comunicação, Saúde, Educação** v. 4, n. 8, p. 11–26, 2001.

MEDRADO, Benedito. **O Masculino na Mídia: Repertórios sobre Masculinidades na Propaganda Televisiva Brasileira**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997. 110 p.

MELLO, Luiz. Familismo (anti) homossexual e regulação da cidadania no Brasil. **Revista Estudos Feministas** v. 14, n. 2, p. 497–508, 2006.

_____. Outras famílias: A construção social da conjugalidade. **cadernos pagu** v. 24, p. 197–225, 2005.

MÉLLO, Ricardo Pimentel *et al.* Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade** v. 19, n. 3, p. 26–32, 2007.

MINAYO, Maria. Cecília. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2010.

MORAIS, Caroline De; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Entrevista narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 2009, Caxias do Sul - RS. **Anais...** Caxias do Sul - RS: [s.n.], 2009.

MORAES, Maria Lygia Quartim De. A nova família e a ordem jurídica. **cadernos pagu** v. 37, p. 407–425, 2011.

NAHRA, Cinara. Os novos filósofos da lei natural e a visão cristã sobre a homossexualidade. **Bagoas: Estudos gays - Gêneros e sexualidades** v. 1, n. 1, 2007.

NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano Do; TAVANTI, Roberth Miniguine Tavanti; PEREIRA, Camila Claudino Quina Pereira. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em pesquisas científicas. **A Produção de Informação na Pesquisa Social: Compartilhando Ferramentas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 247 – 294.

NOGUEIRA, Conceição. Construcionismo social, discurso e gênero. v. 15, p. 43 – 65, 2001.

_____. Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero. **Cadernos de Pesquisa** v. 112, p. 137–153 , 2001.

PASSOS, Maria Consuelo. Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. **Psicologia Clínica** v. 17, n. 2, p. 31–40, 2005.

PEDROSO, Regina Célia. Utopias penitenciárias projetos jurídicos e realidade carcerária no Brasil. **Revista de História** n. 136, p. 121–137, 1997.

PEREIRA, Cláudia Moraes e Silva; SCHIMANSKI, Edina. A família homoafetiva na perspectiva dos estudos de gênero. In: FAZENDO GÊNERO 10: DESAFIOS ATUAIS DO FEMINISMO, 2013, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: [s.n.], 2013.

PETRINI, João Carlos; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos De; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Família na contemporaneidade: uma análise conceitual. v. 83, p. 14 , 2009.

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 156 – 187.

POESCHL, Gabrielle; VENÂNCIO, Joana; COSTA, Daniel. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia** v. 26, n. 1, p. 33–53, 2012.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio Dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em estudo** v. 12, n. 2, p. 247–256, 2007.

RASERA, Emerson F.; GUANAES, Carla; JAPUR, Marisa. Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. **Psicologia: Reflexão e Crítica** v. 17, n. 2, p. 157–165, 2004

RASERA, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a Psicologia. **Paidéia** v. 15, n. 30, p. 21–29, 2005.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertiooga a Beijing. **Revista Estudos Feministas** v. 3, n. 2, p. 446–457, 1995.

RIOS, Roger Raupp. A homossexualidade e a discriminação por orientação sexual no direito brasileiro. **Revista de Ciências Jurídicas** v. 2, n. 2, p. 383 – 408, 2001.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais**. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 105 p.

SÁNCHEZ, Darío de Js Gómez. *Personagens literários e preconceito homossexual*. Salvador: [s.n.], 2012

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista Da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** n. 17, p. 124–148, 2014.

SPINK, Mary Jane. A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica. **Revista Semestral da Faculdade de Psicologia da PUCRS** v. 31, n. 1, p. 7–22, 2000.

_____. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. 1 v. .

_____. Pessoa, Indivíduo e Sujeito: Notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. **Psicologia Pessoal e Pessoalidade**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), 2011. p. 1–22.

_____. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano - aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. 264 p.

_____; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 1 – 21.

_____; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22 – 41.

_____; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 42 – 71.

_____ ; LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade: a explicitação dos passos de interpretação. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 71 – 99.

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade** v. 15, n. 2, p. 18–42, 2003.

TORRES, Marco Antônio. Os significados da homossexualidade no discurso moral-religioso da igreja católica em condições históricas e contextuais específicas. **Revista de Estudos da Religião** v. 1, p. 142–152, 2006.

UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam. Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. **Revista Estudos Feministas** v. 14, n. 2, p. 481–487, set. 2006a.

_____. **Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas**. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 2002. 183 p.

_____. Homossexualidades e formação familiar no Brasil contemporâneo. **Revista Latino Americana em Estudo Familiar** v. 1, p. 104 – 115, 2009.

_____ *et al.* Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. **Horizontes Antropológicos** v. 12, n. 26, p. 203–227, 2006b.

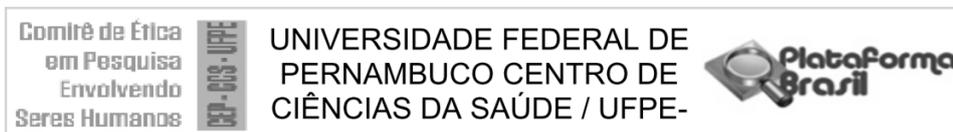
VILHENA, Junia De *et al.* Que família?: provocações a partir da homoparentalidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade** v. 11, n. 4, p. 1639–1658, 2011.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do (a) pesquisador (a). **Movimento (ESEF/UFRGS)** v. 12, n. 2, p. 9–33, 2006.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades“ impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes antropológicos** v. 12, n. 26, p. 123–147 , 2006.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP do projeto Paternidade e cuidado nos serviços de saúde



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Paternidade e Cuidado nos Serviços de Saúde

Pesquisador: Mariana Azevedo de Andrade Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33295914.5.3001.5208

Instituição Proponente: INSTITUTO PAPAI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

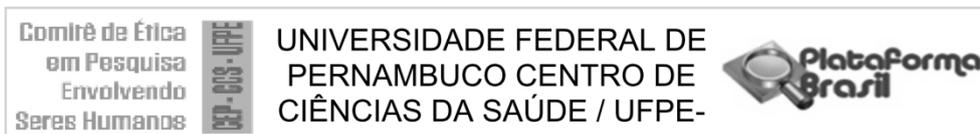
Número do Parecer: 748.653

Data da Relatoria: 13/08/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de pesquisa apresentado pelo Instituto Papai e pelo Grupo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades da UFPE. Sob a orientação da Coordenadora Geral do Instituto Papai, Mariana Azevedo de Andrade Ferreira e o Prof. Jorge Lyra do GEMA/UFPE e a coordenadora executiva Sirley Vieira. Esta proposta se insere no campo da garantia dos direitos reprodutivos e da melhoria do acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva. Tem como objetivo final, desenvolver estratégias para um maior envolvimento dos homens, especialmente os pais, nas consultas e demais ações de pré-natal e assistência obstétrica. As ações propostas neste projeto se organizam em torno de quatro grandes eixos: Pesquisa, Comunicação, Formação e Incidência política. O eixo de pesquisa procura levantar informações, com homens em diferentes idades, sobre os processos em que estão envolvidos em ações de cuidado e auto-cuidado com a saúde, em particular questões ligadas a vida sexual e reprodutiva e situações de violência doméstica e sexual, cometidas contra crianças e adolescentes. As ações do projeto serão desenvolvidas no território de abrangência do Distrito Sanitário IV do município de Recife. Mais especificamente em sua micro-região 4.3, que compreende os bairros: Caxangá, Cidade Universitária e Várzea. Será aplicado um questionário e será realizada entrevistas com uma amostra representativa dos homens com idade entre 18 a 59 anos. O questionário versará sobre as atitudes, experiências e opiniões dos homens

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 748.653

sobre temas como: cuidado de si e de crianças, relação com os serviços de saúde e violências.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Realizar um diagnóstico e levantar demandas sobre o envolvimento dos homens no cuidado infantil e nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica.

Objetivos Secundários:

1. Aplicação de questionário e realização de grupos focais com homens na comunidade em duas ondas, no início e no fim do projeto com o objetivo de compreender os vários lugares que os homens assumem como cuidadores de crianças e quais os sentidos produzidos sobre violência contra crianças e adolescentes cometida pelos cuidadores/as;
2. Entrevistas e grupos focais com profissionais e agentes comunitárias de saúde sobre a questão do envolvimento dos homens com a temática do cuidado e de situações de violência contra crianças e adolescentes;
3. Análise dos sistemas de informação ligados à violência contra crianças e adolescentes para conhecer e acompanhar alterações nos índices de violência contra crianças e adolescentes nas comunidades.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

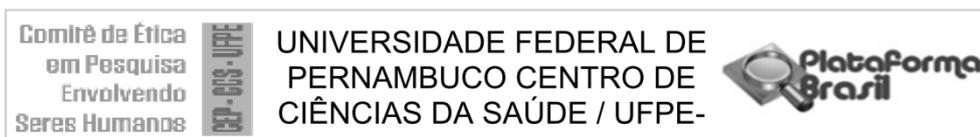
Riscos:

A participação neste estudo apresenta risco mínimo do ponto de vista da integridade física, social e emocional dos participantes (constrangimento). Como forma de minimizar a pesquisa será realizada em local reservado, de conformidade com a conveniência dos grupos participantes. Se por ventura, nas entrevistas algum constrangimento ou desconforto moral/emocional ocorrer ou for pelo participante revelado, este receberá orientação para buscar serviço adequado a sua necessidade.

Benefícios:

Esta pesquisa não prevê benefícios específicos diretos aos participantes. O principal benefício desta pesquisa é de natureza política e coletiva, na medida em que a divulgação dos resultados pode contribuir no desenvolvimento de políticas públicas. Ressalta-se que muitas pessoas se sentem beneficiadas em participar de pesquisas que focalizam problemas sociais e cujos resultados podem contribuir para transformações no campo dos direitos humanos. Além disso pesquisas no campo de gênero e sexualidade relatam, como benefício secundário, a satisfação dos

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 748.653

entrevistados em falar sobre questões íntimas e pessoais, para um profissional qualificado, dada muitas vezes a dificuldade em seu cotidiano de falarem sobre suas vivências relacionadas a temas tabus.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é viável porem precisa de correções, esclarecimentos e apresentação de outros documentos. O tempo de 3 meses para realizar o projeto parece muito curto em função da grande quantidade de pessoas envolvidas. Financeiramente o montante representa uma quantia considerável pois não demanda custos laboratoriais, visto que o projeto será baseado apenas em questionários e entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

adequados

Recomendações:

nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

nenhuma

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

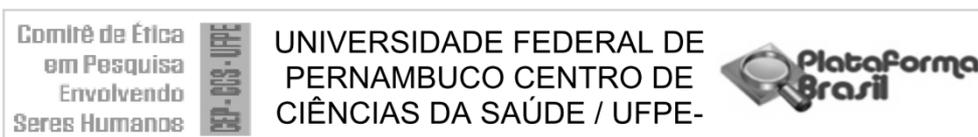
Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado aprovou o parecer do protocolo em questão e o pesquisador está autorizado para iniciar a coleta de dados.

Projeto foi avaliado e sua APROVAÇÃO definitiva será dada, após a entrega do relatório final, na PLATAFORMA BRASIL, através de "Notificação " e, após apreciação, será emitido Parecer Consubstanciado .

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-8588 **E-mail:** cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 748.653

RECIFE, 13 de Agosto de 2014

Assinado por:
GERALDO BOSCO LINDOSO COUTO
(Coordenador)

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do CCS
Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 Fax: (81)2126-8588 E-mail: cepccs@ufpe.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Duas vias: uma sob posse do pesquisador e outra do entrevistado.

Eu, _____, fui convidado/a e aceitei participar, como voluntário/a, da pesquisa sobre produção de sentidos sobre família, coordenada pela pesquisadora Ana Paula Pimentel. Recebi informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas que:

1. participarei deste estudo, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa;
2. minha participação neste estudo não trará nenhum dano à minha integridade física, social e emocional;
3. se por ventura, nas entrevistas, algum desconforto moral/emocional ocorrer ou for por mim revelado, receberei orientação para buscar serviço adequado à minha necessidade;
4. sempre que desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
5. minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista concedida aos pesquisadores;
6. o sigilo será garantido e não será revelado, em nenhuma circunstância, o nome de qualquer participante;
7. a divulgação das informações obtidas nesta pesquisa só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto;
8. a qualquer momento, poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;
9. as informações por mim fornecidas serão úteis para a produção de conhecimento na área da psicologia, gerando debates e publicações que podem contribuir para um melhor entendimento sobre famílias;

Recife, ____/____/20____.

Assinatura ou impressão digital: _____

Nome completo: _____

Entrevistadora - assinatura: _____

Nome completo da entrevistadora _____

Responsável legal (em caso de menor de idade) - assinatura: _____

Nome completo do/a responsável: _____

Responsável legal e local onde serão arquivados os dados decorrentes das gravações em áudio das entrevistas eventualmente produzidos: Prof. Jorge Lyra -

Endereço: Gema – Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades - Universidade federal de Pernambuco (UFPE) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 7º. Andar, Cidade Universitária. Recife/PE – Telefones p/contato: 2126.8270.

APÊNDICE B– MAPAS

Mapa – Casal 1

Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento	Entender-se homossexual	Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual	Produções de sentido sobre família
<p>Bruno – 8 meses depois a gente já decidiu morar junto. 2005 a gente se conheceu, 2006 a gente iniciou o processo de construir a nossa vida de casal, em comum. Então a gente foi organizando as coisas dentro de casa e vendo, na verdade, o que é que a gente queria fazer. A gente pautou em primeiro construir o nosso lar, ter a nossa casa.</p> <p>Bruno – O desejo da gente de aumentar nossa família já existia, mas a gente deixava ele guardado até porque a gente queria ter, não é riqueza, mas uma condição de poder dar o necessário, o suficiente pra os nossos filhos.</p> <p>Bruno – A partir do momento que eu disse ‘é ele que eu amo, é ele com quem eu quero viver minha vida’, então aí eu já fui agressivo; eu já fui ao ponto de: ‘se você tá comigo, por que você não vem</p>	<p>Anderson – Eu já tinha tido experiência com outro homem e estava tentando me libertar, apesar daquela coisa já estar mais formada na minha cabeça, a questão da aceitação. [...] Mas eu também era evangélico, isso me impressionava muito; de certa forma impactava bastante comigo.</p>	<p>Bruno – Nunca teve aquela história ‘ah mãe, é porque eu sou’, não. Nunca teve essa história com ninguém da minha família.</p> <p>Bruno – Como ela (mãe) decidiu ir e me deixou livre para fazer da minha vida o que eu quiser, eu não preciso dar satisfação a ela.</p> <p>Bruno – Quando a gente se uniu, que começou a nossa história, a gente voltou pra igreja; o que ficava sem nexos nenhum. Então a gente tinha essa luta do tipo, a gente se ama, a gente se gosta, e como é que tá acontecendo isso? Então a gente se culpava. A nossa oração era: vamos orar e pedir a Deus para nossa vida</p>	<p>Pesquisadora - como é que vocês se viam antes das crianças chegarem?</p> <p>Bruno – A gente tinha uma família só que eu, vou falar por mim, eu tinha uma família só que era como se tivesse faltando aquela ancorazinha pra prender ela naquele lugar e dizer assim: é família sim! [...] Depois da chegada dos meus filhos, eu criei esse gás de chegar pras pessoas e dizer que ele (Anderson) é meu companheiro.</p> <p>Pesquisadora – Quando as crianças chegaram?</p> <p>Bruno – Em 2012; e de lá pra cá a gente mostrou pro mundo a nossa família como uma família normal. Ela já existia, só que ela existia ali, caladinha; ela não queria os direitos dela, ela não queria fazer nada. E depois a gente começou, com toda luta. Já temos a nossa união civil feita; então a gente foi buscando, porque a gente tem uma família.</p>

<p>morar comigo? Então eu comecei a pressionar, aí ele veio passar uma semana, na outra ia pra casa da mãe; aí foi trazendo uma roupa, outra, trouxe tudo, aí foi ficando, já começou a não ir pra casa da mãe.</p> <p>Anderson – Foi quando surgiu a oportunidade de nós morarmos juntos, então eu não pensei duas vezes. Aqui não tá dando porque começou uma série de humilhações, no sentido dela falar...porque ela bebia na época, antes dela se converter, então eu escutava muita coisa.</p>		<p>ficar melhor, porque se não for certo a gente ficar junto, que a gente se separe. Vamos colocar na mão de Deus, porque a gente não consegue.</p> <p>Anderson – Minha mãe, logo após eu contar, ela se converteu porque achava que o fato de eu ser gay seria algo demoníaco. Então ela se converteu e começou a fazer aquela peregrinação religiosa em termos de mover tudo para me salvar, me libertar desse mal. E a situação foi ficando cada vez mais complicada.</p> <p>Bruno – Minha mãe gosta muito dele (do companheiro, Anderson). Minha mãe respeita porque eu exigi esse respeito, porque se eu desse brecha ela iria olhar pra ele diferente; e com o passar do tempo ela foi vendo que ele é uma pessoa que não quer meu mal; que não quer me levar pro mal caminho, que é o que as famílias pensam na verdade. Essa superproteção eu entendo que é por conta disso.</p>	<p>Antigamente a gente dizia ‘não, não vamos fazer não’; mas a gente foi atrás dos nossos direitos. Não é direito? Então eu quero!</p> <p>Bruno – Eu sinto até dificuldade de dizer assim família, porque a gente vê assim família de uma forma tão tradicional pras pessoas aí fora, e a minha família, ela não é tradicional. [...] é uma família totalmente diferente, que foge do padrão pra todo mundo; que a gente sabe que ninguém quer.</p> <p>Pesquisadora – Como é que vocês entendem família?</p> <p>Anderson – Família é quando a gente se adota afetivamente.</p>
--	--	--	--

Mapa – casal 2

<p align="center">Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento</p>	<p align="center">Entender-se homossexual</p>	<p align="center">Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual</p>	<p align="center">Produções de sentido sobre família</p>
<p>Charles – Era um sentimento diferente, uma sensação de...sabe quando você tá procurando alguma peça perdida e você finalmente acha? Pronto. Não sei explicar. Era alguma coisa inconsciente, intuição, não sei.</p> <p>Pesquisadora – O que fez vocês acharem que era o momento de terem um relacionamento?</p> <p>Márcio – É porque eu tive medo de perder ele pela segunda vez, entendeu? Porque da primeira vez a gente se afastou e eu não queria que ocorresse isso de novo. Aí foi por isso que eu disse ‘eu vou namorar com ele’.</p> <p>Charles – Com relação a nós é uma relação de casal, de família, na vera; porque peter é o filho; o gatinho é o filho. É assim que eu encaro a gente, como família.</p> <p>Márcio – A gente tem planos de se casar.</p> <p>Charles – Na verdade a gente já tem a declaração.</p>	<p>Pesquisadora – E como foi a descoberta da homossexualidade? Foi algo conflituoso ou tranquilo para vocês?</p> <p>Charles – Comigo eu acho que foi bem fácil. Conversando com outros amigos eu percebi que eles passaram bem mais problemas do que eu. Eu achei até bem natural da minha parte porque foi ao mesmo tempo que outra amiga. Minha melhor amiga também tava se descobrindo, então acho que por ter um acompanhamento assim, dois amigos se descobrindo ao mesmo tempo, ficou bem natural pro meu lado. [...] o que demorou muito</p>	<p>Charles – Na minha família é aquela velha questão, ‘não pergunte, não fale’. Quando eu realmente percebi que eu sou gay eu nunca quis esconder, até porque eu tenho irmãos homens héteros e ficava muito nítida a diferença. Tipo assim, meu irmão trazia a namorada e eu não trazia ninguém. Eu nunca fiz questão de esconder isso, eu sempre fiz questão de mostrar que ali tinha uma diferença. Mas a minha família chegou ao ponto de assim ‘eu não pergunto, mas você também não fala e a gente age como tal’. E é assim até hoje.</p> <p>Márcio – Eu cheguei pra</p>	<p>Charles – Com relação a nós, é uma relação de casal, de família na vera, porque peter (o gatinho de estimação) é o filho. O nosso gatinho é o filho. É assim que eu encaro a gente, como família</p> <p>Pesquisadora – Como é que vocês entendem família?</p> <p>Charles – Família é a segurança que você tem de voltar pra casa e saber que tá protegido, seguro, que tá com quem ama. É o porto seguro</p>

<p>Pesquisadora – E como foi essa ideia de fazer a declaração?</p> <p>Charles – A ideia surgiu assim, foi a necessidade. Ele tava precisando ir no médico e a consulta era muito cara, pelo plano era bem mais barata, e caiu na sorte da empresa onde eu trabalho reconhecer casais homoafetivos a ponto de colocar como dependente, só que precisava dessa declaração; aí a gente fez a declaração, deu entrada e conseguiu colocar como dependente, como cônjuge.</p> <p>Pesquisadora – E mudou alguma coisa pra vocês, ter esse papel nas mãos?</p> <p>Márcio – Eu gostei, sei lá, era o que eu queria; alguma que dissesse assim: ‘ah, a gente só não mora junto, agora realmente é’.</p>	<p>foi o meu posicionamento comportamental, político, de dizer assim: ‘eu sou e é assim que eu sou’. Demorou, mas quando veio, veio bem forte.</p> <p>Márcio – Comigo a aceitação foi tranquila também, sem problemas; mas essa parte política, meu comprometimento assumidamente gay, eu acho que eu adquiri mais com ele. Eu era meio desligado dessas coisas, ele que trazia pra mim.</p>	<p>minha mãe e disse que eu era gay, aí ela foi e contou pro meu pai. Então eles sempre souberam que eu era assumidamente gay; mas era apenas os meus pais e minha irmãs; eles escondem isso, não comentam com o restante da família</p>	
--	--	--	--

Mapa – casal 3

<p align="center">Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento</p>	<p align="center">Entender-se homossexual</p>	<p align="center">Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual</p>	<p align="center">Produções de sentido sobre família</p>
<p>Guilherme – O que nos fez unir foi a sexualidade, mas o nosso objetivo é amizade mais do que de irmãos.</p> <p>Leônidas – Hoje eu encontrei um irmão, hoje nós somos irmãos</p> <p>Guilherme – Não temos relacionamento sexual nenhum</p> <p>Leônidas – A gente dorme na mesma cama, mora na mesma casa, mas não tem relacionamento sexual nenhum</p> <p>Pesquisadora – E como é isso pra vocês?</p> <p>Guilherme – É tranquilo. Eu não tenho problema nenhum. Não existe ciúme, não existe nada.</p> <p>Leônidas – É uma família, a verdadeira família; família da alma, aquela que a gente não nasceu junto.</p>	<p>Guilherme – Nunca tive problemas com isso, nunca tive.</p> <p>Leônidas – Ah, eu comecei a despertar por volta dos 14 anos, foi quando eu tive meu primeiro namorado mesmo. A gente passou dois anos e meio super próximos; só que era engraçado, eu fazia ele dar em cima da minha irmã, pra minha família não desconfiar [...] a gente saía, depois deixávamos ela em casa e saíamos nós dois; e ficava nesse esquema.</p> <p>Pesquisadora – Então quando você conheceu Guilherme, tua homossexualidade já estava posta?</p> <p>Leônidas – sim.</p> <p>Guilherme – Só no meio social, na família não. Pra você ter uma</p>		<p>Leônidas – Em 2001 a gente acabou e ficou uma amizade muito grande, um carinho muito grande. A gente percebeu que sexualmente não dava mais. [...] Hoje eu chamo de irmão (Guilherme), amigo irmão. Aquele que a gente conhece, se aproxima e nunca mais se solta. É uma afinidade de almas total.</p> <p>Pesquisadora – Como vocês se veem hoje?</p> <p>Leônidas – Como uma família, é a verdadeira família, família da alma. Aquela que a gente não nasceu junto.</p>

<p>Leônidas – Eu passo mais tempo em casa realmente, eu sempre digo, ‘olha, tô saindo agora, volto tal hora’, raramente eu passo dessa hora. Porque nesses dois anos tá sendo assim. Aí eu falo pros meus amigos que até Guilherme estar totalmente livre desse curativo, eu não vou pra lugar nenhum.</p> <p>Pesquisadora – Como foi que surgiu essa ideia do casamento?</p> <p>Guilherme – Foi o seguinte, se eu por acaso, morrer, os bens eu deixo para ele; e ele a mesma coisa. Tudo certinho, sem problema nenhum.</p> <p>Leônidas – Um das minhas amigas estão há 20 anos morando juntas; aí, uma delas teve um problema sério de saúde, se operou, teve parada cardíaca. Então esse susto fez ela despertar e foram e casaram; a gente só soube depois do que aconteceu. Eu falei com Guilherme, aí Guilherme disse que a gente tinha que fazer um negócio desses pra garantir.</p>	<p>ideia, nós tínhamos duas amigas que eram um casal. A mais velha se apresentava na casa dele como minha noiva e a outra como namorada dele, porque o pai dele morreu sem saber.</p>		
--	---	--	--

Mapa – casal 4

<p align="center">Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento</p>	<p align="center">Entender-se homossexual</p>	<p align="center">Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual</p>	<p align="center">Produções de sentido sobre família</p>
<p>Daniel – A gente sempre ficou junto, na minha casa ou na dele; até que em poucos meses a gente decidiu desfazer a minha casa e reorganizou tudo. Em três ou quatro meses a gente já tava com tudo morando aqui.</p> <p>César – Eu, na verdade, nunca gostei de estar com um e com outro, não é minha praia. Eu queria uma pessoa que eu pudesse compartilhar; compartilharmos juntos toda essa vida que a gente tem, nossos trabalhos. Qualquer tipo de relacionamento hoje, ele deveria e deve ser desse jeito; tanto hétero como gay, deve ser desse jeito.</p>	<p>Daniel – Eu não tive problemas de auto aceitação, de me sentir mal comigo mesmo, de me culpar. Não tinha isso.</p>	<p>César – Na minha família, nunca precisei dizer que eu era gay; eles sempre me respeitaram, tanto minha mãe, quanto meu pai. Eu falo isso até hoje quando minha mãe me faz uma pergunta: ‘meu filho, cadê sua garota?’, aí eu falo: ‘mamãe, você sabe o filho que você tem’. Daí por diante ela nunca mais perguntou nada. Absolutamente nada.</p> <p>Daniel – Minha mãe tem um jeito de falar algumas coisas bem fortes, desagradável. [...] Hoje em dia ela justifica numa questão religiosa o preconceito dela, e fala que não é de Deus, é pecado e tudo o mais.</p> <p>Daniel – A gente já tem na academia, na ciência, várias questões que deixaram isso pra trás. E a gente tem conservadores aí brigando e embasando na religião. Nós separamos igreja e Estado no início da república; é inconcebível então. A gente tem que avançar muito na democracia e no respeito à diversidade e à diferença religiosa e seja mais o que for. Eu posso ter a minha, mas não posso querer impor ao outro. Estamos falando de Estado, então é preciso reconhecer essa diversidade.</p>	<p>Pesquisadora – Como vocês entendem família?</p> <p>César – Eu acho que família é uma coisa afetiva, uma coisa que a gente sente amor, que a gente adota pra gente.</p> <p>Pesquisadora – Vocês estão sabendo sobre o projeto de lei da família tradicional?</p> <p>César – Eu não tô muito a parte disso não.</p> <p>Daniel – Eles colocaram uma enquete em âmbito nacional e isso nos diz respeito muito, porque visibiliza ou invisibiliza a nossa condição de família. Eu particularmente milito nessa área de direitos humanos, eu trabalho na área acadêmica, eu também tenho família e eu busco, até de acordo com os parâmetros que a gente tem hoje normativos, do plano de convivência familiar e comunitária, trabalhar isso incessantemente. Não que a gente deva querer mudar a cabeça das pessoas a força, nada disso não, mas trazer a reflexão sobre o processo histórico de lutas e conquistas, de reconhecimento, de lutas por direitos mesmo, né, que não é fácil e que isso é um grande retrocesso.</p>

Fortalecer um ao outro.			<p>Pesquisadora – vocês são uma família?</p> <p>Daniel – Eu considero. Por tudo que a gente construiu junto. Uma família hoje em dia se percebe para além de ter filho ou não. Envolve afetividade, envolve uma estabilidade da relação, envolve como esse casal se coloca perante a sociedade, várias coisas, então pra mim isso é família</p>
-------------------------	--	--	---

Mapa – casal 5

<p align="center">Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento</p>	<p align="center">Entender-se homossexual</p>	<p align="center">Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual</p>	<p align="center">Produções de sentido sobre família</p>
<p>Danilo – eu montei um lar com filhos caninos. Se eu pudesse, eu já era pai desde já, já ele não. Então assim, eu disse pra ele que independente dele, eu vou ser pai aos 35 anos, e aí eu dei o tempo dele aceitar ou não. Porque eu tenho minha independência, eu sou funcionário público. Eu acho que eu já conquistei tanta coisa na minha vida, que eu acho que agora, 35 é a idade estável pra ser pai. Então eu tento me aproximar de um lar para meu futuro filho.</p> <p>Pedro – Eu fui casado seis anos mais o convívio do carinho, de completar é que eu digo que eu tenho hoje. A gente se completa a nível de organizar a casa, de comprar um negocinho que um gosta, de ajeitar. A situação de lar, hoje eu tenho como lar, mas foi construindo junto com ele, porque eu nunca tive.</p>	<p>Pedro – Todo o meu contexto era hétero, eu não tinha amigos gays. Até tinha amigos gays, mas amigos de trabalho que não sabiam da minha posição, entendeu? [...] eu nunca tinha ido a uma boate, eu nunca tinha saído com um gay, eu nunca tinha tido amizade com um gay para conversar, trocar experiências, tudo começou depois dele.[...] Foi um pouco de choque de realidade, porque eu comecei a conviver e era muito complicado. Quando a gente saiu pela primeira vez pra ir pra boate, quando ele pegou na minha mãe, eu soltei, me assustei [...] Hoje eu já encaro com mais naturalidade, mas no início foi muito complicado. Foi um choque, né?</p> <p>Pedro – Foi um trabalho longo e dolorido. Eu sempre camuflei muita coisa. Eu tinha uma vida muito ativa na igreja, então a igreja já tinha os seus preconceitos, a minha mãe também, então eu também não me aceitava. Na minha cabeça era uma coisa que eu podia administrar de outra forma.</p> <p>Pedro – Em terapia eu comecei a me</p>	<p>Pesquisadora – Vamos falar então de descobertas. Como foi esse momento de descoberta, de reconhecimento? Vocês em algum momento expuseram isso pra alguém, pra família?</p> <p>Danilo – Minha mãe foi uma dessas pessoas que queria ouvir da minha boca. [...] Eu disse: ‘mãe, sou gay’, ela disse: ‘o que você quer que eu faça?’ É a única coisa que eu disse: ‘eu só espero um abraço’.</p>	<p>Pesquisadora – Como vocês entendem família?</p> <p>Danilo – Família é aquela que bem vive, é aquela que consegue se amar suficientemente para vencer todas as barreiras: a barreira financeira, a do preconceito. Acho que o amor acima de tudo.</p> <p>Danilo – Hoje eu tenho um casamento tradicional, uma família tradicional</p> <p>Pesquisadora - Danilo, eu queria te fazer uma pergunta, você usou os termos casamento tradicional, família tradicional. O que é isso pra você?</p> <p>Danilo – O tradicional é cumprir os seus deveres, continha de luz, as responsabilidades, o amadurecimento da coisa. Eu digo tradicional porque a gente consegue montar um lar com estrutura, com direitos e deveres como todo casal heterossexual, homossexual deveria ter. [...] O tradicional é isso pra</p>

	<p>trabalhar, a me aceitar enquanto homossexual pra eu poder assumir alguma coisa [...] aí foi quando eu cheguei pra minha ex -esposa e disse ‘olha, não dá mais, eu sou gay. Eu não aguento mais tá vivendo a sua vida, a vida da minha mãe, da família, a vida da igreja, eu quero viver a minha vida.’ Foi quando eu dei o pontapé e decidi.</p> <p>Pesquisadora – Danilo, e você? Como foi o teu processo de auto reconhecimento?</p> <p>Danilo – Foi a fase da adolescência. Eu sempre fui muito namorador com meninas, mas chegou um determinado tempo que eu senti a atração, o desejo físico por meninos. [...] Eu sabia que tinha alguma coisa diferente. A minha primeira paixão foi um menino um pouco mais velho, tinha uns 18 anos, eu tinha 15 e ele me aceitou, ele notou e rolou o primeiro beijo; e ali pra mim foi onde tudo começou. Então eu cheguei em casa, tomei uma cartela de A.S infantil que eu achava que ia dar algum resultado [...] eu achava que ia morrer, mas só vomitei. O comprimido bateu e voltou. Então eu tentei esse suposto suicídio porque uma vez meu pai na mesa, no café da manhã, disse que preferia ter um filho ladrão, assassino do que ter um filho viado; e isso me chocou muito naquele momento.</p>		<p>mim, é seguir a tradição, independentemente de qualquer coisa. Os deveres e os direitos de ser um cidadão pra sociedade.</p> <p>Danilo – Eu passei um bom tempo sem ter aquela tradição, então eu disse: ‘vou encontrar uma pessoa e vou manter aquela tradição que minha família me deixou’. Então eu acho que ser família é ter as tradições, independentemente de ser homem ou mulher, é cumprir todas aquelas datas comemorativas.</p>
--	---	--	---

Mapa – casal 6

<p align="center">Primeiros passos da união e informações sobre o relacionamento</p>	<p align="center">Entender-se homossexual</p>	<p align="center">Questões que se colocaram como dificuldades para a vivência da relação homossexual</p>	<p align="center">Produções de sentido sobre família</p>
<p>Marco – eu nunca sofri um preconceito na rua ‘ah, viadinho’, até porque eu sempre fui muito mais discreto, então assim, nunca sofri esse preconceito não, mas já sofri muito o preconceito calado, sabe? De não poder abraçar. Hoje não, hoje as coisas são mais tranquilas; se a gente tiver que dar um abraço aqui, a gente vai dar; se quiser dar um beijo, não tem problema nenhum. Hoje é mais tranquilo, mas também não é uma relação feito você e seu marido na rua, entende?</p> <p>Rubens – Eu costumava vir pra cá, jogar com os amigos, foi quando a gente se conheceu, o período de namoro da gente foi bem rápido, mas a gente seguiu tudo após o namoro, a gente seguiu tudo corretamente, no seu devido lugar, a gente noivou e em seguida a gente casou.</p> <p>Marco – A vontade de casar foi essa</p>	<p>Pesquisadora – E a tua descoberta Marco? Como foi esse processo pra você?</p> <p>Marco – O meu caso é muito complicado. Eu namorei, quase era noivo de meninas. Tudo isso na minha cabeça. Eu sabia que sentia atração por pessoas do mesmo sexo, mas eu me negava, pela minha religião, minha família, a sociedade, enfim. [...] Foi com uns 20 anos que eu despertei, mas mesmo assim eu não me aceitava porque tudo foi muito rápido. Meu primeiro beijo foi com meu primeiro namorado. Tudo pra mim foi muito novo, foi um choque e eu terminei e acabei voltando a ficar com mulheres.</p>	<p>Pesquisadora – Vamos falar então de descobertas. Como foi esse momento de descoberta, de reconhecimento? Vocês em algum momento expuseram isso pra alguém, pra família?</p> <p>Marco – Eu tentei dizer a minha mãe, mas ela não foi aceitando muito. Ela achava que era uma fase minha, que iria passar. [...] Pra minha mãe era uma coisa passageira.</p> <p>Pesquisadora – Marco, você disse que até cogitou ser padre, me fala mais disso.</p> <p>Marco – Acho que a questão de ser padre foi a paixão que eu tinha, e que ainda tenho pela igreja católica. Mas também era uma forma de sair dessa, de não mais viver uma relação que eu não queria viver [...] porque eu sabia que eu nunca ia conseguir amar, me apaixonar por nenhuma mulher; então eu ia viver uma coisa infeliz e também não queria viver algo que pra mim era</p>	<p>Pesquisadora – Como é que vocês entendem família?</p> <p>Marco – Pra mim família... eu sou uma família, né? Eu e Rubens somos uma família. Eu acho que família não é genética, não é DNA. Eu acho que família é aquilo que a gente constrói, é com quem a gente pode contar no meu dia a dia, uma pessoa que eu preciso, que passe as dificuldades comigo, os momentos de alegria. Nos momentos que eu estive doente, em que ele esteve, nós estávamos ali, um pro outro; financeiramente, alegre, triste, enfim.</p> <p>Pesquisadora - Como é que vocês nomeiam o que vocês têm dentro do lar?</p> <p>Marco – É uma riqueza. A melhor fase que a gente vive do relacionamento da gente é hoje, de estar casado. Acho que a certeza que a gente queria era de fato morar junto; a privacidade da gente.</p>

<p>mesmo: distância e, com o decorrer do tempo, a vontade de construir uma família. Enfim, algo natural de todo relacionamento, a vontade de morar junto, a vontade de construir algo que não é só meu e nem só dele, mas algo nosso.</p> <p>Marco – A vontade de casar foi essa mesmo: distância e, com o decorrer do tempo, a vontade de construir uma família. Enfim, algo natural de todo relacionamento, a vontade de morar junto, a vontade de construir algo que não é só meu e nem só dele, mas algo nosso.</p>		<p>um pecado abominável. Então a busca de ser padre, para mim, era uma salvação. Essa é a palavra certa, sabe? De me salvar desses dois lados que me conflitavam muito.</p> <p>Marco – Eu tive que ser muito compreensivo de entender que minha mãe tinha outra cabeça, vivia em outro mundo. A religião é muito forte, muito presente na vida dela; mas eu disse pra mim mesmo e pra ela que eu tinha que viver a minha vida, independente se ela ia aceitar ou não.</p>	
---	--	---	--